

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

CIEJAs

NA CIDADE DE SÃO PAULO

Identities, Culturas e Histórias





**CIDADE DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO**

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Bruno Covas

Prefeito

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - SME

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação

Minéa Paschoaleto Fratelli

Secretária Adjunta de Educação

Malde Maria Vilas Bôas

Secretária Executiva Municipal

Omar Cassim Neto

Chefe de Gabinete

CIEJAs

NA CIDADE DE SÃO PAULO

Identities, Culturas e Histórias



COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Daniela Harumi Hikawa - Coordenadora

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - DIEJA

Thaís Cristiane Padilha - Diretora

EQUIPE TÉCNICA - DIEJA

Adriana Fernandes da Silva
Cláudio Santana Bispo
Wilians de Araujo

REVISÃO TEXTUAL

Cláudio Santana Bispo

ORGANIZAÇÃO

Milena Marques Micossi - Coordenadora Pedagógica da RMESP

PROJETO EDITORIAL

CENTRO DE MULTIMEIOS

Magaly Ivanov - Coordenadora

NÚCLEO DE CRIAÇÃO E ARTE

Ana Rita da Costa
Angélica Dadario
Cassiana Paula Cominato
Fernanda Gomes Pacelli - Projeto Gráfico
Simone Porfirio Mascarenhas - Editoração

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.

CIEJAs na cidade de São Paulo : identidades, culturas e histórias. – São Paulo : SME / COPED, 2020.

192 p. : il.

ISBN 978-65-00-24225-6 (digital)

Bibliografia

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA). 3. Educação de adultos – História. I. Título.

CDD 22. ed. 374.1

Código da Memória Documental: SME12/2021
Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede – CRB-8/5877



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

Disponível também em: <educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br>

CARO(A) LEITOR(A),

Caro(a) leitor(a),

É com muita satisfação e alegria que a equipe da Divisão de Educação de Jovens e Adultos - DIEJA – apresenta a publicação: **CIEJAs na Cidade de São Paulo: Identidades, Culturas e Histórias**. Trata-se do registro histórico dos dezesseis Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos da cidade, um documento construído a muitas mãos por seus profissionais.

São narrativas que apresentam o processo de ressignificação por que passaram as equipes dos antigos Centros Municipais de Ensino Supletivo – CEMES –, até a consolidação do modo de trabalho e atendimento que os CIEJAs oferecem atualmente aos nossos estudantes que, por razões diversas, tiveram o direito à educação negado em algum momento das suas vidas.

Como bem indica o título, a publicação também anuncia a diversidade e a pluralidade das identidades, culturas e histórias desses sujeitos sociais – inseridos nos diferentes territórios da cidade –, os quais buscam nos CIEJAs um espaço de reconhecimento, acolhimento, integração e de construção de conhecimentos, levando-os à inserção aos bens culturais e às progressões das aprendizagens necessárias à sua formação integral no século XXI.

A leitura revela o compromisso das equipes em atender às necessidades e especificidades desses estudantes que, muitas vezes, vivenciam a exclusão e a invisibilidade social em seu dia a dia, e que encontram nos CIEJAs o acolhimento, o apoio, o encorajamento e a força para continuar lutando por dias melhores. O relato de uma estudante do CIEJA Campo Limpo ilustra muito bem essa estreita e afetiva relação entre os estudantes e as equipes: *“Cheguei no CIEJA com muitas feridas, hoje tenho orgulho das minhas cicatrizes”*.

Este e muitos outros relatos tecem uma leitura enriquecida de afetividade e de práticas exitosas que legitimam o trabalho de equipes envolvidas e comprometidas com a educação de qualidade aos nossos estudantes jovens, adultos e idosos da Cidade de São Paulo.

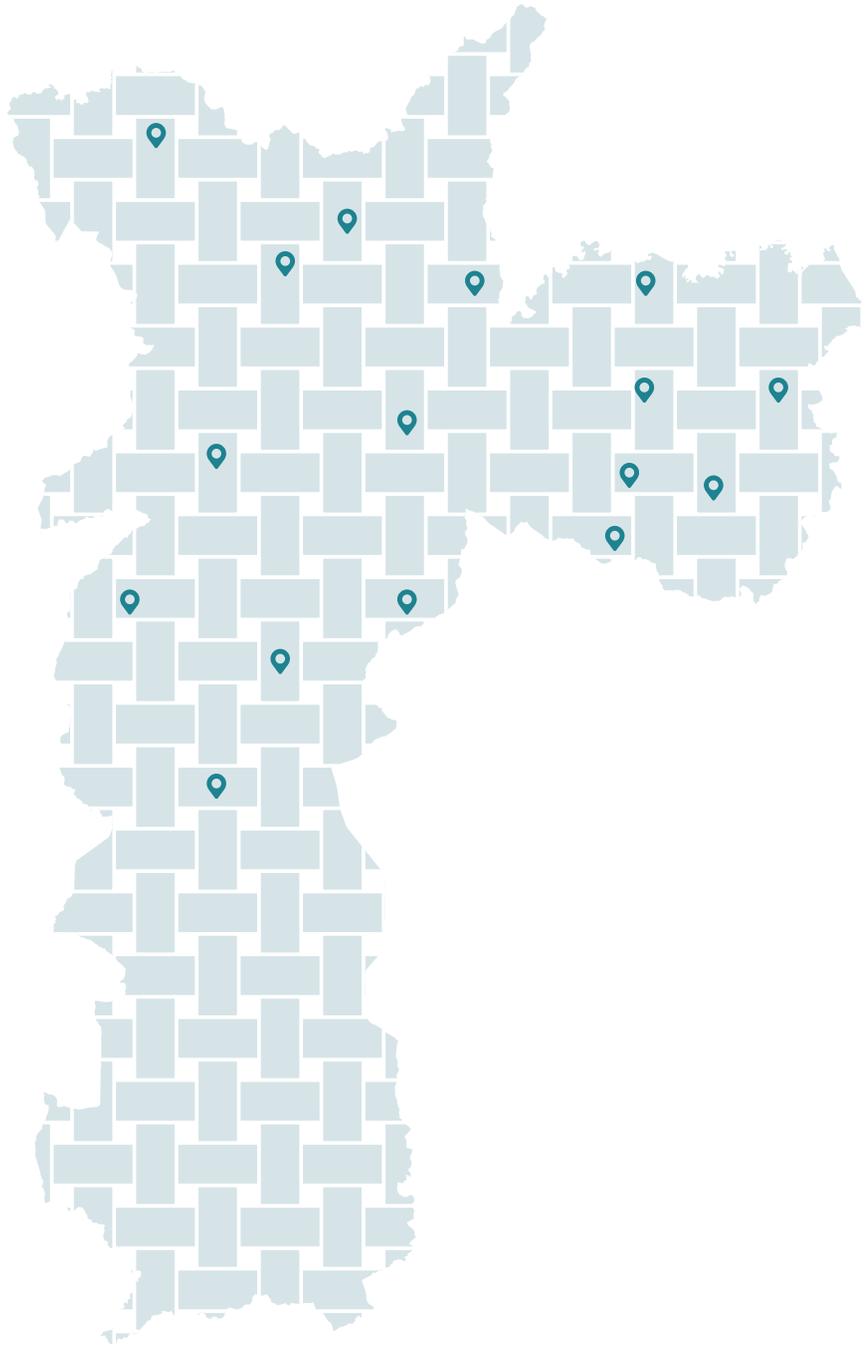
Boa leitura!

Equipe COPED - DIEJA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO -----	7
1. CIEJA CAMPO LIMPO - Um lugar a frente do seu tempo!-----	21
2. CIEJA CLÓVIS CAITANO - Um manifesto-história-----	31
3. CIEJA ERMELINO MATARAZZO - A resignificação dos espaços e o compartilhamento de saberes: um novo olhar sobre as práticas pedagógicas na educação de jovens e adultos-----	36
4. CIEJA FRANCISCO HERNANI - Práticas e desafios do CIEJA Francisco Hernani na perspectiva de educação inclusiva-----	46
5. CIEJA IGUATEMI I - Histórico-----	55
6. CIEJA ITAQUERA - De CEMES a CIEJA Itaquera: Um caminho repleto de desafios! -----	66
7. CIEJA ALUNA JÉSSICA NUNES HERCULANO - Do tijolo à aula on-line: uma história dialógica de construção de saberes-----	78
8. CIEJA LÉLIA GONZALEZ - Polo irradiador da educação na diversidade -----	88
9. CIEJA PROFESSORA MARLÚCIA GONÇALVES DE ABREU - Projeto de conhecimento, autonomia e reflexão: Marlúcia revisita o passado... -----	99

10. CIEJA PERUS I - Territórios educativos de lutas e resistências -----	112
11. CIEJA PROFESSORA ROSA KAZUE INAKAKE DE SOUZA - Uma comunidade de aprendizagem, construindo sentidos e significados-----	122
12. CIEJA PROFESSORA ROSE MARY FRASSON - Território da diversidade -----	133
13. CIEJA SANTANA/TUCURUVI - O que fomos, o que somos e nossas construções para a EJA -----	139
14. CIEJA SAPOPEMBA - História e memória: anos de luta na construção de uma educação popular-----	148
15. CIEJA PAULO EMÍLIO VANZOLINI - Diversidade e resistência -----	158
16. CIEJA VILA MARIA/VILA GUILHERME - Ciejópolis: a metrópole do saber -----	168
17. Os grandes desafios dos CIEJAs -----	178
Referências bibliográficas -----	188
Contatos dos CIEJAs -----	190



APRESENTAÇÃO

Esta publicação tem como principal objetivo apresentar para a Rede Municipal de Ensino de São Paulo - RME/SP em particular, e para os (as) interessados (as) em geral, os Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos - CIEJAs.

Os CIEJAs são equipamentos públicos municipais criados para garantir direitos aos jovens e adultos que não puderam estudar na intitulada "idade certa" e atuam na direção de cumprir as três funções principais da Educação de Jovens e Adultos previstas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para essa modalidade, quais sejam: *reparar, qualificar e equalizar* as aprendizagens.

Atualmente, a RME conta com dezesseis CIEJAs, cujo público são pessoas acima de 15 anos até qualquer idade, nos períodos matutino, vespertino e noturno, com jornadas de estudo de 2h15 diárias. Localizam-se nas periferias da cidade com o intuito de atender à população em maior vulnerabilidade, a qual foi sistematicamente excluída de seus direitos, visando combater, por meio do acesso à educação pública de qualidade, todas as formas de preconceito ou discriminação entre pessoas com diferenças de cultura, etnia, cor, identidade de gênero, orientação sexual, nacionalidade (imigrantes e refugiados), origem e posição social, profissão, religião, opinião política, deficiência ou outra diversidade.

Os CIEJAs têm sua ação educativa fundamentada nos princípios da universalização de igualdade de acesso, permanência e sucesso no ensino fundamental e disponibiliza um espaço intraescolar formador, buscando oportunizar a qualificação profissional, com os objetivos de:

I - proporcionar instância de mediação, não como único espaço educativo, que utiliza espaços e situações de aprendizagem intra e extraescolares, mas que reconhece e valoriza os conhecimentos que os jovens e adultos trazem da vida em sociedade, do trabalho e de outras circunstâncias;

II - favorecer o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao contexto profissional e ao saber fazer, saber ser, saber aprender e saber conviver;

III - realizar a inclusão configurada no princípio de igualdade, pilar fundamental de uma sociedade democrática e justa: a diversidade requer a peculiaridade de tratamentos para que não se transforme em desigualdade social;

IV - considerar a diversidade da condição do estudante, atender às dimensões do desenvolvimento, acompanhando e facilitando um projeto de vida, desenvolvendo o sentido de pertencimento;

V - propiciar meios adequados de acesso e permanência ao Ensino Fundamental e Itinerário Formativo aos Jovens e Adultos, em acordo com o disposto nas Constituições Federal e Estadual, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no Estatuto da Criança e do Adolescente, do Idoso, nas Diretrizes da Secretaria Municipal de Educação – SP, observadas, em cada caso, a legislação e as normas especificamente aplicáveis.

Esperamos, por meio dos relatos presentes neste material, ser possível conhecer o trabalho dos diferentes CIEJAs que, para além das intencionalidades já descritas, possuem singularidades e ações importantes nos territórios em que estão inseridos.

Sobre a história

Os CIEJAs são oriundos dos antigos Centros Municipais de Ensino Supletivo - CEMES –, criados por meio do decreto 33.894 de 16 de dezembro de 1993, como um projeto que visava atender à demanda por Ensino Fundamental Supletivo na Cidade de São Paulo, em consonância com os princípios da Lei Nº 5.692/71 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de erradicar o analfabetismo no país, estendendo a Educação Básica a todos os cidadãos.

Os principais objetivos do CEMES eram:

- Atender, por meio de metodologia, estrutura e funcionamento próprios, jovens e adultos que não tivessem tido acesso ou concluído, na época própria, a escolarização regular, respeitando a disponibilidade de tempo, características e ritmo de aprendizagem de cada estudante;
- Garantir aos estudantes apropriação dos conhecimentos e habilidades consideradas primordiais para o Ensino Fundamental;
- Proporcionar aos estudantes condições para o desenvolvimento de sua consciência social, crítica e responsável, capaz de fazê-los perceberem-se sujeitos de sua própria educação e cidadãos transformadores da sociedade.

O atendimento nos CEMES, das 7h30 às 22h30, era feito de forma semi-presencial. O estudante retirava as chamadas “unidades de estudo” (apostilas), estudava e as retornava, de acordo com suas possibilidades, para a avaliação referente ao conteúdo estudado. Desta forma, cada estudante tinha seu tempo de “percurso” para a conclusão do Ensino Fundamental.

Por ser um projeto, os CEMES precisavam ser submetidos anualmente à avaliação e autorização de funcionamento feito pelo Conselho Municipal de Educação - CME.

Adotou-se, portanto, ensino e atendimento personalizados, de acordo com o ritmo de aprendizagem individual, num processo dinâmico e flexível, configurando-se numa forma alternativa de oportunizar escolarização aos jovens e adultos que não frequentaram os espaços escolares na época em que tinham direito ou, por algum motivo, deles foram excluídos.

Por meio de horários flexíveis e frequência diária não obrigatória no Ciclo II, permitia-se que o estudante se debruçasse sobre os estudos nos seus momentos disponíveis e as exigências da carga horária de cada disciplina eram cumpridas por meio dos conteúdos condensados em fascículos denominados “unidades de estudo”. Submetidos às avaliações que garantiam promoção para módulos posteriores, os estudantes contavam com intervenções pedagógicas para esclarecimento de dúvidas.

Uma equipe de professores capacitados disponibilizava momentos individuais para sanar dúvidas, mas também momentos coletivos com projetos tematizados e contextualizados de acordo com a realidade dos estudantes, cabendo-lhes, então, a oportunidade de participação e a construção do seu conhecimento.

A partir do parecer CME 10/02, aprovado em 07/11/2002, foi publicado o decreto 43.052 de 4 de abril de 2003, em que os CEMES passaram a denominar-se Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos - CIEJAs.

O atendimento começa a ser presencial, oferecido em 4 módulos desenvolvidos em 8 semestres; o horário de funcionamento, das 7h30 às 22h15, dividido em 3 períodos (manhã, tarde e noite) passa a contar com 6 possibilidades de horários.

Apesar da mudança da denominação e do atendimento presencial, os agora CIEJAs eram considerados um projeto de ensino da Rede Municipal e, como tal, dependiam de avaliação e autorização de funcionamento emitidas anualmente, o que gerava medos e incertezas a professores e estudantes ligados a ele.



No ano de 2007, os gestores dos CIEJAs, frente à possibilidade de fechamento, reúnem-se e elaboram o documento que ficou conhecido como “Projeto CIEJA 2008”, no qual, a partir de debates, visitas e construção coletiva, chegam a um formato de CIEJA que atendesse ao que era desenvolvido no CEMES, assim como o que cada Centro fazia em diferentes pontos da cidade, todavia com o potencial de acolhimento da EJA de maneira presencial. Neste momento, a metodologia por projetos foi o condutor das equipes, resultando na organização do trabalho didático por áreas de conhecimento, na criação do itinerário formativo, nas aulas de informática e no estímulo a parcerias com equipamentos ao redor das unidades, dentre outras ações.

Com o parecer CME 151/2009, aprovado em 05/11/2009 e publicado em 27/11/2009, os CIEJAs passam a ser considerados uma modalidade de ensino da RME - SP, afastando para sempre o “fantasma” da extinção do projeto.

Como consequência desta aprovação, os CIEJAs passam a ter carga horária, matriz curricular, processos de avaliação, promoção e certificação próprios, fazendo com que, na Cidade de São Paulo, seja considerado um projeto inovador, autônomo e promissor no atendimento das condições, dos tempos e dos espaços diferenciados adequados à Educação de Jovens e Adultos.

Como qualquer instituição que tem como principal “objeto de trabalho” o ser humano, os CIEJAs estão em constante mudança para adaptarem-se às novas demandas e aos recursos tecnológicos, sempre com objetivo de ajudar na formação de cidadãos críticos e conscientes, promovendo assim, por meio do trabalho diário, o resgate da autoestima, fundamental para que pessoas até então excluídas e injustiçadas possam voltar a sonhar.

Em 2012, com a publicação da Lei 15.648 de 14/11/2012, o projeto CIEJA tornou-se um programa de grande importância e contribuição à Educação de Jovens e Adultos na Cidade de São Paulo. Em dezembro de 2012, foi publicado o Decreto 53.676 de 28/12/2012 que regulamentou a referida Lei e, posteriormente, publicadas alterações por meio do Decreto 54.531 de 29/10/2013. Desde então foram montadas comissões para estudar e regulamentar o funcionamento dos CIEJAs, demonstrando que as reflexões sobre sua prática pedagógica na EJA estão em constante desenvolvimento. Em dezembro de 2017, foi publicada a Portaria nº 9.032 de 04/12/2017, que estabeleceu normas complementares para o funcionamento dos CIEJAs, regulamentando dessa forma os Decretos ora publicados.

Formações e diálogos

A característica do coletivo de CIEJAs da Cidade de São Paulo é buscar consonância entre as diferentes práticas realizadas no Centro e, desde a época dos CEMES, na medida do possível, efetivar trocas que pudessem proporcionar pontes entre as ações realizadas em cada território.

Desde 2019, com vistas a ampliar o diálogo entre os CIEJAs e aprendermos com suas experiências nos diferentes territórios, intensificamos tais trocas por meio de encontros mensais com a equipe gestora em cada uma das unidades, a partir de um cronograma construído coletivamente.



Foto: Daniel Cunha - FOVE - CM - COPED - SME

Encontros formativos dos gestores dos CIEJAs da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, com Eda Luiz, Coordenadora Geral do CIEJA Campo Limpo, durante 20 anos; Marilene Camargo e Iraci Ferreira Leite, lideranças do MOVA; Pedro Pontual, presidente honorário do Conselho de Educação Popular na América Latina e Roberto Catelli, pesquisador da EJA e coordenador do Programa de Educação de Jovens e adultos da Ação Educativa (CIEJA CL, 13/03/2020)



Apoiados nos diálogos estabelecidos, surgiram duas iniciativas importantes que proporcionaram a visibilidade deste equipamento na Rede Municipal de Ensino: a organização do 1º. Seminário de Práticas dos CIEJAs e a escrita coletiva deste livro.

O 1º *Seminário de Práticas dos CIEJAs: A garantia dos direitos e a qualidade da educação de Jovens e Adultos*, evento histórico na demarcação da trajetória da EJA nesta forma de atendimento, ocorreu no dia 09/11/2019, no campus da UNINOVE, com a presença das equipes dos dezesseis CIEJAs da Cidade de São Paulo, e um público de 300 pessoas. No evento, houve apresentações de trabalhos pedagógicos, vivências, nutrições culturais, palestras, dentre outras possibilidades de trocas de experiências. No final, apontou-se a necessidade de registrar a história dos CIEJAs, seus desafios e sobrevivências, assim como suas particularidades dentro da Rede Municipal, já que a todo momento torna-se necessário delimitarmos as especificidades que os distinguem da escola regular.



Apresentação do Coral do CIEJA Sapopemba com participação da comunidade ciejense no 1º Seminário de Práticas dos CIEJAs (09/11/2019)

O momento de deixar registrada a nossa história chegou, para além das formações mensais, ou do 1º Seminário de Práticas dos CIEJAs.

Este livro nasce como levantamento de parte das histórias de cada um dos Centros Integrados, de cada momento importante que este projeto passou ao longo dos seus 27 anos de existência. Agora, depois de “tecido”, apresentará para a toda a Rede Municipal de Ensino de São Paulo como os Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos funcionam e quais são suas principais características.

Ademais, é o resultado de muito trabalho coletivo, pois mesmo com a cidade em quarentena devido à pandemia causada pela COVID-19 e junto com o aprofundamento das dificuldades de nossos(as) ESTUDANTES, foi tecido por muitas mãos e representa um pouco do nosso legado que tem uma maneira peculiar de confluir para o propósito do direito à Educação de Jovens e Adultos.

Buscar dar visibilidade a essa trajetória de luta dos CIEJAs pela defesa dos direitos dos(as) estudantes da Educação de Jovens e Adultos é importante não só para essa forma de atendimento, mas também para as quatro outras modalidades oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação, a saber: a EJA Regular, a EJA Modular, o CMCT e o MOVA, destacando, de maneira geral, a relevância da EJA como parte atuante e viva da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

Fios da memória...

Agora que você já conhece a nossa trajetória, apresentaremos algumas das pessoas que, desde a época do CEMES, fizeram a diferença e lutaram para que os CIEJAs existissem em nossa cidade.

Eda Luiz (Dona Eda, ou Tia Eda)

73 anos, 50 anos de educação, 30 anos de EJA e 20 anos de CIEJA Campo Limpo (1998 a 2018).

Mulher, mãe, avó, amiga, acolhedora, inquieta, persistente, teimosa, generosa, desde criança sabia o queria ser quando crescesse: PROFESSORA.

“Minhas brincadeiras infantis sempre foram brincar de ESCOLINHA.

O tempo foi passando, primário, ginásio, normal... Em 1968 ingressei na



escola pública rural... Alguns anos depois cheguei à capital paulista e desde cedo questionava algumas/muitas normas da educação: salas A, B, C, D, Z...) formadas por idade, classe social e econômica? Sem planejamento coletivo ou até mesmo individual, currículo baseado no livro didático, sem diálogo com a comunidade ou com os pais? Entre tantas outras questões, depois de muita luta, não aguentei e me exonerei.

Quando ingressei na Prefeitura de SP conheci uma nova realidade: a EMEF tinha projeto, planejamento coletivo, salas formadas por saberes, colegas/amigas parceiras, gestão participativa que dava liberdade, autonomia e responsabilidade.

Em 1998, fui convidada a participar do processo seletivo para o cargo de Coordenadora Pedagógica em um novo projeto para a EJA pelo reconhecimento do meu trabalho diferenciado, executado na escola noturna. O projeto era o CEMES (Centro Municipal de Ensino Supletivo), amor à primeira vista! Projeto no qual poderia criar, ousar, mas no decorrer perceberam que teria que mudar a organização e a metodologia. Já como Coordenadora Geral, juntamente com outros quatro Coordenadores Gerais e equipe de SME/SP, nos reunimos para reformular o projeto.

Era o momento para inovar, ousar, criar, valorizar a EJA, estudar a LDB e teóricos brasileiros, para ter um novo projeto que atendesse e respeitasse, verdadeiramente, os estudantes da EJA.

Depois de muitas reuniões, encontros, desencontros, risos e lágrimas, o CIEJA surgiu para colocar em prática tudo que construímos: educação pública de qualidade com identidade, competência, autonomia, gestão democrática, conduta ética, engajamento político, participação da comunidade escolar, reconfiguração das práticas metodológicas e avaliativas, escuta atenta, diálogo aberto e rede intersetorial.

Tive muitas alegrias, mas isso não quer dizer que ao longo desses anos não tive muitas lágrimas, lutas, muita coragem... Mas foi nesse período que tive apoio de pessoas maravilhosas que se tornaram parceiras, amigas, conselheiras, verdadeiros gigantes que me ajudaram a enxergar longe...

A luta continua porque ser educadora é um ato político, amoroso de permitir a possibilidade de evolução."

Danielle Brasileiro do Prado Bohn Monello

Coordenadora Geral do CIEJA Aluna Jéssica Nunes.

“Comecei a trabalhar no CEMES em 12/08/1999 e atualmente sou a coordenadora geral do CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano na DRE Butantã (função que equivale à direção), realizando uma gestão democrática e participativa. Ingressei no CEMES por meio de processo seletivo na função de Assistente de Coordenador Geral. Em 2007, com aposentadoria da então Coordenadora Geral, houve um movimento do Conselho de Escola, reivindicando que eu passasse a assumir a função de Coordenadora Geral. Com a mudança de CEMES para CIEJA, a escola passou a atender um número muito maior de estudantes, aumentando a quantidade e a qualidade do atendimento àqueles com deficiência e em situação de vulnerabilidade.

Houve também um avanço no trabalho por área, que se fez necessário graças ao convívio social e diário entre os estudantes e a escola. Ou seja, ao longo deste período muitas mudanças de todas as ordens aconteceram.

O CIEJA conta com uma equipe sólida, que foi se formando e fortalecendo ao longo dos anos. Avalio que isso foi decisivo para as conquistas da Unidade Educacional e para a realização do meu trabalho a frente deste grupo. Atualmente, o CIEJA é contemplado com os recursos oferecidos pelas verbas dos Programas Dinheiro Direto na Escola - PDDE e de Transferência de Recursos Financeiros - PTRF. O transporte para os estudantes com deficiência também foi conquistado e é muito importante para a permanência deles. O perfil dos estudantes atendidos também foi se modificando, pois hoje o percentual de adolescentes cresceu bastante. A relevância do CIEJA na cidade se justifica por ser esta a única modalidade de ensino que oferece a possibilidade de estudo a trabalhadores em seis horários diferentes e com flexibilidade. Além da diversidade de horários, o fato de o estudante permanecer na escola menos tempo é decisivo para que muitos consigam completar o Ensino Fundamental. O trabalho que realizamos no CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano é muito importante para a Educação de Jovens e Adultos porque é organizado e realizado considerando a modalidade e a diversidade do público atendido, buscando dialogar com as suas trajetórias, seus saberes e expectativas, possibilitando a reconstrução da relação com o espaço escolar marcado pela exclusão”.



Luis Carlos Mazzarolo

Coordenador Geral do CIEJA Professora Rosa Kazue Inakake de Souza.

"Iniciei meu trabalho em 1997, ainda no projeto CEMES, como Assistente de Coordenação Geral, junto com a Professora Rosa Kazue Inakake de Souza, hoje nossa patronesse, onde organizamos e implantamos juntos o projeto CEMES na região de Guaianases. Fiquei na gestão até o ano de 2002, contribuindo para o processo de transição do projeto CEMES/CIEJA. Em 2005, retornei para o projeto novamente como Assistente de Coordenação Geral da Professora Rosa Kazue Inakake de Souza e seguimos trabalhando juntos até 2010, ano de seu falecimento.

A partir daquele ano, assumi a Coordenação Geral do CIEJA e permaneço até os dias atuais, desenvolvendo um trabalho que objetiva promover uma educação escolarizada de qualidade a todos os estudantes da Educação de Jovens e Adultos.

Como agente público da educação, o diferencial é poder fazer parte de um projeto em que, por meio do trabalho desenvolvido, possamos efetivar as políticas públicas de educação. Como parte da Equipe Gestora, é determinante o papel político de pensar, elaborar, encaminhar e salvaguardar uma proposta pedagógica que promova um processo de ensino-aprendizagem que atenda às necessidades de aprendizagem de todos os jovens e adultos que não tiveram acesso à educação escolarizada em idade própria.

A educação pública, de maneira geral, e a educação de jovens e adultos, em específico, precisam de propostas pedagógicas que sejam direcionadoras na perspectiva das reais necessidades e demandas dos estudantes, considerando que estes, principalmente da educação de jovens e adultos trazem, no contexto de vida, relações mais complexas, dada a natureza socioeconômica e a diversidade cultural na qual estão inseridos. Nesse sentido, todos aqueles que estiverem envolvidos no desenvolvimento de processos de trabalho didático-pedagógico devem trazer, na essência da concepção de educação, a atenção para as propostas que mais atendam a estes princípios.

O CIEJA é um projeto que, devido à sua flexibilidade de horários e organização, assegura maior possibilidade de acesso e permanência de jovens e adultos à educação escolarizada. Tendo em vista a estrutura do projeto, desenvolve-se a aproximação do jovem à sua história, ao mesmo tempo em que favorece um ensino-aprendizagem voltado para formação de habilidades e competências, construindo procedimentos com base na ética e preparação para cidadania."

Neide Zamboni

Coordenadora Geral do CIEJA Professora Rose Mary Frasson

“Recebi um grande presente ao ser convidada para assumir a Coordenação do CIEJA Professora Rose Mary Frasson em 2001, e percebi que ali estava uma grande oportunidade: associar um projeto de vida à realização profissional. O CIEJA Professora Rose Mary Frasson deu um sentido pleno não só para mim, mas com certeza, para todos que por aqui passaram. Os anos vivenciados, muito mais do que períodos letivos, comprovam que, por meio de uma gestão democrática, todos os projetos criados coletivamente enriquecem nossas vidas, mostrando ser possível existir uma escola séria, eficiente e ao mesmo tempo prazerosa, onde a felicidade pudesse estar todos os dias, respondendo presente, junto com toda comunidade escolar, professores, funcionários, estudantes e das inúmeras parcerias firmadas no entorno.

Foram inúmeras emoções proporcionadas por ex-estudantes que sempre nos procuravam para contar das novas conquistas pós-CIEJA e dos relatos dos familiares, principalmente daqueles que apresentavam deficiências físicas, intelectuais ou emocionais, e que através dos nossos projetos puderam ser realmente inseridos no mundo do trabalho e da cultura.

O fenômeno da juvenilização da EJA mostra que em algum momento houve falha da sociedade, da família e principalmente das escolas que um dia os excluíram. Acredito sinceramente que, na transição do CEMES para o CIEJA, o grande ganho foi o olhar de acolhimento e do afeto do dia a dia que proporcionaram tantos resultados transformadores. A gestão participativa associada à metodologia e didáticas apropriadas, assuntos significativos e inúmeras atividades extra-classes que sempre focaram a valorização do ser humano integral, abrindo-se às manifestações culturais populares, fizeram crescer o respeito às diferenças, possibilitando a cultura de paz que sempre foi um dos nossos pilares educativos.

Dialogando com outros CIEJAs, vimos que cada um, dentro do perfil de sua comunidade, foi trabalhando de forma a quebrar os paradigmas da escola tradicional. Através dos anos, questões de tempos e espaços foram sendo alterados. Uma nova forma de se fazer escola foi ‘inventada’ e dava certo! Uma escola viva, realmente em busca de oportunidades de inserção social foi possível. Toda a diversidade atendida pelo CIEJA se beneficiou com o projeto. Ele representa a oportunidade que faz falta para a Cidade de São Paulo, a população que honra essa cidade e que não tem outra chance a não ser as que são vivenciadas nos CIEJAs.

Portanto, mesmo aposentada, continuo repetindo o que sempre disse em cada oportunidade que me foi dada: ‘A Cidade de São Paulo precisa de mais e mais escolas que possam se organizar dentro das especificidades que esse



fazer pedagógico criou como resposta a tantas adversidades'. Usando minha frase antiga: 'Quando as adversidades nos obrigam a olhar e respeitar a diversidade, resultados bons aparecem'.

Embora eu tenha que registrar também que inúmeras foram nossas lutas em manter o que foi criado. Existe, infelizmente, um fantasma que parece ficar rondando com ameaças de engessar tudo e fazer do CIEJA mais uma escola igualzinha a tantas que não dão certo. Leis existem para serem cumpridas ou mudadas com coragem.

É necessário que possamos nos ancorar em muita coragem e sensibilidade para percebermos que o público dos CIEJAs não pode ficar sentado em fileiras, com aulas de quarenta e cinco minutos, com assuntos desconectados. São Paulo merece mais CIEJAs e os resultados positivos que estão frutificando através de suas experiências!"

Suely Leite Hatada

CIEJA Vila Maria/Vila Guilherme

"Iniciei no CEMES como professora de Ciências em fevereiro de 1996, quando inaugurou o CEMES/DREM 2. No início do ano de 1999 ocupei a função de Assistente Pedagógico até agosto de 2008, quando me aposentei. Em seguida atuei como Supervisora Escolar, no mesmo CIEJA. Em março de 2015 retornei ao CIEJA como Coordenadora Geral.

Inicialmente, trabalhei com o ensino à distância, com material impresso, sendo uma nova experiência e desafio como professora. Quando da transformação do CEMES em CIEJA, foi possível observar in loco as mudanças nas relações afetivas, entre professores e estudantes. Posso dizer que se tornou uma escola mais viva. Além disso, o processo ensino-aprendizagem se tornou mais humanizado, pois o nosso olhar voltou-se para a educação integral, por área de conhecimento e interdisciplinar.

Outro diferencial é participar de uma escola democrática, onde o estudante tem voz ativa e os professores participam de um único horário de JEIF, para estudo específico da Educação de Jovens e Adultos, em que podemos refletir sobre a nossa prática para a melhoria da qualidade da educação.

Acredito que uma escola voltada especificamente para a Educação de Jovens e Adultos atenda melhor às necessidades desses estudantes. O nosso trabalho é de acolhimento dos adultos e idosos que não tiveram oportunidade no tempo certo, dos jovens oriundos das EMEFs que não obtiveram sucesso nos estudos e das pessoas com deficiência, que foram excluídas do sistema educa-

cional regular. O horário reduzido de aulas nos CIEJAs atende a esses jovens e adultos que são trabalhadores e procuram o CIEJA antes ou depois de iniciar a sua jornada de trabalho. Pensando numa cidade como São Paulo, onde as pessoas cumprem jornada de trabalho em diversos horários (dia ou noite) é importante uma escola que atenda nos turnos da manhã, tarde e noite.

Um dos ganhos dessa modalidade presencial, como já disse, é uma escola viva, afetiva e acolhedora. No CIEJA, os estudantes reconhecem o quanto são capazes, a autoestima é sempre estimulada e a interação e integração entre todos é produtiva. Gestores, professores e estudantes aprendem uns com os outros.

Por isso, a importância dos CIEJAs na Cidade de São Paulo é de atender com qualidade os excluídos do sistema de ensino."

Themis Florentino Dos Santos

Coordenadora Geral (aposentada do CIEJA Sapopemba)

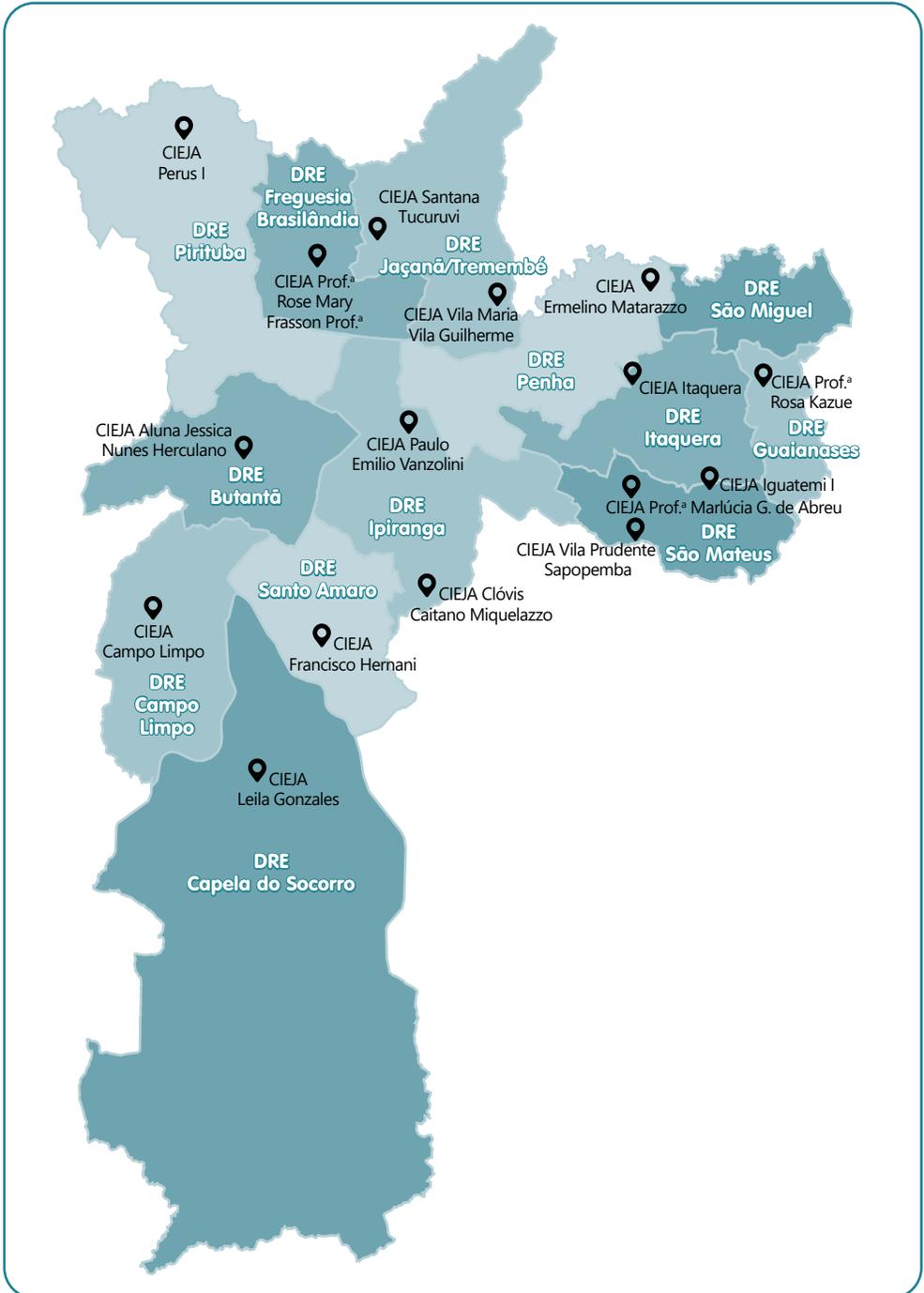
"Dentro da minha visão enquanto Gestora de uma Escola de Educação de Jovens e Adultos, fiz o meu melhor. Não deixei de fazer o necessário. Posso ter errado na forma, na condução, mas nunca por omissão. Não me acomodava nem estagnava, estava sempre buscando diferentes maneiras de explorar o potencial de estudantes e professores, no incansável desejo de realmente criar um ambiente acolhedor e práticas educativas significativas, com o objetivo de transformar sujeitos oprimidos em cidadãos conscientes dos seus direitos.

Quebrar paradigmas, buscar novos e desafiadores caminhos, construir um currículo emancipador adequado às necessidades de aprendizagens dos nossos estudantes, pensar um projeto de escola que realmente atendesse a este público tão diversificado em suas diferentes especificidades considerando, sempre, as condições de exclusão vivenciadas pelo nosso público. A equipe gestora, junto com nossos professores, sempre buscou uma educação transformadora e crítica, pautada no diálogo, nas referências culturais trazidas pelos estudantes e na legitimação das diferentes necessidades e reivindicações apresentadas pelos diferentes grupos.

Isto demanda a construção de um trabalho pedagógico que ajude os estudantes a reconstruírem suas identidades, entenderem ao menos parcialmente os intricados mecanismos que colaboram para a manutenção de um sistema injusto que continua gerando exclusão e negando-lhes direitos básicos, e romperem com um conformismo alienante para permitir uma visão mais crítica e autônoma da realidade que os cerca."



Mapa de localização dos CIEJAs na Cidade de São Paulo



Este mapa faz parte da pesquisa: "Tecendo os fios da rede: o CIEJA Campo Limpo como possibilidade ao processo educacional e as redes de ações no território", desenvolvida pelo pesquisador Diego Elias Santana Duarte, sob a orientação do prof. Dr. Nécio Turra Neto no programa de Pós-graduação em geografia da FCT/UNESP/PP.

Um lugar a frente do seu tempo!

Este artigo foi tecido por várias mãos e é uma história de 22 anos de atuação que caminha em conjunto¹.

“A educação faz sentido porque as mulheres e homens aprendem que através da aprendizagem podem fazerem-se e refazerem-se, porque mulheres e homens são capazes de assumirem a responsabilidade sobre si mesmos como seres capazes de conhecerem”

Paulo Freire²

Quem disse que não pode? (Risos...)

Eda Luiz



Fachada de um dos sobrados do CIEJA CL que permite a visualização a 4 quilômetros de distância.- Gabriel Squara/2020

1 São responsáveis por essa mágica do acolhimento nossos profissionais de todos os anos e em especial ao time CIEJA CL 2020, aos quais esse texto é dedicado: Acacio Batista, Adna de Sousa, Alexandre Amorim, Alexandre Araújo, Alzira Luci, Amanda Caroline, Amanda de Lima, Ana Karina, Ana Lúcia Nogueira, Ana Lúcia, Ana Patrícia, André Moreira, Andressa dos Santos, Antonio da Silva, Celane de Sousa, Célia Gama, Claudio Giusti, Cleide de Cassia, Cristina Fonseca, Dennis Zagha, Diana Sales, Diego Elias, Elaine Barbosa, Elaine Cristina, Fabiana de Assis, Flávia Diniz, Franz Carlos, Gabriel Squara, George Maciel, Gilberto Correia, Jair Jorge, Jesuino Borges, João Nakacima, Juliana Froeder, Karen Carreiro, Kátia Alberisce, Kátia Cris, Kelly Santos, Lorise Abrahão, Luciana de Jesus Luiz Fernando, Luiz Rodrigues, Luziene dos santos, Márcia Balleiro, Maria Antunes, Maria Eunice, Mario Xavier, Maristela Oliveira, Marta Oliveira, Mayara Félix, Milena Lima, Paola Russano, Patrícia Garcia, Priscila Pavan, Ricardo Fernandes, Robson Martins, Rodrigo Martins, Rubens Baldini, Samara Annanias, Samira Ferreira, Selma Pereira, Severino Batista, Simone Gomes, Sueli Paula, Tânia Mara, Welington dos Anjos, Jaime Reis, Severino Ramos, Ediclaudio Costa, Eliana Silva, Cristiano Damaceno, Saturnino e Rafael Santos.

2 Estamos no ano do centenário de Paulo Freire (19/09/2020 a 19/09/2021) e lembramos o quanto este educador foi, é e será imprescindível para a educação no geral e para a Educação de Jovens e Adultos em específico, enquanto uma educação humanizadora e potente para a transformação da realidade. Maiores informações sobre a história de Paulo Freire in: www.paulofreire.org.

1. Raízes e tronco: a história do CIEJA Campo Limpo³

Direto do triângulo da morte dos anos 1990⁴, nasce um dos projetos inovadores da Educação de Jovens e Adultos que tem, desde o princípio, as concepções freiriananas como direcionamento das suas práticas.

Criado no dia 04/04/1998, o Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos – Campo Limpo, mais conhecido como CIEJA Campo Limpo (DRE Campo Limpo), na época intitulado Centro Municipal de Ensino Supletivo (CEMES), foi alojado aos fundos de uma igreja batista na Vila das Belezas, zona sul da Cidade de São Paulo, com duas salas de aula e ensino semipresencial.

As diversas dificuldades de organização de tempo e espaço postas nos limites organizacionais do CEMES fizeram com que Eda Luiz, Coordenadora Geral do CIEJA CL durante 20 anos, criasse, em suas palavras, a “*agitação do encontro através dos diálogos*”.

Para “agitar” as atividades diárias, Eda construiu espaços de integração que considerava a realidade como aprendizagem, como o famoso “sopão”, em que cada estudante podia trazer um ingrediente e, ao final do turno, essa sopa era servida em meio às atrações culturais de professores e de estudantes; hoje, após 22 anos de existência, essa atividade leva o nome de *lanche comunitário*.



Espaço interno do CIEJA – CL: o acolhimento em ambiente de aprendizado – Gabriel Squara/2019

3 Para conhecer um pouco mais do nosso trabalho acompanhe as publicações in: <http://blogdoCIEJAcampolimpo.blogspot.com/>.

4 Os bairros do Jardim Ângela, Capão Redondo e Parque Santo Antônio foram considerados na década de 1990 como locais nos quais os números de homicídios ultrapassavam os de países em guerra.

Portas abertas, mesas conjuntas, dinâmicas de aulas diferenciadas, apresentações, saídas culturais pelo bairro, a própria maneira de pensar o espaço escolar e os gastos com as verbas são resultados diretos das assembleias conjuntas entre gestão, funcionários, professores e estudantes. Foram as assembleias que deram o título de escola democrática com participação popular, pois esta considera o território e toda comunidade escolar como pertencentes ao projeto educacional, seja para a resolução de problemas ou mesmo para as comemorações e ações diárias.

Construir um projeto juntamente com a comunidade fez com que todos que comungam do espaço se sentissem pertencentes; além disso, as práticas a partir da realidade cotidiana permitem que o ensino seja visto como necessidade para desatar os “nós” da vida, verdadeira ferramenta para melhorar o acesso à sociedade, e também para auxiliar na compreensão de si, do outro, do seu entorno e do mundo.

Eda Luiz se destaca na Rede de Ensino na Cidade de São Paulo por meio da luta pela Educação de Jovens e Adultos. Em duas ocasiões de tentativas de fechamento do CIEJA enquanto projeto, 2007 e 2012, se reúne por conta própria com outros gestores de CIEJAs e passa a construir as bases legais e revolucionárias que constituem este projeto, para que fosse incorporado permanentemente à rede como uma nova modalidade consolidada de oferta da EJA no município.

Dona Eda, ou simplesmente Tia Eda, como todos a conhecem, já viajou pelo Brasil, Itália, França, Chile, Portugal e Alemanha para divulgar o Projeto CIEJA CL. Tanto Dona Eda quanto o projeto já ganharam vários prêmios da cidade⁵, tiveram participações em livros⁶, revistas, pesquisas acadêmicas⁷, entrevistas, reportagens⁸, minisséries⁹.

Em 2015, o Ministério da Educação reconhece¹⁰ o CIEJA CL como escola exemplo de inovação e criatividade na educação básica e em 2016 a

5 Homenagem da Prefeitura de São Paulo a Dona Eda Luiz: <http://blogdoCIEJACampolimpo.blogspot.com/2015/11/homenagem-da-prefeitura-de-sao-paulo.html>. Acesso em 05/08/2020.

6 O livro “A volta ao mundo em 13 escolas”: http://movinovacaonaeducacao.org.br/wp-content/uploads/2018/08/131015_volta_ao_mundo_em_13_escolas-1.pdf. Acesso em 05/08/2020.

O livro “Criatividade na Educação, mudar a educação, transformar o mundo”: https://escolastransformadoras.com.br/wp-content/uploads/2019/04/CRIATIVIDADE_mudar_a_educacao.pdf. Acesso em 05/08/2020.

7 “O movimento identitário de gestores de escolas inovadoras da Cidade de São Paulo: Investigação e ensinamentos para formação de formadores”, Doutorado em Educação pela PUC/SP..

8 Janelas da Inovação, canal futura: <https://www.youtube.com/watch?v=VN7oPEAiW3I>. Acesso 05/08/2020.

9 Sementes da Educação: <http://www.ozprodutora.com.br/sementesdaeducacao/1-CIEJA-campo-limpo/>. Acesso em 05/08/2020.
“2ª Chamada”, minissérie da Rede Globo inspirada em várias histórias do CIEJA CL; <https://gshow.globo.com/series/segunda-chamada/>

10 Em 2015 o Ministério da Educação reconheceu ao todo 178 escolas inovadoras no Brasil. <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/32951-selecionadas-178-instituicoes-como-exemplos-de-inovacao>. Consultado em 05/08/2020.



Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) convida o CIEJA CL para compor sua base de dados sobre alfabetização no mundo em um projeto intitulado “Aprendizagem ao longo da vida”.¹¹

Em 2017, o CIEJA CL é chamado para compor a rede de escolas transformadoras pelo Instituto Alana, junto com 200 escolas nacionais e internacionais, e em 2020 é convidado a integrar o projeto “Escolas 2030” da Ashoka, que tem como objetivo criar no Brasil e no mundo indicadores diferenciados de uma educação criativa e transformadora, apontando horizontes de possibilidades de transformação na educação brasileira.

Dona Eda se aposenta em 2018, após 30 anos na Educação de Jovens e Adultos e 50 anos na Educação, concomitante a uma grande festa comemorativa dos 20 anos de existência do CIEJA CL, da qual participaram muitas pessoas que já trabalharam e desenvolveram atividades neste Centro Educacional. Mulher de imersão, Eda Luiz realizou sua travessia, transferindo gradativamente as responsabilidades ao novo gestor e encerrando um ciclo de atenta e cuidadosa transição de maneira serena e orgânica.

Para dar continuidade a este projeto, foi eleito sucessor de D. Eda, o professor Diego Elias, geógrafo, nascido e criado no Capão Redondo lutador em prol dos movimentos culturais, sociais e propagador do direito à educação.

Em sua posse foi apresentado à comunidade ciejense o projeto da continuidade dos valores construídos e defendidos ao longo dos 20 anos de existência do CIEJA CL, e todos foram convidados a participar das transformações estéticas do prédio, em novos processos de diálogo com a comunidade e a luta pela defesa da autonomia no processo pedagógico.

Uma das transformações que marcaram a transição foi a confecção de uma linha do tempo. Professores, funcionários, estudantes e toda a comunidade foram convidados pelo novo gestor a tecerem um mural que ilustrasse a história da escola e referenciasse a festividade dos 20 anos. E como quem desenrola linhas, o processo se deu ao puxar os fios das memórias, fazendo escutas com professores, funcionários, lideranças, atores e atuantes com mais tempo de vivências. Neste processo, rastreamos e sintetizamos os marcos que determinariam as quatro categorias que a linha abrangeria: 1) história da estruturação do CIEJA enquanto programa; 2) fundamentação teórica de valores; 3) simbologias na construção do espaço físico; 4) atividades permanentes e eventos de destaque.

11 <https://uil.unesco.org/literacy/effective-practices-database-litbase>. Acesso em 05/08/2020.

A confecção da linha do tempo a tecer as linhas das memórias, por inúmeras mãos e diversas vozes, resultou em um grande mural, cujo objetivo era estampar a identidade daqueles que ali habitam. Com olhar sensível desde a escolha dos materiais até a técnica aplicada, resultando em um tecido – material versátil que protege –, pintaram artesanalmente, ressignificando o piso verde, que agora alimenta não só o corpo, mas também a alma, trazendo ainda mais valor e sentido a esse território.

Mesmo aposentada, Dona Eda até hoje viaja pelo Brasil e para o exterior em defesa da educação, em demonstrações de como o CIEJA CL é um projeto consistente de educação democrática e acolhedora e, atualmente, participa do projeto UniDiversidade das Kebradas¹², que consiste na aprendizagem em comunidade, com os mais velhos. Esse projeto é fomentado por um indiano e tem, em diálogo com a comunidade ciejense, perspectivas de transformar o CIEJA CL em um projeto de ensino livre, único no Brasil.

Hoje, com 1547 estudantes, 42 professores (as), 21 funcionários (as) e toda a vizinhança, a comunidade CIEJA CL permanece com a luta diária pelo direito à educação de jovens e adultos, assim como por uma educação popular, comunitária, libertadora e autônoma, sem perder sua principal característica: o acolhimento.



Coordenador Geral do CIEJA CL Diego Elias e Eda Luiz - Encontro Formativo dos CIEJAs da PMSP no CIEJA CL - 13/03/2020

12 Vale a pena ressaltar que entre os meses de fevereiro e março de 2020, Eda Luiz e mais um grupo de pessoas da Cidade de São Paulo foram convidados a permanecerem em viagem pela Índia para conhecerem projetos neste sentido e poderem se instrumentalizar ao retornarem para o Brasil, com vistas a implementar a ação na cidade. <https://unikebradas.wixsite.com/blog/post/mestres-das-kebradas-na-%C3%ADndia>. Acesso em 20/08/2020.

2. Galhos, folhas e frutos: Formação de Professores e Metodologia no CIEJA Campo Limpo

“O ser humano se faz na relação com o outro – alteridade –, com o mundo e consigo. Um “outro” intercalado na tessitura da coletividade. Uma rede tecida na convivência de “uns outros” com “outros outros”

(SACRISTÁN, 2001)

O processo formativo no CIEJA Campo Limpo é concebido enquanto coletividade, diversidade e expansividade. Iniciando pelo espaço físico, o que se contempla é a expressividade da vida que pulsa nas plantas, nas cores, na simbologia presente nas paredes, no convite à interação presente nos pisos e espaços coloridos de aprendizagem que foram construídos ao longo de uma trajetória de 22 anos.

Enquanto subjetividade, as relações também refletem o dinamismo do processo de aprender e ensinar que vão acontecendo simultaneamente, convidando os diversos sujeitos a tecer a grande rede do conhecimento. Nesse espaço onde o acolhimento é um valor imprescindível, onde a vida é valorizada em sua inteireza, e onde a diversidade é reconhecida como uma riqueza da comunidade humana, há que se pensar na complexidade do processo formativo dos profissionais que aí adentram e desenvolvem suas práticas nos diversos segmentos.

Enquanto coletividade, ao iniciar todos os anos letivos, convidamos os diversos profissionais que atendem às demandas do CIEJA Campo Limpo a uma vivência de acolhimento. Essa ação pressupõe o estreitamento do vínculo entre os profissionais dessa unidade ao passo que permite a constituição do sentimento de pertença, valores estes que permitem um trabalho coerente e coeso com a identidade do projeto. São propostas também, ao longo do ano, saídas pedagógicas envolvendo todos os segmentos, mantendo essa identidade de formação coletiva.

No que se refere aos professores, o processo formativo se intensifica na perspectiva das intersecções que abarcam as diversas demandas atuais e principalmente as do território que são trazidas pelos estudantes. São elas étnicas, sociais, de gênero, intergeracionais, culturais e inclusivas. Diante desse cenário complexo de demandas, alicerçamos as formações a partir da coordenação pedagógica, e também das equipes de professores que planejam e articulam escolhas de referenciais teóricos que contribuem para a dinâmica

dos encontros, bem como planejam vivências e saídas pedagógicas que vão auxiliar na construção do saber do grupo. É uma articulação complexa que se constitui no início do ano letivo através do Plano Especial de Ação - PEA, no qual todo o processo é articulado, escrito, e posteriormente vivenciado ao longo do ano nos horários de formação às sextas-feiras. Tal processo é uma ação estrutural que permite uma prática que corresponda às demandas de estudantes em busca da Educação de Jovens e Adultos, bem como demandas atuais da educação em sua totalidade. A riqueza presente nas escolhas dos marcos teóricos, das linguagens a serem vivenciadas e a qualidade das interações do corpo de professores com essas proposições, impactam e alimentam a prática pedagógica cotidiana e seus desafios constantes.

Desdobram-se também, a partir das formações, alguns eventos/vivências que abarcam todo o CIEJA dinamizado por comissões. São eles: Encontro Indígena, Feira Literária do CIEJA Campo Limpo (FLIC), Café Terapêutico, Lanche Comunitário, Sexualidade, Diversidade Sexual, Ética Planetária, Jovens e Seminário Étnico Racial. Essas ações têm um alcance que permite diálogos importantes entre estudantes, professores e diversos convidados acerca de temáticas atuais e necessárias para a melhoria da qualidade de vida desse público atendido, bem como evidenciam o importante papel social da educação como transformadora da vida das pessoas e diálogos com movimentos culturais.

Como resposta a uma educação transformadora tal qual anunciada acima, trazemos dois aspectos que permitem compreender nossas relações de ensino-aprendizagem: a escolha de **temas geradores** e a nossa **metodologia**.

Com orientação freiriana, o CIEJA CL convida sua comunidade a decidir sobre quais assuntos serão abordados ao longo do ano. Para cumprir este objetivo são utilizadas dinâmicas de desenvolvimento de discussão, sistematização e eleições nas mesas, na sala, no período e entre todos os períodos, com direito a argumentação perante a comunidade para sabermos qual será o “mote” da aprendizagem coletiva.

Em relação à metodologia, pensamos que esta possa oferecer aos estudantes a construção do pensamento autônomo, crítico e transformador da realidade emergente. Para tanto, adotamos o que chamamos de metodologia investigativa, na qual se parte de uma situação real problemática, para desencadear os estudos relativos às áreas do conhecimento. Essa metodologia dialoga com o saber-fazer que é tão requerido no cotidiano, em que a todo momento necessitamos aplicar diversos conhecimentos para articular a vida em suas variadas faces. A questão-chave que se coloca é como potencializar



uma educação que de fato atenda à pessoa em sua integralidade, envolvendo aspectos mentais, afetivos, intelectuais, corporais, existenciais, além de oferecer elementos e subsídios para o enfrentamento de desafios na sua comunidade e no mercado de trabalho.

Para entender melhor a metodologia adotada, é interessante visualizar como se dá o cotidiano dos encontros¹³. Eles se dão em um intervalo de tempo de duas horas e quinze minutos, devendo, portanto, ser otimizados. Os estudantes são sempre convidados a fazer o registro do seu aprendizado diário no que chamamos de **Diário de Bordo**. Este feito inaugura um empoderamento em relação à escrita que é muito peculiar, pois é um registro que se inicia de forma mais tímida e vai se tornando potente à medida que as interações nos encontros vão acontecendo. Os Diários de Bordo são a expressão viva da construção do saber de cada um. Sua leitura em voz alta, por isso, é estimulada no início de cada encontro. O início dos encontros também é marcado pela **Frase do Dia**, que é uma reflexão curta, escolhida pelos professores e que tem a finalidade de despertar sentimentos, sensações, verificar a correlação e abstração dos estudantes. Nesse contexto, no qual as relações vão se tecendo, acontece então a proposição metodológica que possui algumas partes em sua constituição. Para início é proposta uma **Sensibilização** para o tema. Este momento é necessário para suscitar a curiosidade e possível conhecimento prévio sobre o assunto, e para isso são utilizadas linguagens variadas que ativarão a visão, audição, olfato ou tato, pois os acessos cada um (a) podem e devem ser variados. Segue-se para a **Hora de Falar**, em que os professores problematizam o entendimento prévio dos estudantes a partir de uma palavra significativa para suscitar o tema planejado (*Quando você ouve a palavra... o que vem à sua mente?*). Aqui se explicitarão os valores e saberes da comunidade. A partir dessas vozes, será possível perceber elementos necessários para serem abordados nas atividades em uma das etapas dessa metodologia que será vivenciada mais a frente. Na sequência, serão feitas proposições da **Situação-problema**, a qual apresenta uma provocação que envolve conhecimentos de área e valores da comunidade local, articula ciência e filosofia, pois convida os estudantes a refletirem sobre algo que possa instigá-los a pensar em hipóteses de solução. Nesse momento, a leitura interpretativa é fundamental para que todos (as) possam compreender a problemática em questão. Depois de compreendida em leitura, o próximo

13 Entendemos, ao longo dos 22 anos, a necessidade de renomear ações para que ganhem significado potencializador da prática pedagógica - a aula é uma das palavras que não utilizamos, denominamos tal vivência como "encontro", por defendermos que a vida é um espaço de aprendizagem.

momento é **Nossas Ideias**, etapa em que os estudantes farão o registro das hipóteses que acham pertinentes para análise da situação-problema em questão; primeiramente, de forma individual e, em seguida, de forma coletiva com socialização em seu grupo. A partir daí, inicia-se o momento do **Procurando Respostas**, quando os professores planejam atividades para que os estudantes possam percorrer sua trajetória de estudos, visando à construção de conceitos que os auxiliarão a repensar as hipóteses que foram levantadas. Para isso, serão construídas sequências didáticas que proporcionarão repertório de leitura, escrita e oralidade de acordo com a necessidade de cada grupo. O momento final do processo é chamado de **Minhas Descobertas**, e é nele que se constitui uma avaliação individual com registro escrito acerca dos conhecimentos construídos.

Os percursos são distintos, pois temos grupos em diferentes etapas do processo de aprendizagem que compõem os módulos de alfabetização e de pós-alfabetização, intitulados por nós de **Acolhimento**¹⁴, **Confiança e Liberdade** (de acordo com a fase de alfabetização), os quais vão construir autonomia em relação à leitura e escrita; e, ainda, os grupos dos módulos intermediário e final, chamados por nós de **Alegria, Transformação, Respeito e Aprender**, que vão construir seus saberes a partir de trajetórias nas áreas de conhecimento, a saber: Linguagens e Códigos, Matemática e Artes, Ciências Humanas e Ciências da Natureza.

Nas áreas de conhecimento, os estudantes desenvolvem atividades durante quatro semanas com professores em dupla docência. Neste período, trabalha-se a metodologia exposta acima, perpassada por situações-problemas e sequências didáticas que permitem a construção de uma linha de raciocínio em plena interação no processo de ensino-aprendizagem, potencializando-se assim a construção do próprio conhecimento.

Ao final deste processo e com a mínima intervenção dos professores, uma vez que certa autonomia foi construída, os estudantes preparam apresentação sobre o que aprenderam para toda a comunidade CIEJA CL em seu respectivo período com os objetivos de aprimorar habilidades de comunicação, interagir com as demais turmas e, principalmente, propor possíveis soluções para os conflitos estudados na situação-problema, ampliando saberes antes circunscritos a uma área do conhecimento, agora instigando a comunidade

14 Não temos referências às turmas dos (as) estudantes como 1ª A, B, ou módulo I, II e etc., pontuamos que os estudantes estão em agrupamentos produtivos e os mesmos seguem dinâmicas diferenciadas de aprendizagem, daí colocamos os nomes de tais agrupamentos a partir dos valores que temos como referências em todas as ações dentro e fora do espaço escolar os quais são trabalhados cotidianamente com toda a comunidade escolar, sendo eles: acolhimento, alegria, amor, bem-estar, confiança, cuidado, ensino e aprendizagem, liberdade, respeito, responsabilidade e solidariedade.



a pesquisar os temas abordados em outra etapa da Metodologia Investigativa: **Para Saber Mais**, como desdobramento das pesquisas apresentadas.

Assim é parte da rotina do CIEJA CL. Para saber mais, visite-nos. Os portões estarão sempre abertos e todos(as) serão SEMPRE bem acolhidos(as).

Um manifesto-história¹⁵

O ano é 2015 e na nossa primeira reunião de organização é lançada a seguinte pergunta: **“Que imagem de escola nossos estudantes trazem consigo?”**

Conforme debatemos e conversamos com os eles ao longo dos primeiros meses, percebemos que o sujeito da EJA frequentemente traz em seu imaginário aquela escola tradicional que não frequentou ou da qual foi expulso. Suas expectativas são habitadas por professores autoritários, carteiras enfileiradas, lousas cheias de palavras em giz; sua identidade é um número na chamada; sua voz, um emudecimento pelo pavor de errar; sua experiência, algo a ser descartado para que logo o espaço de sua memória seja ocupado por “coisas mais úteis”, transmitidas – logicamente! – pela escola. Os estudantes são reféns da arbitrária grade curricular. Não estudam, mata-se-lhes a curiosidade. O estudante é um “aluno”, desprovido de luz, apagado e colocado num canto da sala a orbitar em torno das certezas de seu professor.

Diante desse quadro, o que fazer? Como subverter esta ordem e salvar a curiosidade, o desejo e o prazer de aprender, presente em cada ser humano?

A primeira possibilidade: é necessário DEESCOLARIZAR. A escola precisa ser menos aquela que nossos estudantes trazem em seu imaginário e ser mais um espaço de potencialidades. A escola está muito “cheia de escola” para que nela possa haver lugar para os estudantes crescerem como pessoas, para trazerem suas experiências, viverem suas vidas e construírem novas relações com o conhecimento, com seus colegas e seus professores.

Com essa inquietação, começa a transformação de nossa escola. É necessário virar a mesa, repensar tempos, espaços, materiais, papéis,

15 CIEJA CLÓVIS CAITANO - 2020

Equipe gestora: Ewerton Menezes Fernandes de Souza; Lúcia Pedro Sarkissian; Joana D'Arc Pereira de Souza; Joelma Alves de Oliveira; Equipe de professores(as): André Soares dos Santos; Carolina Teixeira dos Santos; Cleide Aparecida Felipe Gonçalves; Edmilson Napoleão Fida Carneiro; Eliannilma de Souza Barbosa Galvão Lopes; Fabiana Cristina da Luz; Irecê Antonia Meneguim Fernandes; João Rosalvo da Silva Junior; Maria Rosa Mazza; Marlene Alves da Silva Robles; Nádía Aparecida Assis de Santana; Paulo Valsecchi do Amaral; Sílvia Maria Pinheiro e Castro;

Equipe de apoio: Adimar Colares da Silva; Antonio Rodrigues Chaves; Edneia Patrícia Tezzei Nacade; Fabiana Correia Nobreza; Ronaldo Leandro Beltrami; Selma de Fátima da Cruz; Viviane Lopes Valente.

práticas... Uma vez conscientes, não podemos ignorar esses sujeitos que a compõem. Ela precisa se tornar aquilo para que deveria existir: uma comunidade de aprendizagem.

Começamos então a ver um caminho para a desescolarização. Precisamos de um PROJETO, de uma forma de trabalhar que seja democrática, comunitária, crítica, dinâmica, que imite a vida. Precisamos nos projetar, porque projetar é atividade humana de imaginação, de criatividade, mas também de rigor – e de vigor! É próprio da humanidade projetar. **Projetar nos dá asas.** Precisamos, como diz Rubem Alves, “de uma escola que seja asas!”

Equipe Escolar – CIEJA Clóvis Caitano Miquelazzo



Será que a gente consegue estudá pegando numa foice e num lápis? Como é que vai pegar o caderno? Não tem como! Então foi aonde eu parei também de estudá... e eu fui pra roça... roçá, capiná, tudo isso aí eu fiz, então, depois que eu cresci que eu resolvi, depois que eu fiquei véio que eu resolvi estudá... Por quê? Porque eu não pude estudá quando era pequeno. Eu não tinha cabeça certa pra estudá. Eu era ruim, a professora era pió! Não tinha como! A professora M. era um anjo pros outros, mas pra mim não prestava pra nada! Então foi onde eu parei de estudá. Cheguei e falei pra minha mãe, 'a senhora pode fazê comigo o que a senhora quisé, mas eu não vou estudá mais.' E o falecido do meu pai, que tava na sala, ele escutô e falô 'então cê vai pra roça com o pai.' Pronto! Com sete ano eu fui pra roça... Eu só fazia as coisa errada. Aí eu fui pra roça. Parei.”

Magno Brasílio Ribeiro Santos, estudante do 2A

Inaugurado em outubro de 2000, o CIEJA Clóvis Caitano Miquelazzo, inicialmente CEMES, está localizado no bairro do Parque Bristol, região limite com o ABC (São Bernardo/Diadema). O território no qual nossa escola está inserida é marcado por um contexto social periférico, e os nossos estudantes pertencem a diversos segmentos vulneráveis. Diante dessa realidade, ao longo de vinte anos, buscamos construir uma metodologia de trabalho enfocada na contextualização dos saberes, nas práticas democráticas, no diálogo com o território e na inter-transdisciplinaridade.

Semestralmente e a partir das discussões com a comunidade educativa, gestores, professores e estudantes se debruçam sobre as temáticas que

desejam estudar e desenham o percurso formativo que será seguido. Esses percursos, organizados sob a forma de **projetos curriculares integrados**, constroem redes de aprendizagem que problematizam o conhecimento socialmente valorizado e o colocam em perspectiva com outros saberes, visando à resolução de problemas da vida dos estudantes e da comunidade.

APRENDENDO COM A QUEBRADA

Uma possibilidade de articular as práticas educativas ao território no qual a escola se insere, como ocorre no CIEJA Clóvis Caitano Miquelazzo, está na reorganização curricular. Nesse sentido, o trabalho com Projetos Curriculares Integrados (PCIs) permite a aproximação com o território – ou como denominamos, em um dos Projetos, com a *Quebrada* –, pois a seleção do tema, bem como os caminhos percorridos durante o PCI relacionam-se com questões que afligem a comunidade escolar. Outra possibilidade é o mapeamento não apenas dos problemas, mas também das potências desse território; a identificação das associações e dos atores sociais locais tem sido fundamental na construção dessa articulação, abrindo os portões da escola, não apenas para que os estudantes saiam, mas também para que a comunidade entre. Nesse sentido, a identificação dos problemas a serem resolvidos, articulado com a potência e estabelecimento de parcerias locais, tem sido uma prática transformadora.

Entretanto, alguns desafios permanecem tensionados e aos poucos superados, como: (i) o olhar, de alguns estudantes, sobre o território como um espaço apenas de ausências e de problemas e que, portanto, nada teria para contribuir com sua aprendizagem e (ii) o entorno da escola como território estranho e desconhecido para parte da equipe de professores. Assim, a aproximação com esse território educativo, no qual a escola está inserida, ocorre a partir de uma prática educativa, contínua e dialética, de desconstrução/construção, tanto para os professores como também para os estudantes.

Por fim, é fundamental destacar que a articulação entre projeto e território possibilita não apenas a transformação efetiva de espaços na comunidade, mas também a construção de uma *autoestima territorial*, visto que alguns professores estabelecem uma relação de afeto e pertencimento com o bairro, ao identificar a história de luta, a potência das associações e dos sujeitos sociais que atuam no entorno da escola.

Fabiana Cristina da Luz, professora





Era meu primeiro ano como professora em uma escola de jovens e adultos da Cidade de São Paulo. Eu ainda estava conhecendo os estudantes, mas já identificava que suas histórias dialogavam muito com o projeto “Planeta Sustentável”, cujo produto final seria a construção de uma horta nas dependências externas da escola. Eu estava insegura, pois não queria me propor a ‘ensinar’ algo que eles conheciam profundamente. Percebi o potencial de capacidade e de criatividade daqueles estudantes, mas não tinha claro pra mim como iria promover um processo de ensino e de aprendizagem vivo’, que favorecesse a criação, que mobilizasse memórias e potencialidades, que despertasse alegria e motivação de participar de um processo coletivo e que empoderasse a todos.

Apresentei aos estudantes o plano do projeto nos espaços em que interviríamos. Ao lhes pedir que opinassem, rapidamente responderam colocando seus conhecimentos em prática, dando ideias sobre as ações, limpando a área, tirando mato e questionando sobre as ferramentas e materiais que poderiam utilizar.

Ao vê-los colocarem as mãos na terra, identificarem plantas e apresentarem suas memórias das vivências do cultivo da terra, eu entendi prontamente a necessidade de me despir do papel de centro do conhecimento e dar luz ao protagonismo deles. Ao demonstrarem diferentes relações com as plantas, trocaram conhecimentos e experiências, alternando entre os papéis de aprendizes e professores. Protagonizar o conhecimento que trouxeram consigo para o desenvolvimento do projeto fez crescer dentro deles a confiança que antes parecia acanhada e franzina.

A resignificação do espaço externo da escola passou a ser notada também pelas pessoas da comunidade: sementes foram semeadas por moradores que frequentavam ou passavam pela escola e frutos foram colhidos por todos!

Esses encontros desencadeados pelo projeto ‘Planeta Sustentável’ fizeram renascer a juventude que estava adormecida naqueles corpos e a confiança em suas capacidades como produtores de conhecimento, assim como fizeram despertar a responsabilidade do papel individual para o trabalho coletivo. A confiança na escola também se fortaleceu pelo aumento do vínculo com a instituição e entre os colegas, e pela legitimação de seus próprios saberes.

Era o início de um processo de reconhecimento e de validação de saberes invisibilizados na comunidade...”

Silvia Maria Pinheiro e Castro, professora

Para o estudante C., um gesto com as mãos unidas formando um “telhado” é o sinal correspondente à palavra PROJETO. Quando C. entrou na escola vindo de uma situação de alta vulnerabilidade social, embora não falasse, sua expressão gritava as angústias de sua condição. O primeiro tema que estudou foi moradia, e discutir seu lugar em relação à comunidade à qual pertence, à sua cidade, ao seu planeta, tornou-o mais consciente de sua dignidade enquanto ser humano. O gesto de C. comove porque sempre que ele une as mãos para se referir ao projeto, pensamos na multiplicidade de lugares que a escola nos convida a habitar...



Sinto-me privilegiada por trabalhar com uma metodologia de projetos. Todo fim de ano vejo a participação dos estudantes na escolha de temas para os projetos curriculares integrados do ano letivo seguinte. Isso nos dá oportunidade de estudarmos juntos, professores e estudantes, questões importantes da nossa comunidade: sociedade e política, moradia, saúde, educação, violência, sustentabilidade, dentre outros.

Tem sido muito gratificante atuar como mediadora na construção e desconstrução de conceitos. A partir de uma problematização proposta no projeto, analisar a descoberta dos estudantes da função social do saber, com reflexões críticas e temas significativos.

Os conhecimentos são sistematizados de forma interdisciplinar e articulados com situações do dia a dia. O produto final e o processo avaliativo têm nos ajudado a estabelecer aprendizagens com qualidade social, em que um aprende com o outro e o protagonismo do estudante é legitimado.

O comprometimento e a participação de todos da escola têm reforçado ainda mais a visão que temos de oferecer educação de qualidade, promovendo a identidade do nosso CIEJA Clóvis Caitano Miquelazzo.”

Nádia Aparecida Assis de Santana, professora



Eu aprendi muito com o CIEJA. Pra mim é uma escola maravilhosa. Aprendi muito com os projetos, aprendi muito com as pessoas, aprendi muito, muito com os professores. Eu aprendi a plantar, aprendi a compostar, aprendi a ser mais solidária. Aprendi a ser mais humana. Eu aprendi que foi muito, como posso dizer, foi muito bom pra mim. Eu mudei muito. Sou mais paciente com as pessoas. Sou mais humana, penso mais nas pessoas. Não penso só em mim... O que eu gostei na escola foi o posicionamento das carteiras, que não são em filas, você dando as costas para o seu colega... é um círculo que ficamos um olhando nos olhos do outro, ficamos conversando, fazendo o que tem que fazer nas nossas lições, de vez em quando uma brincadeira, um sorrisinho, aí isso nos une mais...”

Lázara, estudante, 4A



A resignificação dos espaços e o compartilhamento de saberes: um novo olhar sobre as práticas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos

1. Introdução

A nossa história inicia-se em 1994, a fim de contemplar a necessidade e demanda escolares referentes aos níveis de Ensino Fundamental Supletivo nas modalidades de Suplência e Qualificação Profissional. Surge então o CEMES, Centro Municipal de Ensino Supletivo - CEMES/DREM 10, o qual pertencia à Administração Regional de Ermelino Matarazzo. Embora contemplando o que hoje conhecemos como Ensino Fundamental I e II, desenvolveu-se ali um modelo de Ensino semipresencial.

Fomos o primeiro CEMES da Cidade de São Paulo. Em seguida, foram criados outros em várias regiões da Cidade. Havia reuniões na Secretaria Municipal de Educação, nas quais os diferentes CEMES se encontravam para discutir a sua viabilidade. Com a nova Gestão Municipal, passam por modificações e, em 2004, são criados os Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos - CIEJAs, vinculados aos Núcleos de Ação Educativa - NAEs. Os cursos foram organizados em ciclos de modo presencial, atendendo ao nível básico e à educação profissional. Os antigos CEMES passaram, então, a se denominar CIEJAs e tiveram que se organizar, conforme orientações da Secretaria Municipal de Educação.

¹⁶ Equipe CIEJA Ermelino - 2020 -

Equipe gestora: Cristiane Soares Mascarenhas Oliveira, Eneas Cavalcante De Queiroz, Rosemeire Vicentini, Talita Valerio Freitas. Equipe de professores(as): Adriana Cristina De Brito Pereira, Adriana Quiquinato, Antonio Belasco Ferreira, Carlos Eduardo Santos Ribeiro Dias, Daylse Ribas Das Neves Gaspar, Denise Pereira Rachel, Ezio De Oliveira Costa, Fabio Augusto Salerno, Flavio Ferreira De Carvalho Filho, Francesco Antonio Capo, Isabela Penov Pamplona Puget, Jose Carlos Teodoro Da Silva, Jose Messias Mendes Pereira, Lilian Scaranello, Lucimara Erminia Da Graça, Marco Aurelio Colognesi, Marta Gonçalves Felix Da Costa, Mauricio Josue Fernandes Da Cunha, Mauro Santos, Mirian Blasco Don Pedro, Paulina Rocha De Moura, Rosa Elaine Puzzellode Frias, Tania Regina Gamba.

Funcionários: Benevaldo Ferreira Dos Santos, Carlos Roberto Fonseca Da Silva, Ivoneide Maria Dos Santos, Lais Rodrigues Caetano, Maria Vania Gomes Cavalcanti, Nadia Regina Barros Porto Da Silva, Regina Campos Eurico, Roberto Da Costa Sodre, Sonia Aparecida Cortez, Sonia Aparecida De Freitas Silva, Terezinha Vanderlei Tavares Cardoso.

O CIEJA Ermelino Matarazzo está atualmente localizado na Avenida Parana-guá, 1954, em Ermelino Matarazzo, e começou suas atividades após a publicação do Decreto 43.052 de 04/03/2003, que extinguiu o CEMES. Por sua vez, o CIEJA veio propor um modelo pedagógico que busca formar e incentivar jovens e adultos nas dimensões do trabalho e da cidadania, ressignificando conhecimentos e articulando-os com os saberes escolares. As concepções orientadoras para atender aos estudantes no CIEJA foram baseadas em oferecer autonomia, responsabilidade e respeito ao bem comum, cidadania e criticismo, respeito à democracia, contextualização e diversidade cultural.

A formação dos professores também foi e ainda é considerado como um elemento de fundamental relevância para assegurar a qualidade social da EJA e a ação educacional integrada como expressão de trabalho coletivo dos professores envolvidos no CIEJA.

A base da nossa organização curricular é pautada nos princípios freirianos, que concebem a educação como prática que possibilita a criação de situações em que o conteúdo seja trabalhado de forma contextualizada e significativa, partindo sempre do conhecimento prévio dos estudantes para a resolução de problemas por meio da dialogicidade e integração das relações humanas e culturais de forma interdisciplinar.

Embora as práticas pedagógicas e a didática implementadas no CIEJA fossem voltadas aos jovens e adultos e os professores passassem por um novo processo avaliativo para saber se tinham o perfil apropriado para esta modalidade de ensino e suas especificidades, havia constantes queixas de ambas as partes sobre os problemas com a aprendizagem. Os estudantes afirmavam que não se encontravam preparados para seguirem ao módulo seguinte; os professores, por sua vez, sentiam que eles não estavam alcançando os objetivos propostos e daí surgiu a necessidade de uma nova organização metodológica.

2. A Docência Compartilhada

2.1 - Tempo de Mudanças

A partir das inquietações enfrentadas cotidianamente pela equipe gestora e professores do CIEJA Ermelino Matarazzo, e com o intuito de atender à diversidade de demandas relativas à Educação de Jovens e Adultos, resolvemos encarar o



desafio do que chamamos “a queda das paredes”. A princípio demos este nome, visto que literalmente derrubamos as paredes que separavam duas salas de aula.

Esta reformulação relacionava-se à busca por efetivar, na unidade escolar, espaços para o exercício da docência compartilhada e a experimentação de procedimentos de ensino-aprendizagem interdisciplinares. Com isso, pretendia-se integrar ainda mais as áreas de conhecimento, tornando as aulas mais significativas. Além disso, objetivava-se que os estudantes atuassem com maior autonomia. Ademais, buscava-se atendê-los de forma mais individualizada durante o processo da aprendizagem, transmitir-lhes mais segurança para a mudança de módulos, sair do isolamento de práticas e espaços, fornecer-lhes meios para que pudessem aprender uns com os outros, além de trabalhar mais projetos disciplinares, interdisciplinares e temas transversais.

O novo cenário foi apresentado aos professores após o recesso de 2014 em uma reunião coletiva com os gestores, na qual a Coordenadora Geral do CIEJA, Cristiane Mascarenhas e a Assistente Pedagógica Educacional Rosemeire Vicentini comunicaram a todos que dois espaços da unidade escolar haviam sido reformados: no subsolo, haviam retirado a divisória que separava as salas 1 e 2 e, no primeiro andar, a divisória que separava as salas 3 e 4. Como já era esperado, não houve uma aceitação de imediato, mas após a escuta atenta do grupo sobre os eventuais problemas que surgiriam, apresentamos o estudo de propostas pedagógicas diferenciadas como a desenvolvida na Escola da Ponte, em Portugal, principal influência de projetos já em andamento e reconhecidos em outras escolas municipais de São Paulo, como a EMEF Amorim Lima e a EMEF Campos Salles. Por fim, foi feita uma votação, e apenas três professores votaram contra a continuação da “queda das paredes”. Iniciava-se ali uma longa jornada...

Houve alguma resistência por parte dos professores, até porque aquilo que é novo sempre nos assusta; mas entenderam que faríamos um semestre experimental, que aprenderíamos uns com os outros os novos modos de fazer. Todos (as) encararam os novos desafios, conscientes de que era preciso repensar a escola e as práticas, pois tínhamos mais interrogações do que certezas.

Dessa forma, juntaram-se a este processo, em uma grande sala, nomeada “salão”, os módulos I e II em processo de alfabetização, e, em outra, as turmas de módulo III, etapa complementar. Foi por meio dessa junção de turmas em um espaço mais amplo, com prioridade para organização dos estudantes em grupos, que os professores – que antes trabalhavam individualmente – começaram a compartilhar não só o espaço-tempo de sala de aula, mas principalmente suas práticas pedagógicas, de forma interdisciplinar e colaborativa.

Tínhamos agora cinco turmas diferentes em apenas dois espaços, por período. As turmas do módulo III passaram a ter três professores em sala de aula e as dos módulos I e II contavam com dois professores ao mesmo tempo no mesmo espaço. Para os dos módulos I e II, a forma de organizar o horário e as aulas foi mais tranquila, mas para o pessoal do módulo III, principalmente dos 5º e 6º períodos, foi complexa, pois havia muitos professores que tinham aulas no 4º módulo, mas também no 3º módulo. Este foi o primeiro ajuste que percebemos que tínhamos de fazer: mudar a atribuição para blocos de aulas com seis turmas para os módulos III e IV.

Inicialmente, foi confusa a organização da sala de aula, mas logo nos dedicamos aos estudos dos problemas e focamos a trabalhar com projetos didáticos temáticos. Toda semana fazíamos o planejamento em conjunto nos horários coletivos e, dessa forma, organizávamos o tempo, o espaço, os conteúdos, os pontos de vistas teóricos e as práticas. O compartilhamento fazia todo o sentido na teoria, mas a prática era desafiante, visto que professores e estudantes traziam sua cultura escolar segmentada enraizada.

O novo cenário também trouxe algum desconforto aos estudantes, sendo o primeiro deles a desconfiguração da sala de aula que eles conheciam para uma onde todos teriam de se agrupar. De início, eles reclamavam do barulho, só permitiam que o próprio professor da turma (do 1º semestre) corrigisse os cadernos e sanasse as dúvidas e se recusavam a serem atendidos pelos demais professores.

Foi com muito diálogo que vencemos essa barreira, mostrando-lhes que na nossa escola teriam a oportunidade de aprender com seus colegas e que nenhum professor era de apenas uma turma e sim de todos (as), assim como todos os estudantes eram de todos os professores do CIEJA Ermelino Matarazzo; desse modo, os levamos a refletir sobre os agrupamentos produtivos, sobre as mudanças que buscavam qualificar nosso atendimento dentro da proposta curricular e as Leis de Diretrizes e Bases e que a docência compartilhada fazia parte da Rede Municipal de Ensino.

As discussões e reflexões nos horários coletivos e PEA foram dando nova forma ao projeto. Ao ampliar o espaço da sala de aula por meio da retirada das paredes que separavam dois ambientes, gerou-se a possibilidade de uma variação maior na organização não só espacial da sala, mas também em relação ao modo de ministrar as aulas. Por conta do agrupamento de diferentes turmas em um mesmo espaço, os professores puderam desenvolver atividades integradas e interdisciplinares, contando com o apoio de colegas de todas as



áreas do conhecimento (Linguagens e Códigos, Ciências da Natureza e Ciências Humanas) para proporcionar um suporte integral e imediato na solução de situações-problema inerentes ao processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, a metodologia utilizada no desenvolvimento das aulas priorizou o trabalho em agrupamentos produtivos, para estimular a solidariedade entre os estudantes a partir do auxílio mútuo. Tal ambiente de convívio e de constante troca de conhecimentos contribuiu para a pesquisa e o registro dos conhecimentos construídos coletivamente nas relações entre professores, estudantes e outros integrantes da comunidade escolar.

Implementaram-se mudanças de caráter teórico-práticos, utilizando recursos variados, como exibição e apreciação de vídeos, uso de livros didáticos e paradidáticos, saídas para espaços culturais do entorno escolar e de outras regiões da Cidade de São Paulo, participação em palestras e eventos culturais organizados pela comunidade escolar, utilização de diferentes espaços da unidade educacional com o intuito de realizar sondagens e atividades complementares nas salas de informática, educação física, música e espaço de leitura.

As intervenções da Assistente Pedagógica Educacional foram relevantes à medida que se dispunha à escuta atenta e às orientações aos professores para o “novo fazer”. Uma dessas intervenções que teve bom resultado foi a de sentar-se com o grupo de professores e perguntar a cada um: Qual o objetivo proposto? Qual o conteúdo? Como será a prática conjunta em sala de aula? Como será a avaliação? O refletir para uma prática em conjunto nos levou a desenvolver um primeiro projeto temático, nesta nova configuração.

Com tal organização de conteúdos e práticas, os professores entenderam que o “fazer” estava diferente, e que agora não estavam mais sozinhos, que o espaço compartilhado ampliava os conhecimentos dos estudantes, assim como os deles próprios.

Amadurecidos, terminamos o ano de 2014 com muito aprendizado. Não mudamos simplesmente a metodologia, foi preciso que cada um dos envolvidos também estivesse aberto às mudanças, que quisesse encarar o desafio de desconstruir o que já estava segmentado para construir, levando-se em conta seus saberes, uma nova forma de “fazer”, uma metodologia desafiadora para a EJA. As paredes das salas já haviam sido derrubadas, mas as internas estavam começando a ruir...

Já na avaliação final de 2014, fizemos um levantamento dos projetos interdisciplinares com os quais os professores gostariam de trabalhar no ano seguinte, tendo em vista a docência compartilhada e, ano após ano, temos buscado qualificar nossas práticas com o objetivo de auxiliar os estudantes a

avançarem no processo de ensino-aprendizagem. A seguir, traremos algumas práticas exitosas dentre tantas tentativas com acertos e erros, na busca pela construção de uma metodologia ativa, pautada nas necessidades dos estudantes do CIEJA Ermelino Matarazzo.

2.2 - A Queda das Paredes: sala de aula como espaço de experimentação da docência compartilhada

Consideramos indispensável alterar a organização da escola, interrogar práticas educativas dominantes. Há trinta anos, a Escola da Ponte era um arquipélago de solidões. Os professores remetiam-se para o isolamento físico e psicológico, em espaços e tempos justapostos. Entregues a si próprios, encerrados no refúgio da sua sala, a sós com os seus estudantes, o seu método, os seus manuais, a sua falsa competência multidisciplinar, em horários diferentes dos de outros professores, como poderiam partilhar, comunicar, desenvolver um projeto comum?

(José Pacheco)

A queda das paredes que separavam as turmas em espaços coordenados exclusivamente por um professor no período de quarenta e cinco minutos de aula foi como uma maneira de escapar das amarras produzidas por este sistema de ensino em que o professor é o detentor do conhecimento e principal responsável pela sua difusão. Com a ampliação das salas de aula e do trabalho em agrupamentos, o professor deixou de ser o foco do processo de ensino-aprendizagem, ao valorizar o contato entre os estudantes como forma solidária de pesquisa e construção mais autônoma de conhecimento, junto à coordenação e apoio de professores de diferentes áreas, os quais compartilham desde o planejamento, elaboração e proposição dos conteúdos e atividades até as práticas avaliativas, em busca de um trabalho interdisciplinar efetivo.

Além destas experiências inspiradas na Escola da Ponte, outra influência importante para este projeto foi o modo de organização do CIEJA Campo Limpo, unidade que serviu como exemplo para a implantação de todas as unidades do CIEJA na Cidade de São Paulo. Nesta Unidade Escolar, a ideia de proporcionar um espaço acolhedor aos estudantes é efetivada desde a aparência do edifício escolar, o qual parece mais uma casa do que uma instituição de ensino, até a organização curricular através de temas geradores que lhes despertem o interesse e propiciem diferentes perspectivas de mundo aliadas ao desenvolvimento de ações que geram reflexões críticas em torno de aspectos socialmente relevantes.



Assim, ao combinar estas experiências inovadoras em educação com o contexto da comunidade escolar e seu entorno, o CIEJA Ermelino Matarazzo testa a concepção de uma sala de aula sem fronteiras, aberta ao diálogo e à ação direta na realidade social.

2.3 - Docência compartilhada e resignificação do espaço pedagógico

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

(Paulo Freire)

Ao assumir a responsabilidade daquele desafio e considerando que todos temos nossas “paredes internas”, a equipe do CIEJA sabia que havia muito trabalho pela frente; mas crendo na possibilidade de criar novas e significativas possibilidades de aprendizagem, seguimos um dia de cada vez, buscando sempre refletir para qualificar a nossa prática, investir nas formações de professores nos horários coletivos; e assim temos visto o resultado no atendimento aos nossos estudantes.

No início, principalmente naquele primeiro semestre de docência compartilhada, os professores ficaram perplexos; primeiro, porque tinham um certo receio de compartilhar o mesmo espaço, sobretudo o medo de serem julgados negativamente pelos colegas. Além disso, nem sempre ficava claro quem iria comandar a aula e como os outros colegas poderiam intervir. No mais, muitas vezes estilos diferentes e formas distintas de atuar entravam em choque. Quanto aos estudantes, houve também muita resistência porque estavam acostumados com suas turmas e com um único professor em cada aula. Contudo, concordavam que algo deveria ser feito para tentarmos superar os desafios postos e aceitaram experimentar novas formas de ensino, aprendizagem e metodologias inovadoras.

Não obstante, essa primeira experiência foi importante porque resultou em um conjunto de reflexões que permitiram aos professores e à gestão aprimorar metodologias e adequar o que não estava funcionando. A primeira adequação implementada foi a atribuição de três professores, cada um de uma área do conhecimento, para ministrar aulas nesses espaços, batizados então com o nome de “salão”. Decidiu-se, além disso, que o planejamento seria conjunto e que a metodologia teria como princípio norteador a interdisciplinaridade. Também o espaço foi reorganizado. As carteiras passaram a ser

dispostas formando grandes mesas que permitem o agrupamento de cinco a oito estudantes. Embora essa disposição seja a mais constante, a orientação é que o espaço seja organizado de forma flexível, a depender dos propósitos e objetivos de cada aula, podendo ser organizadas também na forma de um grande círculo ou de agrupamentos menores. Essas adequações foram fundamentais para o aprimoramento do projeto.

Apesar dessas dificuldades e obstáculos, o projeto tem apresentado muitos ganhos. Primeiro, porque efetivamente diminuiu a evasão. Além disso, os estudantes estão aprendendo mais e melhor, e isso se deve a um conjunto de aspectos. O principal deles é que a aula compartilhada permite um atendimento mais individualizado.

No mais, o trabalho com agrupamentos produtivos permite que os próprios estudantes se auxiliem, troquem conhecimentos, discutam soluções e hipóteses. Além disso, um mesmo conteúdo é trabalhado por professores diferentes, muitas vezes de áreas distintas, o que lhes permite observar visões diferenciadas do mesmo fenômeno. Muitas vezes, o que não é compreendido com a explicação de um professor acaba sendo compreendido pelo modo como outro explica ou aborda aquele tema. No mais, o mesmo tema é abordado de acordo com diferentes pontos de vista. As aulas também se tornam mais participativas e dinâmicas, estimulando a autonomia dos estudantes.

Enfim, o projeto tem trazido ganhos porque permite e estimula a participação dos estudantes, o espírito colaborativo, a interdisciplinaridade, a autonomia e a aprendizagem conjunta. Ademais, permite que os professores aprendam uns com os outros, o que aprimora e qualifica seu trabalho. E, por fim, tem demonstrado muitos ganhos também em relação à autoestima dos estudantes, uma vez que eles se sentem participantes do processo de ensino-aprendizagem, sentem que têm voz, sentem-se corresponsáveis pelo processo, embora muitos ainda resistam porque ainda têm como ideal a escola tradicional, expositiva, em que um professor transmite conhecimentos a um conjunto de estudantes passivos, que apenas assimilam aquelas informações de modo acrítico e mecânico.

Ao longo desses anos de implementação da docência compartilhada, muitos projetos e sequências didáticas realizadas foram bem-sucedidas. Dentre estas, destacamos aqui uma que foi desenvolvida a partir do tema “Relações de poder em contos e crônicas”, envolvendo as áreas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Matemática e História. Tal sequência de aulas se desenvolveu ao longo de um bimestre, nos meses de agosto e setembro de 2017, e teve como público-alvo uma turma de Módulo IV. As aulas tiveram como fio condutor as



discussões sobre a relação entre poder econômico e político e diversos tipos de discriminação, sobretudo os de caráter étnico-raciais (afrodescendentes e indígenas) e os de classe social. Trabalhou-se inclusive a intersecção dessas formas de preconceito e o que elas têm de estruturante da própria organização socioeconômica e política no Brasil.

A dinâmica das aulas teve ampla participação dos três professores envolvidos e mesclaram diversificados modos de intervenção: a aula dialogada; o debate; a exposição; a produção de textos com acompanhamento dos professores; a resolução de questões com acompanhamento dos professores; leituras individuais e coletivas. Os textos eram passados aos estudantes por meio de pequenas apostilas xerocadas (com o texto e questões de interpretação e de análise linguística). Foram arquivados documentos sobre essa sequência, como fotos e o material apostilado. As produções escritas foram xerocadas e arquivadas. Trata-se de um material bastante significativo, tanto do ponto de vista pedagógico quanto do ponto de vista sociológico; Portanto, muito rico para pesquisa. Pouco tempo depois de realizada, essa sequência didática foi apresentada no GT Currículo da Cidade. Há inclusive um material em slides de apresentação dessas aulas.

No geral, as aulas tiveram ampla participação dos estudantes. Percebeu-se, ao final do processo de ensino-aprendizagem, que eles efetivamente ampliaram habilidades de escrita e de leitura, assim como seu repertório de conhecimentos nas várias áreas envolvidas. Foi também possível averiguar o desenvolvimento de uma reflexão crítica mais apurada sobre a realidade.

3. Considerações Finais

A experiência da docência compartilhada no CIEJA Ermelino Matarazzo vem sendo realizada desde agosto de 2014, quando foram derrubadas as paredes de algumas salas de aula. A necessidade de elaborar aulas interdisciplinares com roteiros de trabalho, que era a proposta inicial, foi desafiante, assim como a vergonha de se expor para os colegas de trabalho em uma regência nunca experimentada antes; pelo menos, não daquele jeito. Inicialmente, muitas foram as adversidades e as preocupações devido à grande mudança de rotina e mesmo de estrutura da escola com horários (de professores) que não seguiam o padrão habitual, pois quem ministraria as aulas para as três turmas ao mesmo tempo se há na sala três professores?

O que os outros faziam enquanto isso? Como registrar as aulas nos diários para haver um relato real do que foi trabalhado com as turmas e ao mesmo tempo respeitar a carga horária semanal de cada área? E como seriam as avaliações? E como pôr em prática a interdisciplinaridade, se cada professor já tinha seu planejamento por área do conhecimento? E quanto ao formato das aulas e suas dinâmicas, num grande salão onde a voz falada do professor tende a cansar, devido ao uso demasiado da força para se obter o volume suficiente num espaço tão amplo?

Desse modo, após alguns anos de erros e acertos, conseguimos perceber que algumas técnicas e metodologias funcionavam e geravam um aprendizado mais amplo como, por exemplo, os projetos interdisciplinares e os temas geradores de conteúdos que já tínhamos no CIEJA e acabamos aprimorando; os grupos de professores, separados por afinidades e interesses comuns; as parcerias com todos os setores da escola para a ampliação da eficiência dos trabalhos; o planejamento no horário coletivo não só entre as áreas de conhecimento, mas também entre os professores das mesmas turmas; o investimento na formação de professores nos horários de PEA (Projeto Especial de Ação) com objetivo de qualificar a prática na docência compartilhada; a ênfase nos trabalhos coletivos e nos agrupamentos produtivos para uma ajuda mútua e desenvolvimento de habilidades, num exercício diário de cidadania e respeito às diferenças para a inclusão de todos; os trabalhos e debates com foco no protagonismo, na autoestima e na importância da ética nas relações humanas e com o meio ambiente, além de tantas outras questões nas quais ainda estamos em processo contínuo de aprendizagem.

“Todo o mundo é composto de mudanças”, já preconizava Camões. E Sêneca afirmava que “nenhum vento sopra a favor de quem não sabe aonde ir”. As mudanças podem ser penosas e árduas, mas são necessárias quando há uma meta a ser alcançada, um objetivo definido, mesmo tendo ciência de que seja um processo de aprendizado contínuo. Ao final, constatamos que a pluralidade de personalidades, as experiências múltiplas, as vivências diversas e as abordagens variadas possibilitariam que, em meio às diferenças, encontrássemos a unidade; que todos os procedimentos e experiências aqui descritos possam estimular o debate e ser fruto de análise futura, no empenho de aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem, sempre em busca do objetivo final de todos os professores: o desenvolvimento pleno e integral dos estudantes.



Práticas e Desafios do CIEJA Francisco Hernani na perspectiva de Educação Inclusiva¹⁷

Antonia Elenir N Comin (Coordenadora Geral do CIEJA),
Celia da Silva (Professora de Atendimento Educacional Especializado),
Eliene da R. Carvalho (Assistente Pedagógico e Educacional),
Hélia Cristina da Silva (Professora de Língua Portuguesa e Inglesa)
e colaboradores.

Este artigo irá abordar práticas e vivências do CIEJA Francisco Hernani Alverne Facundo Leite. Esta instituição pública traz em sua trajetória o princípio de garantir a Educação para Jovens e Adultos que foram cerceados desse direito e que, mediante mobilizações permanentes da sociedade civil e movimentos sociais, ao longo das últimas décadas, conquistaram um lugar na política educacional brasileira. Dessa forma, o trabalho no CIEJA visa garantir o acesso e a permanência do trabalhador, de jovens e adultos ao processo de escolarização formal.

A trajetória histórica do CIEJA Prof. Francisco Hernani Alverne Facundo Leite, localizado na zona sul de São Paulo, começa em dezembro 1996, com a inauguração do CEMES (Centro Municipal de Ensino Supletivo), com o objetivo de atender à grande demanda de jovens e adultos que, devido a limitações de horários e presença diária obrigatória, não conseguiam frequentar os cursos de suplência oferecidos pela Rede Municipal de Ensino.

A denominação CEMES foi alterada para CIEJA - Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos – em junho de 2002. No ano seguinte, em 2003, o Decreto Nº 43.052, de 04 de abril, oficializou a criação desses centros. O Regimento Escolar dos CIEJAs, por meio de um contrato estabelecido entre

Equipe 2020 – CIEJA Francisco Hernani

Equipe gestora: Antoni Elenir N. Comin, Eliene da R. Carvalho e Larissa Cristina P. Scarabel.

Equipe de professores(as): Adriana A. da Silva, Celia da Silva, Claudineia N. P. da Silva, Edivan V. Fernandes, Elaine L. Berce, Emerson Regio dos Santos, Fabiana de Fatima Vallina, Francineide de O. Ferreira, Herbert M. Mendes, Helia Cristina da Silva, Ivonete Mangaba, Maria de Fatima Reami, Marisa Campos, Maria Helena A. Binhardi, Narima Cristina Iwaki, Renata Gibelli, Rosana C. F. dos Santos, Rosana M. S. Vitorino, Waldirene Andre, Walkyria S. Borges.

Funcionários: Adilza L. da C. e Silva, Alessandro Davidson Flor, Arminda C. Araújo, Creunisse Rosa Maurílio, Ednaldo Herculano Inácio, Márcia A. da S. Assunção, Patrícia Chong, Valdir Ferreira.

a Diretoria de Orientação Técnica - DOT e assessoria do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, estabeleceu que este órgão seria responsável pela formação profissional dos estudantes, cabendo aos professores demandas da Educação Básica. Assim, criou-se um currículo integrado entre o mundo do trabalho e da cultura, voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades.

Em 2005, a parceria com o SENAC foi cessada, o que levou a equipe a se reorganizar para cumprir a Matriz Curricular estabelecida. Portanto, ficou definido que os estudantes seriam atendidos de 2ª a 6ª feira, respeitando a Legislação de 200 dias letivos. Ainda nesse mesmo ano letivo, foram matriculados 52 estudantes com deficiência, a maioria de natureza intelectual.

A primeira Sala de Recursos Multifuncionais - SEM foi aberta em 2007 no CIEJA Francisco Hernani – na época, denominada Sala de Apoio à Inclusão - SAAI –, a fim atender aos estudantes com deficiência no contraturno escolar. Atualmente, há três SRMs, duas com atendimento no período da manhã e uma no período da tarde.

No decorrer de 2012, houve a implantação do sistema modular, regulamentado pelo decreto 53.676. Tratou-se de uma proposta diferenciada, cujo objetivo era permitir aos jovens e adultos maior permanência com os professores e com a área estudada ao longo da semana. Essa nova faceta permitiu também maior inserção dos estudantes com deficiência nas atividades realizadas em salas regulares, que passaram a ser ambientes, por área do conhecimento, e as carteiras organizadas em círculo.

Parcerias com as equipes dos Centros de Formação e Acompanhamento à Inclusão - CEFAls, Diretorias Pedagógicas de EJA - DIPEDs/EJA, bem como formações constantes, possibilitaram a criação de um currículo emancipatório para a Educação de Jovens e Adultos. Nessa perspectiva, decidiu-se pelo trabalho com temas geradores, pautados em aportes teóricos e nas reais expectativas e necessidades dos estudantes.

Em 2016, ocorreu a entronização do CIEJA Professor Francisco Hernani Alverne Facundo Leite, até então CIEJA Santo Amaro. O Professor Francisco Hernani foi atuante na formação de Educadores em São Paulo, ministrando cursos em vários estados brasileiros e participando ativamente de movimentos em defesa da educação pública de qualidade.



Caracterização do Público Atendido

Atualmente, na Unidade Educacional, a maioria dos estudantes são adultos. Porém, nos últimos anos, tem aumentado o número de matrículas de adolescentes e de estudantes com deficiência. No sentido de promover essa escola inclusiva, garantindo acesso e permanência dos estudantes, o CIEJA Francisco Hernani desenvolve projetos e práticas essenciais na formação de seu público-alvo. Essas ações estão articuladas com o Currículo da Cidade e com a premissa de uma educação libertadora, inspirada em Paulo Freire.

No início do ano letivo, são promovidos espaços de escuta ativa de estudantes e familiares que, além de obterem informações sobre as características do grupo, trazem discussões sobre sua realidade social, aspectos culturais e visões de mundo. As informações e registros desses momentos são analisadas e debatidas pelos professores e gestores; assembleias são feitas e, nesse movimento dialógico, é construído o Projeto Especial de Ação - PEA e o Projeto Político Pedagógico - PPP.

A avaliação permanente dos projetos e ações é um outro recurso utilizado, como referência para novos projetos e encaminhamentos de práticas educativas.

Na busca por uma educação que se fundamenta na equidade, respeitando a diversidade do público atendido, os projetos e práticas do CIEJA trazem um olhar inclusivo, pautado em bases teóricas, na escuta ativa e respeitosa aos estudantes. Assim, há um processo de criação constante de metodologias que procuram contemplar e garantir os direitos da pessoa com deficiência como sujeitos sociais, cujas potencialidades devem estar acima da deficiência.

Do Acolhimento às Práticas Inclusivas

“Nossos Bombons” ou “Bombonzinhos” é como carinhosamente são chamados os estudantes com deficiência no CIEJA Francisco Hernani. Tal alcunha transcende a ideia de distinção com que a Pessoa com Deficiência - PCD normalmente é tratada. A isso se deve ao fato de a Educação Inclusiva ser uma marca e o ponto forte deste CIEJA, e ter sua consolidação em um trabalho articulado, delineado por ações conjuntas com famílias e instituições afins.

Acolher e escutar os estudantes com deficiência e suas famílias são ações fundamentais para decisões sobre o trabalho a ser feito. Conhecer seus medos, anseios e expectativas, cuidar de sua adaptação e acessibilidade são componentes importantes para sua inclusão. Esses estudantes geralmente são tratados de forma “infantilizada” pela família e pela sociedade como um todo. Na contramão disso, as intervenções pedagógicas surgem como estímulos para sua autonomia.

Para que seja possível todo esse processo, é imprescindível que o professor que trabalha nos CIEJAs tenha um perfil de pesquisador e um olhar diferenciado em relação às práticas pedagógicas, sobretudo na elaboração de transposições didáticas para atender a essa diversidade. Assim, as aulas devem ser planejadas considerando o Desenho Universal da Aprendizagem - DUA,

de modo a explorar as mais diversas possibilidades de aprendizagens e formas de expressá-las. Articular ações pedagógicas interativas, que contemplem a escrita, a oralidade, o uso de imagens e de diversas linguagens oportuniza a participação de todos os educandos com maior autonomia possível, com autoestima e interesse. (Zerbato e Mendes, 2018).

A formação envolvendo todos os profissionais da Unidade, a articulação com a Coordenação e o tempo disponível para compartilhamento de ideias e práticas são fatores muito importantes para consolidar a educação inclusiva, e têm sido um diferencial no cenário atual. Observa-se que, de forma gradativa, os professores têm preparado suas aulas e atividades seguindo o DUA, mesmo em atendimento remoto. Durante o planejamento, em horários coletivos, ocorre a troca de experiências e de diferentes formas de olhar, levando em conta as especificidades individuais. Além disso, após a observação e avaliação de cada atividade e dos resultados obtidos, são dados novos direcionamentos, ampliando as possibilidades de trabalho.

Importância do Atendimento Educacional Especializado - AEE

Com o objetivo de minimizar as barreiras que dificultam o processo de escolarização da pessoa com deficiência, o AEE deve ser ofertado de forma integrada com o ensino regular, em conformidade com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva, a fim de assegurar a esses estudantes o direito à educação. (BRASIL, 2008)



No CIEJA Francisco Hernani, os Professores de Atendimento Educacional Especializado - PAEEs realizam o Atendimento Educacional Especializado - AEE de forma colaborativa com os demais professores na sala comum e no contraturno, nas salas de recursos em grupos, considerando as características individuais. Atividades realizadas como culinária, arte, além das rodas de conversa, valorizam a autoestima e auxiliam no resgate da identidade.

O AEE possui também grande importância na formação do vínculo entre professores, estudantes com deficiência e suas famílias. De acordo com Cunha (2019), tão importante quanto o trabalho de inclusão escolar da pessoa com deficiência é o acolhimento dos seus responsáveis. Esse processo ocorre desde o momento que o estudante chega à escola, mesmo antes da sua matrícula, por meio de conversas entre os PAEEs, estudantes e responsáveis. Vale ressaltar também os momentos de reuniões periódicas, chamadas "Cafés Com Vivências", em que pais e responsáveis podem trocar experiências e observar mais de perto o trabalho realizado na escola.

Vale ressaltar que muitos estudantes adultos com deficiência, ao longo de sua vida, não tiveram acesso a espaços culturais como cinema, parques e museus. Por conta disso, frequentemente são realizadas excursões com os grupos de AEEs a diversos locais como ao Cinema do CEU Caminho do Mar, Museu de Arte Contemporânea, Jardim Zoológico, Jardim Botânico, entre outros.

Além dessas atividades, são oferecidas Oficinas de Jogos, Horta e Música, complementando o AEE no contraturno. Inicialmente, essas atividades foram ofertadas para atender aos estudantes com deficiência. No entanto, diante da grande procura, estenderam-se a toda escola, ocorrendo assim uma "inclusão reversa".

Nas aulas de música, muitos deles têm se destacado, evidenciando na prática a Teoria das Múltiplas Inteligências, propostas por Howard Gardner, segundo a qual existem várias formas de inteligência e, entre elas, a musical. Indivíduos com essa competência têm facilidade para se expressar através da música e ampliar conexões referentes às áreas de linguagem, matemática e criatividade, proporcionando a expressividade oral e corporal. Além desses benefícios, a música está intimamente associada ao desenvolvimento emocional. Dentre as atividades desenvolvidas nesta oficina destacam-se o Canto Coral, os Jogos Musicais e as apresentações com movimentos e dança (Silva, 2019).

Na Oficina de Jardinagem ocorrem vários estímulos que vão desde a motricidade até a convivência social, inclusive com participação de pais e responsáveis.

A oficina de jogos, por sua vez, foi implantada para auxiliar de maneira lúdica o aprendizado, potencializando a exploração do conhecimento dos aspectos linguísticos-fonológicos e de escrita. Esse viés lúdico tem favorecido a compreensão e fixação de conteúdos, colaborando com o processo de alfabetização e letramento no cotidiano da sala comum.

Projetos Interdisciplinares

Norteadas pelo PPP da Unidade, as ações pedagógicas e os projetos interdisciplinares resultam de demandas trazidas pela comunidade escolar, bem como da observação e da reflexão sobre as devolutivas dadas pelos estudantes (projetos como o “Atividades na Praça” e “Mundo do Trabalho”, por exemplo).

O Projeto “Atividades na Praça” surgiu a partir da escuta dos estudantes – principalmente dos mais jovens – e trouxe práticas envolvendo atividades corporais em uma praça próxima à escola, uma vez que a unidade não possui quadra de esportes. Como houve grande adesão dos estudantes, das diferentes faixas etárias, os professores viram a oportunidade de elaborar um projeto com atividades interdisciplinares nessa praça pública. Os mais velhos e pessoas com deficiência se engajaram mais nas atividades de dança, artísticas e caminhadas; os mais jovens, nos esportes e nas atividades de “drift trike”, oportunizadas por uma parceria.

Nesse projeto, foram articuladas ações pedagógicas que envolveram atividades como: jogos de futebol, atividades de “drift trike”, uso dos aparelhos de ginástica, alongamento, dança, realização de percursos com sequências de obstáculos, estudo do meio e atividades artísticas. Houve envolvimento de todos os estudantes, sem necessidade de adaptações. Assim, as ações desse projeto oportunizaram a mobilização de competências socioemocionais como: a convivência, a abertura ao novo, a empatia e a autoconfiança, estando em consonância com a concepção de Educação Integral, pontuada em documentos como o Currículo da Cidade e Base Nacional Comum Curricular - BNCC.

A concepção de Educação Inclusiva foi contemplada também no Projeto “Mundo do Trabalho”, ao mobilizar não só ações pedagógicas, mas também por promover parcerias importantes entre instituições e famílias.

Ao longo do ano de 2019, os estudantes tiveram acesso ao conhecimento dos direitos trabalhistas, a recursos tecnológicos e informações sobre cursos preparatórios para o ingresso no mercado de trabalho. Muitas ações foram



articuladas em horários de formação dos professores que, em sala de aula, aprofundaram tais questões. Entre elas, o acesso de pessoas com deficiência e pessoas negras ao mercado de trabalho, uma vez que a maioria dos nossos estudantes são negros e pardos, de acordo com a autodeclaração, usando os critérios do IBGE.

No que tange aos paradigmas de acesso das Pessoas com Deficiência ao mercado de trabalho – segundo estudos da Associação Nacional de Medicina do Trabalho –, a maior barreira encontrada é o preconceito da sociedade e das empresas, que não reconhecem sua capacidade laboral (ANMT, 2018). Rebatendo esse comportamento da sociedade, a Lei 13.146, de 2015, (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência), consolida uma rede de proteção legal para eliminação de barreiras e inclusão na sociedade e no mercado formal de trabalho.

De forma articulada com a sala regular, os PAEEs fizeram um trabalho envolvendo estudantes com deficiência e familiares sobre a temática do mundo do trabalho e planejamento do seu futuro profissional. Nesse sentido, o CIEJA fez também uma importante parceria com a Secretaria Estadual de Desenvolvimento, que trouxe à Unidade Educacional funcionários do Centro de Atendimento ao Trabalhador - CAT para atender aos estudantes e à comunidade na obtenção de carteira de trabalho e inscrição no banco de vagas geral e PCDs.

Assim, um dos ganhos desse projeto foi fortalecer as identidades que se configuram na maioria dos CIEJAs, no sentido de combater e não aceitar toda e qualquer forma de preconceito em nossa sociedade.

A importância da Arte na Educação Inclusiva

Ocupando um papel preponderante na Educação de Jovens e Adultos, já que oportuniza saberes socioculturais individuais e coletivos por meio de diferentes linguagens e possibilidades expressivas, a Arte, enquanto área do conhecimento, se torna grande aliada na construção de percursos educativos inclusivos e que valorizam sobremaneira as noções de pertencimento no ambiente escolar.

A exemplo disso, o Projeto “Pertencer” foi desenvolvido com os estudantes dos módulos IV, nas aulas de Artes, durante o segundo semestre de 2019. Tratou-se de uma intervenção artística no muro da escola, idealizada, criada e produzida pelos estudantes. Em razão de sua natureza coletiva e colaborativa, possibilitou a

participação de todos os envolvidos, explorando múltiplas habilidades e saberes, dentro de uma perspectiva inclusiva. Para a pintura do muro, eles utilizaram a técnica do estêncil, desenvolvida a partir de imagens de suas escolhas, tendo como referência o trabalho da artista contemporânea Mônica Nador.

Segundo Cardoso (2012), possibilitar o acesso ao patrimônio cultural e à informação é a melhor forma de fazer com que o indivíduo perceba-se como integrante da sociedade, destacando a identidade e a autoidentificação com aquilo que a compõe.

Ancorado nessa premissa e tendo em vista o princípio da equidade e de acesso universal, o CIEJA Francisco Hernani faz constantes saídas pedagógicas, para visita a diferentes espaços culturais, possibilitando a todos os estudantes o acesso e o contato com produções artísticas e culturais diversificadas. Tal prática oportuniza a sua interação e incentiva cada vez mais diálogos entre os objetos culturais e suas realidades.

Em muitas dessas saídas, como a visita feita à exposição “Sopro”, do artista contemporâneo Ernesto Neto, na Pinacoteca de São Paulo, foi notável o envolvimento e entusiasmo dos estudantes com deficiência, ao perceberem-se inseridos nos grupos e nas posições artísticas apresentadas.

Propostas inclusivas na sala de aula regular

Um dos princípios do CIEJA é a construção de um currículo e de um fazer pedagógico que valorizem os saberes dos estudantes. Dessa forma, busca-se fortalecer as identidades e contribuir para reflexões sobre as suas histórias de vida, no sentido de potencializar suas culturas. Nesse contexto, foi desenvolvida, com as turmas de módulo II, uma sequência didática de escrita, a partir da caracterização do grupo de estudantes. Na turma, era muito comum eles expressarem as batalhas que superaram até a conquista do direito de estudar. Além disso, percebia-se em suas falas um sentimento de comparação com outras pessoas de suas famílias, e até de colegas, em relação ao aprendizado da leitura e da escrita. Isso trouxe a ideia de exibir o filme “Como estrelas na Terra” (Índia, 2007. Direção: Aamir Khan e Amole Gupte), a fim de levar à reflexão sobre as diversas formas de aprender e a importância do respeito ao tempo de cada um.

Após assistir ao filme, eles discutiram, refletindo sobre o tema. As falas mais significativas foram sobre diferentes formas de aprender, superação de



desafios e respeito às diferenças, dialogando com a perspectiva de escola inclusiva. Após as conversas sobre o filme, o grupo foi estimulado a escrever sobre suas histórias de vida, por meio de relatos autobiográficos. Nessa sequência didática, os estudantes com deficiência foram incluídos em todas as etapas, nas discussões sobre o filme e na produção de relatos autobiográficos. A professora atuou como escriba e também incluiu as famílias para colaborarem com o registro autobiográfico daqueles que não oralizavam suas histórias de vida. As revisões dos textos foram realizadas nas aulas de Informática Educativa, que fazem parte da grade curricular do CIEJA. Os textos foram organizados em um livro, cujos exemplares foram disponibilizados para os estudantes da turma, que expressaram muita felicidade em participar da manhã de autógrafos, em um sábado letivo, e em poder ler com seus familiares as suas histórias e de seus colegas. A realização deste trabalho foi importante para a comunidade escolar, pois a leitura dessas trajetórias de vida, carregadas de superação e luta, encheu os corações de todos de esperança.

Desafios do CIEJA Francisco Hernani

O trabalho do CIEJA promove transformações na vida de inúmeros jovens e adultos. Avançamos muito na garantia dos direitos à educação e inclusão escolar. No entanto, ainda temos muitos desafios que foram identificados a partir das reflexões que a práxis pedagógica suscita. Seguimos lutando por políticas públicas que garantam a continuidade dos estudos para as pessoas com deficiência no Ensino Médio, bem como sua inclusão no mercado de trabalho. A defesa de mais investimentos em recursos pedagógicos continuará sendo um dos desafios do CIEJA para atender, cada vez mais e com a excelência necessária, aos jovens e adultos.

Histórico

O CIEJA Iguatemi I foi criado pelo Decreto Municipal nº 55.326 de 24/07/14, publicado em DOC de 25/07/14.

As aulas iniciaram em 23 de agosto de 2014, com quatro turmas nos módulos I e II (duas no período da manhã e duas no da noite). Naquela ocasião, trabalhavam na Unidade Escolar: Eunezia Ribeiro Dantas Silva e Débora Fava (professoras de Educação Infantil e Ensino Fundamental I); Mariluci Lopes e Natalia Santana Brito (Orientadoras Pedagógicas Educacionais); Natalina Santana Brito (Coordenadora Geral) e Simone Cristina Trotti Galindo (Assistente de Coordenador Geral).

No início das atividades, as condições ainda eram precárias, porém houve um grande esforço por parte da equipe na divulgação da escola para a formação das turmas, que acabaram, naquele ano, sendo multisseriadas, com média de 30 estudantes cada uma.

No contraturno das aulas, eram oferecidas oficinas de artesanato e de filosofia para a comunidade, ministradas por voluntários e também pelas professoras dos dois períodos, o que acabou atraindo um número maior de estudantes.

Um grande marco naquele ano foi a participação dos estudantes na Semana da EJA no prédio da DRE São Mateus, em que apresentaram suas produções e, com autorização, venderam seus produtos, com a finalidade de gerar uma política de geração de renda.

No início de 2015, Cleonice da Cruz Mendes assumiu como Coordenadora Geral do CIEJA Iguatemi I e Rejane Maria Bressan, como Assistente de Coordenador Geral. A Mariluci permaneceu como integrante da gestão, agora acompanhada por Cintia de Jesus Chagas no cargo de Coordenadora Pedagógica. Naquele ano, a escola foi organizada a partir da atribuição de professores que iriam atuar no módulo II por meio de processo seletivo. No

18 CIEJA Iguatemi I - 2020.

Equipe gestora: Luciene Elaine Xavier da Silva, Eli Aparecida Vancini, Miriam Rosa Barrocal, Shirlei Aparecida da Penha Ribeiro e Patricia dos Santos Carvalho
Auxiliares técnicos: Adriana Maria da Silva, Edilene Juvino de Freitas, Josefina Alves da Silva Antoniazzi e Sidney Lino da Silva.

Agentes escolares: Maria do Carmo dos Santos, Maria Helena Barbosa Oliveira e Zilda Nunes da Silva de Medeiros.

Equipe de professores(as): Alexandre Ernani dos Santos, Paulo Eduardo Pereira Marques, Rosinei dos Santos Medeiros Gonçalves, Samara Oliveira Brasil, Sueli Martins de Araújo Rossi, Aluisio Ribeiro, Beatriz Vieira de Souza, Michele Pereira de Lima Oliveira, Miriam Binatti, Maria Neuma Santos dos Reis, Marisa do Nascimento da Silva, Suzane Cirera Marques Requena e Vânia Parreira Tosi.

primeiro semestre, o Projeto Mulher mereceu grande destaque, trazendo reflexões sobre essa temática. No segundo semestre foi desenvolvido o Projeto Abraço Negro, desencadeando diferentes ações, inclusive um olhar atribuído para a questão indígena que culminou numa visita cultural à aldeia Tekoá Pyau.

Em 2016, o Projeto *Poetize e Politize* oportunizou aos estudantes diversas discussões referentes a questões políticas que o Brasil vivia e, como resultado dos trabalhos, foi realizado o Sarau em que houve a participação do repentista Luís Poeta, que também proporcionou oficinas envolvendo diferentes gêneros textuais, tais como: poesia, literatura de cordel e quadrinhas.

No ano de 2017, novamente, houve alteração no quadro de funcionários e a gestão do CIEJA Iguatemi I passou a ser formada por Luciene Elaine Xavier da Silva, como Coordenadora Geral; Eli Aparecida Vancini, como Assistente de Coordenador Geral; Sandra Aparecida do Prado Pereira e Míriam Rosa Barrocal, ambas com os cargos de Assistente Pedagógico e Educacional.

Os Projetos Mulher e Africanidades direcionaram os trabalhos no ano de 2017, proporcionando momentos para o aprofundamento de conhecimentos sobre a mulher na sociedade e a história sobre os povos africanos, resultando na exposição de artes realizadas pelos estudantes na Mostra Cultural e o Sarau, o que acabou revelando a apropriação dos conhecimentos estudados.

Em 2018, Shirlei Aparecida da Penha Ribeiro passou a fazer parte da equipe gestora como Assistente Pedagógico e Educacional, em parceria com Míriam Rosa Barrocal, designada no ano anterior. Durante aquele ano, o foco de estudo realizado no CIEJA Iguatemi I foi a Leitura e Escrita, e a construção autônoma do estudante através dos Projetos: *Identidade, Mulher, Copa, Sustentabilidade e Alfabetização Política*. O resultado dos projetos gerou aprendizagens e grandes produções que foram apresentadas no Sarau e Mostra Cultural realizados em 24 de novembro de 2018, no qual os estudantes tiveram a oportunidade de expressarem-se através de poesias autobiográficas, apresentação de danças, teatros e musicais, bem como trabalhos artesanais: pintura em tecidos, construção a partir de resíduos sólidos, cartazes informativos e painéis.

No ano de 2019, deu-se continuidade aos projetos desenvolvidos nos anos anteriores, considerando o tema gerador “(...) *não como um tema que se desenvolve de fora para dentro, pelo contrário, emerge no e do diálogo que se estabelece entre pessoas homens e mulheres, sujeitos que produzem histórias...*” (*Educação de Jovens e Adultos vol. 2*).

O Projeto que norteou o trabalho – “*Direitos Humanos: direito à liberdade e igualdade, todos somos iguais*” –, visava direcionar as ações que viabilizaram o aprendizado por meio de práticas voltadas à leitura de mundo e ao reconhecimento do espaço de voz dos Jovens e Adultos, atendendo, assim, às Diretrizes da Base Nacional Comum Curricular, o Currículo da Cidade de São Paulo, os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável e o acesso à Declaração dos Direitos Humanos, incentivando o convívio baseado no respeito às diferenças, estimulando a reflexão sobre questões relacionadas à discriminação e ao preconceito de toda natureza.

O projeto teve início com aulas expositivas e perpassou todas as áreas do conhecimento, trazendo discussões e contextualizações importantes para o momento. Como produto final, realizamos o Sarau e a Mostra Cultural com apresentações ricas de conhecimentos, mas principalmente inundadas de boas reflexões sobre o tema, para além dos muros da escola.

Em 2020, estabelecemos como tema para o nosso Projeto Político Pedagógico: Saúde e bem-estar, como requisitos indispensáveis para o desenvolvimento e aprendizagens em todas as idades, embasados no Currículo da Cidade de São Paulo e em atendimento aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: ODS 2 - Fome zero e Agricultura sustentável; ODS 3 - Saúde e bem-estar; ODS 4 - Educação de qualidade; ODS 6 - Água potável e saneamento; ODS 11 - Cidades e Comunidades Sustentáveis, considerando também a Avaliação Institucional realizada em 2019 e o questionário socioeconômico realizado em fevereiro de 2020, nos quais a comunidade escolar apontou para a necessidade iminente de realizar um trabalho voltado às questões de saúde abarcando o bem-estar e concepções filosóficas e éticas sobre a qualidade de vida, também entendida como um processo de emancipação por meio da leitura e da escrita, que corresponda à realidade e à necessidade dos estudantes que frequentam os espaços do CIEJA Iguatemi I.



Relatos e depoimentos



“Aos 34 anos ainda não me sentia realizado profissionalmente. Será que o trabalho é simplesmente isso, rotina e dissabores? Esse questionamento veio seguido de vários outros. Entretanto, nessa mesma época concluí minha faculdade de geografia e ingressei no magistério. Mas, ainda sentia a necessidade de explorar meu potencial de maneira mais prazerosa; foi quando em 2015 ingressei no CIEJA Iguatemi I.

Hoje me sinto realizado pessoal e profissionalmente. Lecionar na Educação de Jovens e Adultos é simplesmente uma experiência empolgante, motivadora e apaixonante. Me faz refletir constantemente sobre a minha prática docente e compreender como a educação é transformadora. Os estudantes do CIEJA, em sua maioria, demonstram compromisso e normalmente se interessam muito pelas aulas, mesmo com todas as dificuldades que enfrentam diariamente. O sorriso no rosto de cada estudante ao compreender as aprendizagens não tem preço. A espontaneidade com que valorizam o trabalho do professor mostra o quanto a educação é importante para eles.

No CIEJA, existe uma constante troca de experiência e aprendizado entre o professor e o estudante, como por exemplo, já tive estudante caminhoneiro que circulou por todo o país e conhece lugares que eu como professor de geografia nunca estive. Conclusão: na vida do adulto a escola é muito importante, no entanto, não é o único espaço de aprendizado e isso deve ser reconhecido e valorizado pelo professor.

Reflijo sobre os 10 anos que se passaram desde que me tornei um profissional da educação. Vejo que tudo valeu a pena, que aprendi muito e tenho muitíssimo a aprender ainda. Na experiência dos erros e acertos compreendi minha verdadeira vocação: eu nasci para ser professor”!

Professor Aluisio Ribeiro



“Falar da educação de jovens, adultos e idosos é enveredar por muitas histórias de superação e desafios, de lutas diárias na busca do conhecimento. Quantas histórias temos pra compartilhar nesses anos de existência!

Tenho muito orgulho de fazer parte da história do CIEJA Iguatemi como professora de Educação Física e moradora da região. Sou grata pelos que vieram antes de mim, que idealizaram e colocaram em prática os projetos para que no nosso território tivesse mais uma escola para o público da EJA, o CIEJA Iguatemi! Sou grata pela troca de conhecimentos entre os pares, com os estudantes e toda comunidade. Sou grata por ter a oportunidade de conviver com as diferenças. Sou grata por aqueles que caminham para tornar o percurso mais leve.

Existe o antes e o depois de trabalhar com a EJA. Não é possível trabalhar com educação de jovens e adultos e não se sensibilizar com as injustiças e a desigualdade social. Sem indignação frente aos problemas da sociedade não se constrói a EJA de forma libertadora. Sempre acreditei nisso!

Entre erros e acertos vamos crescendo como humanos, refletindo sobre o nosso papel no mundo, sobre os diversos saberes, os valores das “pequenas coisas”, das mais discretas às mais perceptíveis, como escrever o nome. É a nossa utopia”!

Profª Samara Oliveira Brasil



*“A minha experiência no CIEJA começou em 2003 no CIEJA Marlu-
cia Gonçalves de Abreu passando pelo CIEJA Sapopemba e em Ja-
neiro de 2015 me removi para o CIEJA IGUATEMI I, por ser próximo
da minha residência. Participei de todo o processo de organização desta
Unidade, desde a secretaria até a dispensa de alimentos. Dentre todos os
servidores que se removeram pra lá eu era a única que já havia trabalhado
nesse tipo de UE e costumo dizer que nós que trabalhamos em CIEJA somos
multifunções, pois atuamos literalmente desde a abordagem na matrícula
diretamente com os estudantes. É uma experiência única ver a realização de
um sonho por grande parte deles, muitos chegam sem esperança, tímidos,
receosos, e a gente vê a transformação, no decorrer dos meses se sentem
mais seguros e o sonho do tão sonhado diploma começa a se concretizar.*



O CIEJA IGUATEMI I fica localizado no extremo da Zona Leste e nossa comunidade é muito carente, mas estamos sempre de portas abertas para todos, desde a Gestão, quadro de apoio, professores e até o pessoal da empresa responsável pela limpeza. Trabalhar no CIEJA é extremamente gratificante pelo Projeto, pela proposta, currículo, pela integração de todos os envolvidos. Eu costumo dizer aos meus colegas de trabalho que só saio do CIEJA quando me aposentar”.

Josefina Alves da Silva Antoniazzi (Auxiliar Técnico de Educação)



“Memórias da minha infância”

*Na minha infância
Conheci pessoas boas
Brinquei de boneca de milho
E de pano também
Ouvi muitas histórias
Da mãe e do avô
Pulei no rio, pulei cerca
E rever meu povo vou
O papagaio no ombro do meu avô,
Conversava com todo mundo
Buscava milho e melancia na roça
E água no poço fundo
Subia no pé de manga
E jogava manga nos outros
Colhia umbu, cozinhava, peneirava
Mexia tudo e umbuzada virava
Com meu avô na fogueira
Comia milho e batata assada
Conversava, ria muito
E na ciranda acabava
Brincava de carrinho de lata
E também de fazendeiro
Com boizinho de barro
No curral e no terreiro
Tinha um cachorrinho
Que passeava e brincava*

*Fugia e eu saía correndo
Na praça e na frente de casa
Meu pai criava vaca
Que corria atrás de mim
Se vestisse vermelho
Teria um triste fim
Corria no meio da roça
Minha mãe que me levava
Fazia muito barulho
Deixando ela agoniada.”*

Produção Coletiva-Módulo I A – Prof.^a Maria Neuma (2019)



“Sou a professora Maria Neuma Santos dos Reis, faço parte do corpo docente do CIEJA Iguatemi I desde 2015. Busquei trabalhar com o público de jovens e adultos, para experienciar essa modalidade de ensino. Apaixonei-me pelos estudantes e por todo o processo educativo. Durante esse tempo, procuro nas várias práticas, a busca da novidade, da surpresa, da beleza e do prazer principalmente em promover o acesso dos estudantes ao mundo do conhecimento. Realizamos algumas práticas bastante significativas como “O Caderno das Escritas Espontâneas”, em que os estudantes registravam suas alegrias, angústias, desejos e expectativas. Outra proposta com a qual todos aprendemos muito foi o “Resgate das Memórias Afetivas da Infância”, em que os estudantes resgataram aquilo que viveram de mais significativo na infância. Nesse trabalho, foram desenvolvidas algumas práticas como pintura, desenho e bordado. Os estudantes realizaram trabalho coletivo de pintura sobre tecido. Resgataram das memórias afetivas da infância os jogos, brincadeiras, vivência familiar, festejos do seu local de origem, animais de estimação, entre outros. Registraram com desenhos que foram bordados por eles em crochê. Finalizando, dos tecidos bordados com as memórias dos estudantes de cada turma, foram feitos dois quadros que embelezaram os espaços do CIEJA Iguatemi I. Também foram realizadas escritas autorais de poesias, baseadas nas memórias expressadas nos quadros. Os resultados foram surpreendentes e ricos em detalhes. As experiências da infância são, talvez, as mais importantes das nossas vidas”.

Maria Neuma Santos dos Reis – Prof.^a. Mód.I, 2019.



Conhecendo os estudantes do CIEJA Iguatemi I

Atendemos um público de 406 estudantes, matriculados em classes no período manhã, tarde e noite, nos quatro módulos.

Identificamos através da convivência, dos relatos e dos estudos do perfil sociocultural sinalizados nos questionários durante os anos, que a média de idade dos estudantes atendidos no CIEJA Iguatemi I está em torno de 15 a 70 anos e o estado civil está equilibrado entre solteiros e casados.

A maioria dos estudantes se declara parda, muitos são provenientes da região nordeste e residem em São Paulo há de mais 25 anos em bairros próximos à escola. O CIEJA Iguatemi I é constituído em sua maioria por mulheres trabalhadoras, casadas, viúvas, solteiras, donas de casa, arrimos de família, moradoras da periferia e suscetíveis a todo tipo de discriminação, buscando a cada ano letivo a desconstrução do determinismo biológico feminino, como pessoas ativas na sociedade, com seus próprios desejos, vontades e ambições.

Dados apontam que os estudantes têm como principais atividades de lazer as idas às igrejas, os passeios em parques públicos e casa de parentes. Diante disso, o CIEJA busca lhes proporcionar atividades culturais diversas, envolvendo as diferentes expressões: museus, teatros, filmes referentes aos projetos, parques, dentre outros.

Grande parte do público atua no lar, sem remuneração, sendo que também há um número significativo daqueles que trabalham em atividades informais, portanto sem registro em carteira e com jornadas variadas. Diante desse cenário, a escola é um meio de conquistas, tanto no que diz respeito aos aspectos intelectuais como os sociais, pois há alguns que passaram muitos anos distante dela por diversos motivos principalmente para trabalhar e melhorar a renda familiar, retornando aos estudos em busca de novos conhecimentos para formação e ter condições de pleitear cargos e empregos melhores.

Diante desse o contexto, o CIEJA Iguatemi I tem como missão atender a todos(as), acolhendo a diversidade existente na sociedade: pessoas com deficiência, imigrantes, público LGBTI, indígenas, respeitando as diferenças, valorizando as culturas e vivências, potencializando as habilidades e ampliando os conhecimentos.



"Meu nome é Edna Frezarin Ribeiro Martins, falarei sobre a minha trajetória no CIEJA Iguatemi I. Depois de quase quarenta anos fora do ambiente escolar por falta de oportunidade na época da adolescência, surgiu esta chance de estudar novamente. Esse período que estive nessa instituição fez toda diferença em minha vida, pois além de poder estudar depois de adulta, me proporcionou aprendizado e conhecimento além da cultura, me capacitou para alcançar os objetivos de vida. Em 2018 pude concluir o Ensino Fundamental, nesse mesmo ano com o incentivo dos professores fiz a inscrição para a prova do ENCCEJA que proporciona a conclusão do Ensino Médio. Consegui me formar e em posse dos certificados do Ensino Fundamental e Médio, resolvi fazer o ENEM e com a nota obtida fiz a inscrição para concessão de bolsa em diversas Faculdades, públicas e privadas. Através do PROUNI e para minha alegria fui contemplada com duas bolsas de estudos. Atribuo esse sucesso a Deus em primeiro lugar, à oportunidade que tive de estudar no CIEJA, ao meu esforço também. Graças a tudo isso hoje estou no final do primeiro semestre de Pedagogia. Um sonho realizado!"

Edna Frezarin Ribeiro Martins - Mód. IV B, 2018



"Um sonho que vinha comigo desde sempre, retornar aos estudos e concluir o Ensino Fundamental, continuar o que não consegui conciliar há algumas décadas atrás. Meu sonho então parecia cada vez mais distante, aos 59 anos.

Certo dia, dentro do transporte coletivo, alguém me falou do CIEJA Iguatemi I. Fui verificar e realizei o cadastro, receoso de como seria esse retorno. Realizei a prova de classificação e fui bem sucedido para cursar o módulo IV.

Cheguei no CIEJA determinado e disposto a retornar aos estudos, os professores muito dedicados e atenciosos, isso desde a recepção até a diretoria, me senti então mais confiante. Trabalhar e estudar à noite não é fácil, mas no CIEJA temos incentivo também nesse sentido.

E finalmente chegou o grande dia! A Formatura do Ensino Fundamental e a concretização desse sonho é uma realidade de superação sim! De tantos obstáculos superados, vencidos. Provando assim, que para o saber e o aprender não tem idade. Obrigado a todos do CIEJA Iguatemi I!"

Juva Belarmino de Santana - Módulo IV C, 2019





Cidadão brasileiro

*Antônio Carlos,
Cidadão brasileiro,
Estou nesta demanda
E não perco o roteiro.
Ando aqui ando lá,
Me equilíbrio na razão,
Buscando o Estudo
Pra não perder a direção.*

*Penso sempre na história
Que me levou para o chão,
Hoje estou firme na rocha,
Firme não caiu não,
Sempre em busca do equilíbrio
Quero continuar,
Pois sem o equilíbrio,
Não dá para se aprumar.*

*Nesta vida de batalha,
Firmado em Deus estou,
Pois quem recorre a ele,
Ele ajudará
Desde a Infância tempo bom
E ruim também,
Mas prossigo sempre
Porque isso me convém*

*Não há ressentimento,
Nem amargura também...
Quem conserva amargura,
Alegria aqui não tem,
Essa é minha pessoa,
Um cidadão verdadeiro,
Expressando a verdade...
Embora não tenha dinheiro.*

*Sou cidadão brasileiro,
Morava no Ceará,
Lá trabalhei muito,
Agora vim para cá,
Sigo rompendo
E não olho para trás,
E quem olha para o chão,
Bate em poste, meu rapaz!*

*Bater a cara no poste,
Pode gerar muita dor,
Por isso te digo:
Tenha cuidado, meu senhor!
A vida é mesmo assim,
Necessita de atenção!
Nos gera experiência,
Tenho essa tal convicção."*

Antônio Carlos Módulo IV E, 2019



Quatorze anos

*Aos meus quatorze anos,
Comecei a trabalhar,
Trabalhava noite e dia,
Pensando sempre em estudar.*

*Vim pra São Paulo,
Para essa vida melhorar,
Sou casado e tenho filhos,
E comecei a estudar,*

*Um futuro bem melhor,
Pra família vou deixar,
E depois de tudo isso,
Pra minha terra retornar.”*

Gilvan da Costa Barros - Módulo III C, 2018



Minha escola

*Quando eu vou pra minha escola,
Tenho muito o que fazer,
Brinco, dou risada
Faço muito da bagunça,
Mas também quero aprender.*

*Meus amigos lá da sala,
São grandes como eu,
Dão risadas, são alegres,
São bacanas...
E os seus?”*

Diana Aparecida Gomes Correia - Módulo IV F



De CEMES a CIEJA Itaquera: Um caminho repleto de desafios!

Merci Rodrigues Medeiros (Coordenadora Geral)

Iniciei meu trabalho no CIEJA ITAQUERA, logo após a proposta da mudança de CEMES para CIEJA, no início do ano dois mil. Naquela ocasião, foi aberto um concurso interno para os professores interessados em trabalhar nos recentes CENTROS implantados pela gestão daquela época. Fiz o concurso e fui chamada para compor o grupo de trabalho. Foi um momento de transição, portanto difícil, tanto para nós que estávamos chegando da EMEF e não tínhamos contato nem com o CEMES, nem com o CIEJA, quanto para os professores que permaneceram no CIEJA, tendo participado do CEMES.

Na vigência do CEMES, o atendimento não era prioritariamente presencial. O estudante realizava a matrícula e recebia uma apostila que deveria ser estudada e, posteriormente, retornava à Unidade para fazer uma prova. Caso houvesse logrado êxito, pegaria outra apostila até concluir o seu Módulo. O contato com o professor se dava através de plantão de dúvidas e também no dia da prova. Transitei entre este movimento não presencial e o presencial. Como havia muitos estudantes com apostilas, tivemos que utilizá-las nas aulas presenciais para que não fossem prejudicados. Lembro que no primeiro ano de implantação dos Centros nos foram oferecidos muitos momentos de capacitação, inclusive em SME. Fomos colocados em contato com o SESI, pois o foco era oferecer para os estudantes uma formação também profissional. Ocorreram vários encontros entre professores e gestão dos CIEJAs com o Sesi, pois havia necessidade de pensarmos uma educação voltada para o mundo do trabalho. Nossas aulas passaram a ser compartilhadas com os professores do SESI, que ofereciam literaturas pertinentes aos cursos escolhidos pelos estudantes, de acordo com os módulos que frequentavam. Foi um período difícil, visto que tínhamos práticas bem díspares, pois cada instituição tinha o seu fazer pedagógico. No final do contrato com o SESI não houve renovação, portanto ficamos nós, professores das áreas, encarregados de articular a

formação profissional para os estudantes. Tínhamos então saído do modelo de transição para o que se adequava mais ao Projeto estabelecido pela Rede Municipal de Ensino e podíamos fazer nosso Plano de trabalho em acordo com o PPP da Unidade, sem ter que utilizar obrigatoriamente os cadernos destinados ao CEMES.

Não posso deixar de relatar que foi um momento muito ímpar, de muita aprendizagem e muito conflito. Em um mesmo espaço tínhamos professores e gestão que compartilhavam diferentes anseios. Uma parte querendo a volta do CEMES e outra acreditando no projeto presencial. Lembro que nossos coletivos foram muito intensos, pois era usada aquela fala que tanto nos separa, até hoje, nas EMEFs e em qualquer outra modalidade da educação, cito-a: "Eu tenho muitos anos nesta Unidade, sempre foi assim, então você que está chegando aciete-se". Penso que para a gestão tenha sido também um período de muito conflito e aprendizagem, a fim de acalmar os ânimos e fazer o Projeto caminhar.

Aos poucos, todos foram percebendo que para o estudante trabalhador, que tinha sido excluído do ensino regular, por muitos fatores, as aulas presenciais eram imprescindíveis, pois se constituíam na oportunidade de troca com seus pares, e mais ainda, quando nosso fazer pedagógico ocorria na forma de Projetos nas áreas, a aprendizagem se dava em maior escala. A partir daí passamos para os Projetos entre áreas, unindo assim todo o CIEJA.

Primeiros momentos em memórias

"Quando me for, levarei um pouco de ti e deixarei um pouco de mim."

Charlie Chaplin

Nossos professores mais antigos, que vivenciaram a qualificação do atendimento do CIEJA Itaquera proporcionado pelo estudo, pelas lutas, resistências e novas propostas trazem nesses pequenos relatos de suas memórias, o que os marcou, enquanto professores em nossa Unidade e como puderam contribuir com o desenvolvimento e emancipação dos nossos estudantes.



Memórias de tempos não tão distantes

Roseneide Silva Zambrini (Professora da área de Linguagens e Códigos)

Luiz Cosme Bagé (Professor da área de Ciências Humanas)

Nossa chegada ao CIEJA Itaquera aconteceu entre os anos de 2006 e 2009, cada um com uma experiência relacionada à EJA, mas estar aqui é compensador; olhar para os olhos dos estudantes e reconhecer neles a ânsia de aprender, de recuperar tantos anos sem oportunidades de terminarem seus estudos e de abrirem novos horizontes para a vida... Sentimos que no CIEJA Itaquera tudo seria diferente, o quanto seria gratificante nosso trabalho; ao ensinar, sabíamos que iríamos aprender com as experiências trazidas, com as habilidades adquiridas na vivência extraescolar, e com tantas histórias de vida.

Cada início de ano era deslumbrante contemplá-los, alguns assustados, outros ansiosos por voltarem a estudar, pensativos: como seria a nova jornada de estudos em suas vidas?

O que torna o estudo no CIEJA diferenciado são projetos que tanto marcam a vida dos estudantes e dos professores. Em um dos projetos do “Currículo em Cena”, que propõe aos estudantes o desafio de se apresentarem aos colegas, no palco da escola, o que aprenderam em sala de aula – após análise do livro: *Nasce uma Estrela*, de Clarice Lispector –, eles resolveram que fariam a apresentação teatral da obra. Aquele ano ficaria marcado em nossos corações para sempre! A encenação foi tão perfeita que a Coordenadora Geral, Prof^a Merci, convidou-os para se apresentarem no CEU Aricanduva, antes da apresentação teatral de um outro projeto do CIEJA que ocorria em todo fim de ano. Foi inesquecível para todos e uma experiência única.

Muitos projetos no CIEJA são marcantes, não só para os estudantes, mas também para nós professores. A equipe da área de Linguagens e Códigos promove, todos os anos, a escrita de um livro por sala, com um gênero textual diferente a cada ano. Eles já escreveram sobre suas histórias de vida, produziram haicais, minicontos, numa lição repleta de literatura em que são os autores dos livros e os verdadeiros protagonistas das histórias relatadas. Este projeto foi premiado por SME no ano de 2019, tal a sua relevância para a vida dos nossos estudantes.

Com o passar do tempo, surgiram também novos projetos na área de Ciências Humanas: passeios monitorados no centro velho de São Paulo para

que os estudantes não só aprendessem História, mas pudessem presenciar onde ela aconteceu, possibilitando um novo olhar sobre nossa cidade; Projeto Sala de Leitura para incentivo ao empréstimo de livros e pesquisa; Projeto Memória de Idosos e Jovens, com entrevistas e depoimentos para que suas histórias fossem registradas e valorizadas, a fim de que se reconhecessem como sujeitos históricos que são.

Tais memórias chegam à festa de encerramento do ano letivo, na tão esperada formatura! Quantas batalhas vencidas por cada formando! É possível ver o brilho dos olhos de cada um, o sonho realizado, o desejo de prosseguir em suas caminhadas, a gratidão ao ensino diferenciado e diversificado de um espaço que se tornou muito querido para todos e que deixará saudades nos corações: este é o CIEJA ITAQUERA.



O CIEJA de Itaquera é uma escola diferente das escolas que trabalhei durante meu tempo de funcionário público da educação, começando pela forma como os estudantes são acolhidos. Tudo foi uma novidade, porque não esperava que no ano de 2018 quando comecei a trabalhar no CIEJA de Itaquera que havia uma demanda tão grande de estudantes que não tinham concluído o ensino fundamental.

Trabalhando na secretaria da escola, fiquei admirado com a forma que atendemos os estudantes, em outras escolas que trabalhei o atendimento para matrícula sempre foi feito no balcão. No CIEJA de Itaquera atendemos os estudantes para matrícula em uma mesa bem organizada na secretaria. Acho o CIEJA de Itaquera é uma ótima escola para trabalhar e estudar.”

Adilson Matias de Paula (Auxiliar Técnico de Educação)

Nosso labor atual

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

Cora Coralina

Já sabemos por experiência enquanto professores e Freirianos que somos, que uma aprendizagem significativa é capaz de transformar um estudante e uma turma para sempre, mas não são só eles que se enriquecem com o



aprendizado significativo, nós também crescemos enquanto professores. É o que se vê nessas memórias aqui relatadas, em que as equipes contam sobre o trabalho realizado no CIEJA Itaquera.

Memórias da Alfabetização

Daiani Minutti (Professora da etapa de alfabetização e básica)
Luciana O. Silva de Araújo (Professora da etapa de alfabetização e básica)
Roseli Gomes Santana (Professora da etapa de alfabetização e básica)
Tatiana C. Leal dos Santos Naves (Assistente Pedagógica Educacional)

“São fotografias que a saudade terá sempre os negativos revelados na memória (...)”

Sergio Vaz (Trecho do poema Fotografias)

No CIEJA Itaquera, um dos princípios fundamentais é o trabalho que realizamos com projetos. Nós, professoras de alfabetização, viemos para o CIEJA em diferentes épocas e, apesar de cada uma ser motivada por diversos anseios, um desejo tínhamos em comum: o de trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos e a satisfação profissional que este trabalho poderia nos proporcionar. Mesmo algumas tendo mais experiências que as outras em EJA, isso não foi impedimento para que uma ótima parceria surgisse. Complementando-nos mutuamente, um excelente trabalho passou a ser desenvolvido com os estudantes de Módulos I e II.

Quando começamos a recordar todos os projetos que realizamos juntas, para aqui escrevermos estas memórias, pudemos elencar vários deles, de grande importância para nós e para nossos estudantes. Achamos por bem citar aqui os mais significativos e que nos trouxeram imensa realização profissional, juntamente com os seus respectivos produtos finais: “O mundo do trabalho”, com a exposição fotográfica: Trabalhadores/2017; “Povos indígenas do Brasil”, com a exposição: Museu Cultural Povos Indígenas – reunindo o estudo feito com cinco povos indígenas brasileiros, seus costumes e herança cultural/2018 –, “Estudo sobre povos africanos e afrodescendentes”, com exposição reunindo personalidades negras, luta e resistência/2018 e 2019; “Relatos pessoais de experiências vividas por meio da leitura e a escrita”, com

o lançamento do livro *Cartonera de Relatos: Memórias Nossas/2018* e “Relatos Pintados Paratodos”, com a exposição fotográfica de releitura de fotopinturas e microrroteiros/2019.

Lembrar dos projetos que realizamos no CIEJA sempre nos inunda de bons sentimentos. Um deles, muito forte para nós, nos traz muita satisfação e é com este sentimento que decidimos relatá-lo a seguir. Nosso trabalho sempre é norteado por alguns temas, dentre eles: Identidade, que nos proporcionou, no ano de 2019, desenvolver o projeto “Relatos Pintados Paratodos” e, como produto, uma exposição de retratos (releituras de fotopinturas) e microrroteiros escritos pelos estudantes. Neste trabalho, valorizamos e resgatamos a tradição da fotopintura, numa releitura do processo deste tipo de fotografia, o que reuniu as memórias afetivas de cada um, contadas através dos microrroteiros, promovendo o estreitamento dos laços de amizade entre eles durante as sessões fotográficas. Uma das coisas que nos encantou ao realizar este trabalho foi o envolvimento dos estudantes com as fotopinturas e o resgate de memórias que estas lhes proporcionaram. Sentimos que a fotografia dignificou cada um dos retratados, conferindo-lhes empoderamento, protagonismo e autoestima. O resgate desse objeto de cultura popular recriou uma identidade cultural muito forte, perceptível na satisfação e emoção dos estudantes ao participar de tudo o que lhes foi proposto durante o desenvolvimento do projeto. Nós, professoras, também nos sentimos encantadas, conforme percebemos a confiança dos estudantes em nosso trabalho e como se entregaram quando lhes foram propostas cada atividade ou, ainda, durante as sessões de fotos, em que realizaram as poses de forma divertida, criativa e até poética, sob nossa direção, com toda a delicadeza que o momento inspirava.

A Educação de Jovens e Adultos nos presenteou, durante estes anos trabalhados no CIEJA Itaquera, com um grande contentamento profissional, regado de desafios que só uma educação de qualidade e responsabilidade pode propiciar.

Pudemos recordar nestas memórias, dos vários estudantes que estiveram conosco, pessoas que trouxeram em sua diversidade várias vivências e aprendizados para todos nós, os envolvidos nessa troca entre ensinar e aprender.





Quando pedi remoção e escolhi o CIEJA Itaquera minhas amigas me disseram: 'você não vai se adaptar, tem muitos estudantes com deficiência, do jeito que você é ansiosa pode não se adaptar'.

E foi ao contrário! Me adaptei rápido e amei trabalhar com eles, amei e amo poder ajudar e ver que eles reconhecem o que você faz e que nos oferecem um o amor sincero! O CIEJA é como uma família, temos nossas diferenças, mas cada um sabe como acolher um ao outro. Rimos, choramos e temos lembranças boas de quem já se foi e deixou boas memórias, porque passaram em nossas vidas e deixaram saudades. O CIEJA é uma escola acolhedora e tem um carinho todo especial para cada estudante. Se o estudante está com problemas, falam com a Diretora Merci, uma pessoa que escuta e com muita sabedoria procura solucionar como pode, a coordenação também é muito presente; enfim, como eu disse, somos uma família. Isso é o CIEJA para mim!"

Elisabeth F. Machado (Agente Escolar)

Memórias das Ciências da Natureza

Adilson Aparecido Borloth (Professor da área de Ciências da Natureza)

Cristiane S. Nascimento de Assis (PAEE e Professora da área de Ciências da Natureza)

Cinthia Ribeiro (Professor da área de Ciências da Natureza)

Osmar Junqueira dos Santos (Professor da área de Ciências da Natureza)

"A maioria das ideias fundamentais da ciência são essencialmente sensíveis e, regra geral, podem ser expressas em linguagem compreensível a todos"

Albert Einstein

A área de Ciências da Natureza, no CIEJA Itaquera, integra as Ciências Naturais e a Matemática, trabalhando num processo interdisciplinar e muito pertinente para o desenvolvimento do currículo. A partir deste contexto, realizamos vários projetos numa proposta freiriana, em que sempre se valorizam os saberes dos estudantes, aprofundando os temas propostos e ampliando os conhecimentos.



Estudante Gabriel em aula no CIEJA Itaquera.

Dentre estes projetos, foi sugerida a discussão sobre “A Crise Hídrica” em São Paulo, no ano de 2016, que tinha como proposta desenvolver a consciência das consequências do uso indiscriminado da água, um recurso natural tão valioso. Foi essencial sensibilizar a comunidade escolar para refletir sobre o uso racional da água, reduzindo assim o consumo e tendo claro que se trata de um bem esgotável, o que propiciou uma aprendizagem significativa, permitindo que atuassem criticamente e com responsabilidade diante da escassez de água que se apresentava como uma problemática social.

No ano seguinte, 2017, o tema proposto foi a “Química do dia a dia” e teve um grande envolvimento dos estudantes que já produziam o sabão em casa, como uma forma alternativa de aumentar seus rendimentos, mas não compreendiam as várias reações químicas ocorridas durante o processo de confecção. Muitos diálogos entre os professores e estudantes foram fundamentais para a compreensão do conteúdo. Iniciou-se o projeto através de uma teatralização realizada pelos professores, retratando as experiências realizadas por alquimistas que queriam produzir ouro a partir de chumbo na antiguidade, apresentando assim a história da química.



Essa abordagem viabilizou discussões sobre várias receitas de sabão caseiro que foram feitas a partir da reutilização do óleo de cozinha e, com essa mediação, muitos conceitos de densidade, proporções dos reagentes utilizados para a produção de um produto de qualidade foram aprendidos. O sabão foi produzido na escola através de uma campanha de coleta de óleo usado nas casas dos estudantes e, depois de pronto, foi distribuído para todos(as). A experiência prática despertou a curiosidade na comunidade sobre a poluição que o óleo provocava na água quando jogado no esgoto.

Ainda numa proposta de Sustentabilidade, em 2018 discutimos a produção de lixo pelos seres humanos e o seu possível reaproveitamento. Artesanatos foram feitos usando os plásticos e objetos decorativos, além do reaproveitamento dos alimentos, como a produção de pão de queijo com os talos de cenoura e de brigadeiros a partir de cascas de bananas. Essas receitas estudadas em sala de aula foram produzidas e saboreadas durante o “Currículo em Cena”, um projeto que ocorre bimestralmente na Unidade Educacional e garante espaço para que os estudantes apresentem o que apreenderam para comunidade escolar. Também no ano de 2018, reutilizando telhas caneladas, sem amianto, construímos uma horta comunitária, com vários temperos a partir da germinação de sementes que foram plantadas com o protagonismo dos estudantes com deficiência, concretizando na prática a inclusão escolar. Mudanças de plantas medicinais também foram trazidas por eles.

Dentre os temas trabalhados no espaço escolar, desenvolvemos uma atividade, em 2019, que partiu das dúvidas sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis e os Métodos Contraceptivos, muito pertinentes, pois ainda existiam muitas orientações a serem feitas sobre o assunto. Relatos dos estudantes de situações vivenciadas por eles foram fundamentais para esclarecer pontos em que eles ainda tinham dificuldades. Esses diálogos foram norteadores para o fazer pedagógico do professor, pois esse assunto, apesar de tão vinculado nos meios de comunicação, merece ser aprofundado no espaço escolar.

Assim, em nossas memórias, construídas com nossas práticas, o CIEJA Itaquera apresenta-se como uma UE dinâmica e atual, não alheia aos acontecimentos do mundo, pois trabalha constantemente pela emancipação de seus estudantes.



O CIEJA Itaquera é um local de aprendizagem, interação, orientação, amizade, esperança e transformação. Quem chega no CIEJA está em busca de compensar o tempo perdido, de realizar um sonho que foi esquecido, alcançar objetivos e recuperar a autoestima através da alfabetização.

Nosso quadro é composto por vários funcionários com funções e atribuições diferentes e todos são importantes para que a nossa escola tenha um bom funcionamento.

A questão da afetividade, no CIEJA, não se restringe apenas às relações entre professor e estudante. A estruturação do ambiente escolar possibilita as interações sociais. É possível afirmar que a afetividade com o estudante está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho desenvolvido, desde o primeiro contato no portão de entrada, até no atendimento da secretaria, nas intervenções pedagógicas e no compromisso de todos. Assim, o CIEJA Itaquera participa ativamente da vida dos nossos estudantes, servindo de apoio para os que buscam a transformação.”

Roberta Monteiro Teixeira (Auxiliar Técnico de Educação)

De memória em memória nossa identidade

Bárbara Dias Lazo Neves (Assistente Pedagógico Educacional)

Merci Rodrigues Medeiros (Coordenadora Geral)

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.

Paulo Freire

Escrever sobre o CIEJA Itaquera só poderia ser um grande desafio! Como fazer, em poucas páginas, jus a toda a história deste CIEJA?

Diante do desafio, traçamos este caminho das memórias, por meio das quais representamos nossas *identidades*, (assim no plural) porque nos qualificamos enquanto caminhamos, ressignificamos, estudamos, nos transformamos, renovando constantemente nossa identidade nesse processo, pois acreditamos



que contar memórias é falar sobre nossas identidades. Uma delas, em especial – também guardada como uma memória de luta –, nos encanta e muito pode revelar sobre o CIEJA Itaquera: a inclusão dos estudantes com deficiência.

Por meio da nossa prática pedagógica, pelo currículo emancipador que defendemos, a Educação Inclusiva e a Educação Especial são em todas as frentes de militância da EJA – nossa resistência diária –, pois o atendimento aos estudantes com deficiência é uma construção cotidiana e, por ser pesquisa ainda latente na Educação, novos conceitos e práticas são apresentadas e estudadas constantemente. Estamos qualificando e construindo a Educação Inclusiva para as pessoas com deficiência em tempo real (somos sujeitos ativos nessas transformações), com o objetivo de estruturar e colaborar com uma prática que será realidade em toda e qualquer escola, não só nas propostas do CIEJA.

Os jovens, adultos e idosos com deficiência sofrem a exclusão pelo capacitismo, além de também serem excluídos por todas as outras vulnerabilidades que marginalizam os estudantes da EJA. Garantir que eles tenham uma participação ativa nos nossos projetos é, dentre as memórias, a que melhor representa o CIEJA Itaquera; afinal, entre todos os projetos aqui descritos pelas memórias das equipes, os estudantes com deficiência estavam presentes, na interação com o coletivo. As Professoras de Atendimento Educacional Especializado - PAEEs, junto à equipe de professores, encorajam os responsáveis a acreditarem na aprendizagem dos nossos estudantes.

O projeto “Escrever para (re) existir”, ganhador em quinto lugar do Prêmio *Professor em Destaque de 2019*, representou mais uma edição de lançamento da nossa Editora Artesanal Carolina Cartonera. Ter nosso projeto reconhecido só fortaleceu nossas lutas, pois neste projeto editorial que se constrói todos os anos, os estudantes podem lançar seus próprios livros, se verem capazes de deixar um legado ao mundo com sua escrita e aqueles com deficiência também estão nesse coletivo de novos escritores, com seu espaço de expressão garantido pelo(a) colega escriba, se expressando pelos desenhos, pelo olhar do outro, fazendo valer sua representatividade. Há outros projetos em que os vemos brilhar e ensinar, como a “Chuva de Leitura”¹⁹ em que os estudantes se colocavam enquanto leitores diante da turma, incentivando a leitura, ou a “Mancala”²⁰ – que permitiu a um dos estudantes retornar para o CIEJA com uma medalha pela coragem de jogar em um campeonato regional, quebrando

19 Para saber mais sobre o projeto “Chuva de leitura” acesse: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/45575.pdf>,pág:112

20 Para saber mais sobre o projeto com a Mancala acesse: <https://diversa.org.br/relatos-de-experiencia/mancala-inclusao-descolonizacao-curriculo-eja/>

os estereótipos da incapacidade. Ou, ainda, a “Capoeira na Educação Física”, que os levou até o CEU Aricanduva para protagonizarem a apresentação cultural de um Seminário e ainda serem multiplicadores das técnicas para os outros estudantes.

Permanecemos caminhando na construção de novas memórias que possam acrescentar mais conquistas e boas transformações em nossa identidade; continuamos buscando aulas mais inclusivas – empregando o Desenho Universal para Aprendizagem – e seguimos, de memória em memória, porque estas só se fazem por meio de ação, resistência e amor pelas pessoas, na busca da superação das desigualdades, de modo que o CIEJA Itaquera²¹ permaneça também como uma memória libertadora e, para que os estudantes que por aqui passam, sigam fortalecendo suas identidades, transformando suas vidas e humanizando sua existência.



Trabalho na Secretaria do CIEJA Itaquera, desde janeiro de 2020. Quando fui conhecer a Unidade na época da remoção, fiquei surpresa ao me deparar com o capricho na arrumação da Escola, tudo muito bem arrumado e decorado, para receber nossos estudantes e fazê-los com que se sintam bem.

Ao começar a trabalhar, notei que lá não é só uma Instituição para Educar, mas também para acolher e fazer a diferença, demonstrar para eles o quanto eles são importantes para todos nós. Os estudantes chegam tímidos, por nunca terem frequentado uma escola antes, mas depois de começar a frequentar, tudo muda; passam a se ver de forma diferente, se sentem seguros e felizes por fazer parte do CIEJA Itaquera.

Há uma grande quantidade de estudantes que já concluíram o curso e voltam no CIEJA perguntando se podem estudar lá novamente, pois adoraram o tempo que ficaram lá. É muito gratificante ver que estamos fazendo a diferença para todos os estudantes.”

Leonilda Pacini (Auxiliar Técnica de Educação)

21 Equipe CIEJA Itaquera - 2020

Equipe gestora: Mercí Rodrigues Medeiros; Maria Edinalda de Moraes; Bárbara Dias Lazo Neves; Tatiana Cardoso Leal dos Santos Naves. Equipe de professores(as): Adilson Aparecido Borloth;; Adriana de Oliveira; Carolina de Sá Brocchetto; Cinthia Ribeiro; Cristiane Soares Nascimento de Assis; Daiani Minutti; Fernanda Riguetti dos Santos; Flavio Germiné Filho; Jussara Quirino de Sousa; Luciana Oliveira Silva Araújo; Luiz Cosme Bagé; Maria Cristina Monteiro; Nadir Pereira Kolbe; Osmar Junqueira dos Santos; Priscila Roberta Bernardo; Roseli Gomes Santana; Roseneide Silva Zambrini; Sirlene Francisco Barbosa; Sueli Lima dos Santos. Equipe de apoio e administrativa: Adilson Matias de Paula; Celiza Habermann de Araújo; Elisabete Figueiredo Machado; José Carlos Aparecido de Souza; Leonilda Pacini; Lilian Barião; Marcos Antônio Teixeira da Silva; Marta Ribeiro Santana; Roberta Monteiro Teixeira; Rosemary Machado Santiago; Valter de Arruda Campos;



CIEJA ALUNA JÉSSICA NUNES HERCULANO

Do tijolo à aula on line: uma história dialógica de construção de saberes²²

Danielle B. do P. Bohn Monello, Ana Célia R. de Carvalho, Cláudio L. Chaubet, Jacqueline Martins, Celso O. Colombo, Maria Paula B. Cruz, Célia A. F. Borges e Rafael da Silva Lima.

Jéssica²³ caminha pela escola nesta sexta-feira de julho, 2020. Esse inverno tem sido bem quente, mas, nesta manhã, o solzinho das seis horas não esquenta muito. Tudo parece vazio e triste. Como é triste uma escola vazia, sem estudantes. Já faz quatro meses que a pandemia os afastou da escola. Outras maneiras de manter esse vínculo foram criadas, mas nunca é a mesma coisa. Principalmente para Jéssica que fica aqui o tempo todo.

Os poucos funcionários da limpeza e os da administração e gestão ainda não chegaram. Ela passeia solitária pelos corredores da pequena casa. Sim, esta escola era originalmente uma residência e foi adaptada para ser escola. São salas pequenas, corredores estreitos, um pátio que é quase um quintal. Há uma crônica falta de espaço e, portanto, necessidade constante de adaptações. Porém, a sensação não é de desconforto, mas de aconchego. “É porque há amor aqui”, fala Jéssica para si mesma, enquanto aprecia as abelhas voando entre as flores que uma professora querida plantou no jardim estranhamente colocado no meio do quintal. É incrível que, em um dia normal, cerca de oitocentas pessoas passem por esta casa-escola, participem das aulas nas minissalas, tomem seu lanche no pátio-quintal, conversem, brinquem, estudem, aprendam... enfim, vivam e deem vida a esse espaço.

22 CIEJA Aluna Jéssica - 2020

Equipe gestora: Danielle B.P. Bohn Morello, Ana C. R. de Carvalho, Laura de C. Cymbalista, Cláudio L. Chaubet.

Equipe de professores(as): Célia A. F. Borges, Celso O. Colombo, Crisleine B. Gomes, Cristina S. Ferreira, Edward J. Zvingila, Gisele A. R. Goulart, Isabela S. Machado, Izabeth S. Silva, Jacqueline C. J. Martins, José R. F. Junior, Lucas F. dos Santos, Luiza S.S.Varoli, Marcia P. A. da Silva, Marcia P. R. Oliveros, Maria Paula B. Cruz, Maria Tereza B. Teixeira, Marilza A. Ferreira, Miguel A. Gonçalves, Rafael da Silva Lima, Raquel P. Reis, Rosana C. Elias, Sérgio T. de Almeida, Sivaldo Fileto, Silvana D. Roselli, Sílvia O. R. de Barros, Sonia A. B. M. B. da Silva, Teluyo Fukasawa. Secretária: Élcio B. Raulino, Lindiomar Carvalho, Márcia L. M de Oliveira, Marcos C. de Souza, Maria Doriene P. Martins, Norma G. D. Siqueira, Thais Helena C. Marques. Limpeza: Daniele J. Justino, Terezinha L. dos Santos, Janete S. Silva.

23 A personagem Jéssica é a personificação da nossa escola, cujo nome é uma justa homenagem a uma aluna que, de muitas maneiras, encarnou os valores que defendemos. A Jéssica real conviveu conosco entre 2008 e 2009 e, apesar de enfrentar graves problemas de saúde, encantou a todos com sua coragem, determinação e alegria.

Mudar é adaptar-se para sobreviver. É assim com os organismos vivos, cujo objetivo básico e óbvio é continuarem vivos. Mas, e a Escola? Ela muda, se adapta, para atingir que objetivo? Jéssica olha a sala dois, onde durante tantos anos se discutiu a resposta para essa pergunta essencial. Tantas foram as formulações: formar cidadãos críticos, desenvolver as potencialidades, construir conhecimentos, preparar para o mundo do trabalho, construir as competências do século XXI, acolher os desamparados, socializar os que estão apartados e muitas outras. Talvez nenhuma fórmula dê conta de descrever o papel da instituição Escola. Quem sabe se, em cada época, lugar e contexto social, a Escola seja chamada para agir com uma ênfase diferente. Talvez.

O fato é que ela está viva, mesmo nesses tempos sombrios. A prova disso é que mudou. Essa mesma sala dois, onde aconteciam debates, agora está repleta de cestas básicas a serem entregues a estudantes atingidos pela crise econômica que acompanha a pandemia. Logo mais começarão as reuniões virtuais; professores, coordenadores, gestores, representantes da diretoria regional, estudantes estarão em intermináveis conversas. Num canto da sala, há uma pilha de apostilas que não chegaram aos estudantes via correio e que, agora, eles devem retirar.

Essa quarta, dia 26, é uma data especial: faz vinte anos que a escola iniciou suas atividades. Vinte anos! Quanto tempo! Certamente, é por isso que Jéssica está tão emotiva. Ela apanha uma das apostilas: “Trilhas da Aprendizagem”. Trilhas são caminhos que levam a algum destino, no caso, à “Aprendizagem”. Mas do quê? Por onde passam esses caminhos? A mente de Jéssica imediatamente a leva de volta ao passado, vinte anos atrás, no início da jornada, quando outras apostilas, então chamadas “Unidades de Estudo” também prometiam levar ao mesmo destino. Na época, a escola que hoje é CIEJA - Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos – era CEMES - Centro Municipal de Ensino Supletivo.

O início

Tudo começou como um supletivo apostilado semipresencial. Os estudantes matriculados, não alfabetizados, recebiam atendimento presencial, semelhante ao que recebem hoje, mas os que já dominavam a leitura recebiam uma apostila que deveriam estudar em casa e responder às questões apresentadas. Num dia estabelecido, eram avaliados e, se aprovados, receberiam a próxima apostila



que se referia à unidade de estudo seguinte e assim por diante. Havia também um serviço de atendimento pessoal chamado Orientação de Aprendizagens - OA - que visava ajudar o estudante a compreender um determinado conteúdo no qual tivesse dificuldade. Depois de algum tempo, o modelo começou a mostrar suas limitações.

À medida que o número de estudantes desistentes crescia, os professores e gestores buscavam alternativas dentro do modelo CEMES: as OAs passaram a ser usadas para ensinar as disciplinas, não apenas para aclarar-se dificuldades específicas; além disso, foram formados grupos de estudantes para estudar as apostilas na escola, entre outras.

Olhando para uma das apostilas "Trilhas", Jéssica consegue propor uma hipótese para o declínio do modelo CEMES. Na geometria, o centro – o "C" de CEMES e de CIEJA – é um ponto para onde todas as retas convergem. Retas vindas dos mais variados lugares (no caso, representando estudantes das mais diferentes formações, idades, contextos e histórias). Ou seja, DIVERSIDADE.

Uma apostila é uma trilha, um caminho único para a aprendizagem, mas a diversidade de perfis das pessoas que chegavam à escola implicava em que um grande número não conseguisse se encaixar nos pré-requisitos exigidos para se percorrer o caminho da apostila. As mudanças pensadas, agora Jéssica entendia, eram tentativas de suprir a lacuna entre os perfis diversos dos estudantes e os pressupostos únicos da apostila. Enquanto fecha um dos cadernos "Trilhas", Jéssica brinca: "Pelo menos, o plural do título reconhece que há mais de um caminho para o aprendizado..."

Além dos problemas sobre "como" se chegar à aprendizagem, havia muitas contestações em relação a "onde" chegar, ou seja, ao conteúdo das apostilas. Todas as disciplinas tinham ressalvas quanto a isso. De forma geral, a queixa era sobre a ênfase no conteúdo teórico, em detrimento do desenvolvimento de habilidades e competências, consideradas fundamentais para que o estudante alcançasse AUTONOMIA. Ou seja, um conjunto de competências pedagógicas que os tornassem capazes de aprender, por si, o que quisessem, em seu tempo e à sua maneira. Para se conseguir isso, a apostila não era suficiente, aulas presenciais eram necessárias.

Notou-se que uma das regras estabelecidas pelos CEMES falava da possibilidade de se oferecer "oficinas" aos estudantes. Uma interpretação inovadora da regra permitiu o surgimento das "oficinas" que eram, na verdade, aulas. Iniciando-se pelas Artes, logo todas as outras disciplinas estavam oferecendo suas "oficinas". Foi por esse caminho que a escola começou a achar sua saída

à transição do CEMES para o CIEJA. As oficinas permanecem até hoje, às sextas-feiras (workshops). Temos oficinas de violão, de bordado, de contação de histórias, preparatórias para provas de capacitação etc. São muitas delas; as que não cumprem seu papel morrem, pois os estudantes deixam de frequentá-las e são substituídas por outras, num processo de renovação constante. Jéssica olha para o informativo que ainda está na porta da sala, com a lista das oficinas. Sorri com o nome de algumas: “De que português trata uma oficina chamada ‘O português incompreendido?’”

Jéssica caminha agora pelo pátio. Da copa da seringueira lá de fora vem o som dos passarinhos, mais ao fundo o barulho dos carros passando, rápidos, pela Rodovia Raposo Tavares. Ela entra na sala de Matemática, a maior da escola, senta-se à mesa enorme e se recorda daquela sala cheia de gente discutindo, discordando, votando, sorrindo, contando histórias... “Foi aqui que este CIEJA nasceu”.

O período de gestação durou entre 2001 e 2003. Foi uma época de grande atividade democrática. Todas as sextas-feiras, após as oficinas da manhã, os professores, a gestão e os funcionários se reuniam para discutir mudanças e traçar os planos de uma escola nova. Mudanças eram consideradas, debatidas, votadas, testadas, avaliadas, rediscutidas, remodeladas e reavaliadas, num processo riquíssimo de PRÁTICA DEMOCRÁTICA. Depois, tinham de ser encaminhadas à Supervisão Escolar que deveria julgar se a novidade prosperaria, ou não. O papel da supervisora – pois a maioria foi de mulheres – era capital para o projeto que germinava. Jéssica relembra as supervisoras que passaram. Por sorte ou destino, todas elas se apaixonaram pelo projeto e o abraçaram.

Um centro educacional atrai DIVERSIDADE, porém a ideia de se colocar muitas pessoas diferentes juntas em um lugar pequeno é potencialmente explosiva. As diferenças tendem a gerar confrontos. Daí a letra “I” de CIEJA: INTEGRAÇÃO. Integrar é tornar um elemento parte de um todo. Portanto, era preciso criar uma escola que acolhesse cada um dos estudantes, não importando suas singularidades. Uma escola da qual todos se sentissem parte. Para isso, era necessário enfatizar as semelhanças e promover um ambiente de respeito às diferenças.

Respeito e aceitação da Diversidade, luta por uma escola Integradora – ideia que hoje se expressa na palavra “Inclusão” – foram os primeiros valores definidos. E valores devem ser estabelecidos para que uma pessoa, ou uma escola, saibam seu lugar no mundo, pois são eles que dirigem as escolhas e condutas.



Aos poucos, ao longo de dois anos, o modelo CIEJA foi sendo construído coletivamente. Primeiro, a estrutura de funcionamento: seriam oferecidas aulas em blocos de 2h15 e em seis horários, dois em cada período – manhã, tarde e noite –, o que permitiria às pessoas que trabalhassem em diferentes horários frequentar a escola.

Sentada à mesa com os cotovelos apoiados e o rosto entre as mãos, Jéssica avalia aqueles tempos. Diante dos problemas que surgiam, as propostas de solução adotadas deviam respeitar os princípios estabelecidos. Estas soluções geravam novos problemas a serem resolvidos da mesma maneira. Ela se lembra da questão de como se daria a dinâmica das aulas. Primeiramente, tentou-se a oferta de três aulas de 45 minutos em cada bloco. O teste mostrou que isso não seria prático, pois o deslocamento dos estudantes ou professores no pequeno espaço da escola causava confusão e perda de tempo precioso, afinal tínhamos apenas 2h15.

Foi exatamente o respeito ao princípio da integração que revelou a solução do problema. Por que não integrar disciplinas correlatas em áreas de conhecimento e oferecer uma aula de 2h15 de duração? Assim, disciplinas foram integradas em áreas; três áreas: Ciências Humanas (integrando História e Geografia); Linguagens e Códigos (Língua Portuguesa, Inglês e Artes – depois, Educação Física) e Ciências Naturais e Matemática.

Os conteúdos de cada área deveriam ser integrados, caberia aos professores das disciplinas de cada área trabalhar juntos tais conteúdos, de forma que houvesse uma interconexão entre eles, ou seja, da INTEGRAÇÃO derivou a INTERDISCIPLINARIDADE. E isso de uma maneira espontânea, como se uma coisa fosse decorrência natural da outra. Para se cumprir o requisito legal da oferta do conteúdo de cada disciplina, dividiu-se o semestre em três partes, uma para cada área, que foram batizadas “rodadas”. Assim, a cada semestre o conteúdo devido era oferecido.

Se a construção das sequências didáticas era feita coletiva e democraticamente, por consequência o currículo da escola também. Os objetivos de cada área também. E se essa construção era feita semana a semana, então o currículo sempre se manteria vivo, atual. Sempre conectado ao perfil das turmas e às suas necessidades.

Assim se foi formando um sistema quase orgânico, em que todas as partes funcionavam segundo um mesmo conjunto de valores e visando atingir os mesmos objetivos. Pensando nessa formulação quase perfeita do que seria o modelo CIEJA, Jéssica sorriu, percebendo o quão otimista estava sendo.

Quando algo parece perfeito, tende à imobilidade, à estagnação. Esse é um grande perigo, pois, por mais elegante que seja a descrição teórica de um sistema, o que vai definir a sua sobrevivência é sua ligação com a realidade. A pergunta que nunca deve deixar de ser feita é: esse modelo está alcançando seus objetivos? Jéssica repete seu pensamento em voz alta: “Nosso CIEJA está alcançando os seus objetivos?”

Novos caminhos

Vinte anos... Quanto tempo! Quantas coisas aconteceram. Quantas pessoas passaram por essa escola e deram sua contribuição. Jéssica se lembra de todos eles, sem exceção. Cada rosto, cada jeito de ser. Na salinha da coordenação pedagógica, onde mal cabem as duas mesas dos coordenadores de agora, Jéssica pega um antigo álbum de fotografias. Grupos sorridentes, fotos das festas, das formaturas. Numa delas, professores e coordenadores estão na pequena cozinha comendo, aglomerados naquele espaço mínimo – devia ser aniversário de alguém. “Será que poderemos ficar assim de novo?”.

Muitos estão desde o começo, outros já cumpriram o tempo para se aposentarem, mas continuam aqui, apaixonados pelo projeto mesmo depois de tantos anos. As fotos denunciam a passagem do tempo. Magros ficaram gordinhos; cabeludos, carecas; os cabelos embranqueceram, óculos apareceram, barbas sumiram ou surgiram brancas; as que carregavam bebês, agora estão segurando netos. Mas o brilho dos olhos... este não mudou.

Muitos outros chegaram trazendo novas ideias e maneiras de fazer as coisas. Novas dinâmicas de aula, oficinas, práticas pedagógicas que se juntaram às primeiras – “Olha aí a integração!”, diz a voz interior de Jéssica.

A passagem dos anos trouxe novos desafios e novas mudanças na escola. O princípio da integração da diversidade fez com que o olhar do CIEJA se lançasse para além dos jovens e adultos trabalhadores. O projeto se abriu para todos os excluídos do sistema educacional regular. Diante disso, um grupo imediatamente salta das fotos para os olhos de Jéssica: o dos estudantes com deficiência.

Nas fotos, estudantes com as mais diversas deficiências sorriem. “Quão importante foi essa convivência para todos nessa escola!” Jéssica avalia o quanto essas pessoas, tão invisibilizadas na sociedade, puderam mudar o ambiente do CIEJA. Elas humanizaram a escola, nos fizeram sair de nós mesmos e nos



voltar para o outro. Jéssica relembra o impacto de pessoas com deficiência nas turmas: elas despertam um profundo sentimento de empatia.

Estudantes preocupados com seu próprio aprendizado tornam-se mães, pais, irmãos e irmãs deles. A classe os adota e, quase invariavelmente, um sentimento próximo ao de uma família se estabelece. Entre todos, não apenas em relação aos estudantes com deficiência. Aquele jovem sempre fechado em si, cheio de revolta e mágoa ajuda pacientemente o colega com síndrome de Down a pintar um desenho; aquela jovem rebelde e ressonda está guardando o material da colega que tem sua mobilidade diminuída pela paralisia; aquela senhora religiosa aconselha o menino impaciente falando do seu próprio filho; os estudantes com deficiência recebem presentes, adquirem confiança; aqueles com autismo, que chegam calados, começam a se socializar.

Em frente à sala de Matemática, do outro lado do pátio-quintal, está a Sala de Recursos Multifuncionais - SRM para lembrar a Jéssica que a inclusão das pessoas com deficiência exigiu uma grande adaptação da escola. Não é simples essa integração. Primeiramente, professoras de Educação Especial foram necessárias. Com a sua ajuda imprescindível, criou-se um protocolo para o acesso desse público.

Quando chegam à escola familiares de uma pessoa com deficiência, é marcada uma entrevista com as professoras da sala de recursos, que levantam um histórico do futuro estudante e fazem uma avaliação das suas necessidades e potencialidades. A partir da entrevista, montam o que chamamos de "portfólio", com informações pertinentes e objetivos pedagógicos e comportamentais. Caberá aos professores perseguir estes objetivos. Após as primeiras aulas, os objetivos são reavaliados com a participação do professor regular e as atividades das turmas são adaptadas para atingir os objetivos do portfólio.

Com o passar do tempo o, número de estudantes com deficiência cresceu bastante. Hoje temos entre sessenta e oitenta deles conosco, conforme a época. Embora seja uma alegria acolhê-los, é também um desafio, especialmente para os professores. Numa turma, já marcada pela diversidade, atender a dois ou até três estudantes com deficiência exige deles bastante trabalho extra. O fato é que todo esse trabalho é altamente recompensado pelo privilégio de conviver com essas pessoas tão especiais. Eles nos dão muito mais do que nós a eles. Cada um deles está na memória e coração de Jéssica.

Valores construídos

Adultos trabalhadores e donas de casa, idosos e adolescentes, homens e mulheres, adeptos de várias religiões e ateus, apoiadores da direita e militantes da esquerda, heterossexuais, homossexuais e representantes de todas as expressões da sexualidade. No processo de integração de tal diversidade, o grande obstáculo são o preconceito e a intolerância.

Diante disso, o trabalho com esses temas se impõe. Racismo, sexismo, diversidade de gênero, respeito pela diferença religiosa, política e sexual são assuntos discutidos em muitas oportunidades. Os professores, ao tratar dessas matérias, precisam saber como conduzir os debates, pois o confronto de ideias deve “gerar luz e não calor”, como diz o ditado. Muitas vezes, a mera convivência é suficiente para que alguém perceba que o outro é apenas um ser humano como ele mesmo, com mais semelhanças do que diferenças. Jéssica se lembra daquela senhora idosa sorrindo junto com uma menina homossexual e trocando a cola do exercício de português.

Outras vezes, a desconstrução de uma lógica preconceituosa faz a pessoa repensar suas posições. A lembrança que vem é do menino que defendia que, muitas vezes, a mulher é culpada pelo próprio estupro por se vestir com minissaia. Quando o professor explicou a armadilha mental de se culpar a vítima pelo crime que sofreu, ele reviu seu pensamento, para satisfação das meninas que estavam prestes a bater nele.

Em outros casos, a compreensão de que o outro tem razões coerentes para ser ou pensar é suficiente para que aquele que está na posição oposta passe a respeitá-lo na sua diferença. Em todo o caso, o esforço no sentido de se compreender aquele que difere de si sempre favorece a integração de todos ao projeto da escola.

A diversidade também significa variedade. Variedade cultural. Jéssica se recorda dos Saraus do CIEJA. Já há dez anos eles ocorrem mensalmente. Estudantes se apresentam dizendo poemas, cantando, contando histórias, performando. Ao longo destes anos, quantos estudantes talentosos se apresentaram. Musicistas e batuqueiros. Cantores líricos e funkeiros, rappers e cantores de embolada, dançarinas de carimbó, de samba, casais dançando tango. Tímidos poetas e corajosos cantores desafinados. Professores e estudantes fazendo duetos. Contadores de piada sem graça. Todos sendo recebidos e se despedindo com efusivos aplausos numa alegre festa. Jéssica



pensa: “Nunca precisamos tanto festejar como nesses dias tristes... será que os Saraus presenciais voltarão?”.

Passando pelo corredor externo, Jéssica se dirige à saída da escola. Pela porta aberta do depósito ela vê os materiais de Educação Física. Material de arco e flecha, cestas de basquete e redes de vôlei adaptadas, uma fita de *slackline*, as redes de *tchoukball*, bolas de todos os tamanhos, bastões e fitas. Ao sair da casa, avistou a “quadra” onde aconteciam as aulas de Educação Física. Na rua, agora vazia, nem a perua do pastel ficou. Jéssica lembra que poucos meses atrás essa mesma rua, devidamente conquistada e demarcada pela escola, estava cheia de estudantes: jovens e velhos, meninos e meninas, estudantes com deficiência animadíssimos e adolescentes reticentes praticando os estranhos esportes que a professora propunha.

Quando se considera a diversidade dos nossos estudantes, pensar em práticas de educação física inclusivas constitui um grande desafio. A adaptação dos esportes tradicionais, a pesquisa por práticas corporais que possam ser realizadas por todos e que sejam atraentes aos adolescentes demandou muito tempo. A Educação Física desenvolvida aqui deve ir muito além do físico, abranger a mente e, principalmente, fortalecer os valores.

E o que dizer da rádio, do blog, das aulas de informática? E o que dizer das aulas de ciência e as experiências naturalistas? E das aulas práticas de Matemática? E das ações de escuta dos estudantes – as pesquisas, a atividade com as imagens? E o que dizer das saídas pedagógicas a museus, exposições e bibliotecas? E o que dizer dos palestrantes convidados, das performances artísticas – Lembra da “mulher bactéria?” Das apresentações dos estagiários?

E agora?

Parada ali, debaixo da seringueira antiga, Jessica sente mais uma vez o vento frio que vem da Rodovia. Daqui a pouco, funcionários administrativos chegarão: um trazendo pãezinhos quentes, depois as meninas da limpeza... O telefone vai começar a tocar, pessoas tocarão a campainha para pegar as cestas básicas. Então, as gestoras e a coordenadora pedagógica entrarão em cena. As reuniões terão início: demandas da prefeitura, as aulas virtuais, planos para o futuro.

O futuro parece tão incerto para Jéssica. Essa pandemia vai mudar nossa maneira de viver. E o que esses novos tempos reservam para essa pequena escola?

Jéssica respira fundo, olha para aquela seringueira alta que já viveu tanto e pensa em tudo o que ela, Jéssica, também já viveu nesses vinte anos. Ela e a seringueira vão sobreviver, vão continuar cumprindo seu destino. À seringueira, o destino de manter-se viva, verdinha, acolhendo pássaros e proporcionando sombra nos dias de verão. Ao CIEJA, o destino de acolher os que ficaram de fora – os rebeldes, os não educados, os com deficiência –, proporcionando-lhes aquele direito que, de várias maneiras, foi negado: EDUCAÇÃO DE QUALIDADE.

Afinal, não é à toa que essa escola se chama CIEJA Aluna Jéssica Nunes Herculano.



Polo irradiador da educação na diversidade

Elizabete Leonide Fekete²⁴

Em 04/07/2020, o Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos Lélia Gonzalez completou dezesseis anos de existência. Anteriormente denominado CIEJA Parelheiros, foi criado a partir do Decreto 4.787. Sua criação, em 2004, objetivava suprir duas necessidades territoriais: a erradicação do analfabetismo jovem e adulto e a falta de um equipamento cultural.

A partir de então, foram-se moldando os pilares que são a base estrutural de uma qualidade social referenciada quanto ao atendimento da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no território que abrange a jurisdição da Diretoria Regional de Educação Capela do Socorro (DRE-CS).

A seguir descreveremos, de modo breve, o território de Parelheiros/Marsilac, apresentaremos a caracterização dos nossos estudantes, apontaremos a importância da substituição do nome de CIEJA Parelheiros para CIEJA Lélia Gonzalez e mostraremos a relevância do Projeto Especial de Ação (PEA) para nortear as ações escolares. Daremos ênfase a esses quatro aspectos por considerarmos que estão intrinsecamente associados e que possibilitam às cidadãs e aos cidadãos do mundo conhecer a nossa comunidade escolar.

1.1 - Parelheiros-Marsilac: mananciais de vida

*O CIEJA também é cultura
No território do povo brasileiro,
Na região do extremo sul de São Paulo
Com seus estudantes trabalhadores e guerreiros.*

Versos do Cordel construído pelos estudantes do 4G, em 2019.

²⁴ Coordenadora Geral do CIEJA Lélia Gonzalez. Graduada em Letras pela Universidade de Santo Amaro (UNISA), Graduada em Pedagogia pela Universidade Bandeirantes (UNIBAN); Especializada em Docência Superior pela Faculdade Grande Fortaleza; Especializada em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Educação São Luís. E-mail: elizabete.fekete@sme.prefeitura.sp.gov.br.

O prédio do CIEJA Lélia Gonzalez está inserido na Praça do Trabalhador, em frente à Avenida Senador Teotônio Vilela, altura do número 8.030, ao lado do Terminal Varginha-SPTTrans de ônibus.

A Praça do Trabalhador é um dos poucos espaços de referência para o lazer dos moradores que vivem na abrangência da jurisdição da Prefeitura Regional de Parelheiros e Marsilac. Estas microrregiões, apesar de possuírem muitas áreas destinadas à produção agrícola, são áreas de proteção aos mananciais, onde a mata nativa e a biodiversidade são preservadas. Três grandes bacias hidrográficas nos circundam e nos abastecem: Capivari, Guarapiranga e Billings. Devido à importância destes mananciais no contexto geográfico, cultural, econômico e de entretenimento ao território e Município de São Paulo, o monumento-símbolo da divisão entre a nossa região e as demais regiões paulistas é o *Portal das Águas*.

A região se destaca pelo Ecoturismo com locais importantes de visitação: Templo Budista Quan-Inn, Solo Sagrado de Guarapiranga, Cemitério do Colônia, Cratera do Colônia, Estação Ferroviária Evangelista de Souza, três aldeias indígenas Guarani, pesqueiros, pousadas e locais de práticas de esportes radicais.

Todavia, convivendo em um território de beleza inigualável e de promissor polo turístico, temos uma numerosa população enquadrada entre as mais pobres do Município, com a principal característica de exclusão social. Em 2015, a Secretaria Municipal de Promoção e Igualdade Racial realizou um levantamento que objetivou traçar o perfil da população negra em São Paulo e constatou que nossa região possui 57,1% de pessoas negras. Também possui muitos migrantes vindos de outros Estados. Um dos aspectos peculiares da maioria de sua população é que ela se desloca minimamente para outras regiões da cidade, ou seja, habitam, trabalham e usufruem do reduzido número de equipamentos sociais, de saúde e de lazer oferecidos no seu território.

O prédio onde estamos instalados foi pensado inicialmente em ser usado pela Secretaria do Trabalho, mas o projeto foi inviabilizado. Em péssimas condições, a construção foi entregue para a Coordenadoria de Educação da Subprefeitura de Parelheiros, a qual, ao recebê-lo, realizou as adaptações necessárias para adequá-lo ao atendimento escolar. Finalizadas as adequações, o prédio, em 04 de julho de 2004, foi entregue à comunidade pela Prefeita Marta Suplicy.



Em suma, construído num dos extremos da Praça do Trabalhador, o prédio onde se instalou o CIEJA se encontra totalmente integrado a ela. Ao longo destes anos, temos realizado diferentes atividades educacionais na praça com a intenção de inserir seus frequentadores à comunidade escolar.

1.2 Caracterização das e dos estudantes do CIEJA Lélia Gonzalez

*O CIEJA é um espaço de inclusão,
Seja qual for a sua deficiência,
Aqui é bem recebido de coração,
Somos protagonistas com muita eficiência.*

Versos do Cordel construído pelos estudantes do 4J, em 2019.



Apresentação musical no I Seminário dos CIEJAs.

A criação do CIEJA deu-se devido à constatação do alto índice de analfabetismo jovem e adulto na região. Em 2004, iniciamos com 284 estudantes; atualmente, atendemos aproximadamente 630.

É sabido que a EJA possui uma especificidade na constituição de seus estudantes, na qual se verificam algumas variáveis na busca do ensino formal, que vão desde a necessidade da inserção e da manutenção do trabalho à inclusão no mundo letrado, assim como à satisfação e realização pessoal de frequentar a escola. É a diversidade na singularidade, isto é, na heterogeneidade de pessoas que recebemos anualmente, acabamos por atender a um perfil-padrão de estudantes com anseios semelhantes.

Tradicionalmente, desde 2007, no início de cada ano letivo, elaboramos um questionário sociocultural, a fim de conhecer o perfil dos estudantes, buscando implementar e programar ações que visam contemplar suas especificidades.

A análise dos dados obtidos entre os períodos de 2007 a 2020 nos indica o perfil-padrão dos estudantes que acolhemos anualmente. Cerca de 70% é composto por mulheres migrantes nordestinas e afrodescendentes que vieram para São Paulo em busca de melhores condições de vida. Iniciaram no mercado de trabalho antes dos quatorze anos e cerca de 50% atuam na área de prestação de serviços. As estudantes se autossustentam e são mantenedoras das suas casas e família. Possuem filhas e filhos. Utilizam transporte público para se locomover pela Cidade de São Paulo. Sua grande motivação para o retorno à escola é a aquisição do conhecimento para diversas finalidades, mas, principalmente, para a busca da qualificação profissional: 78% não possuem um curso de qualificação para trabalhar.

Diante das informações elencadas nos questionários dos estudantes, consideramos que o nosso principal desafio é oportunizar situações de aprendizagem que possam efetivamente dialogar com a multiplicidade de questões que perpassam o cotidiano, especialmente do público feminino afrodescendente.

Além destes estudantes, compostos, em sua maioria, por mulheres, temos um grupo de igual relevância e que merece especial atenção: os estudantes com deficiências. O trabalho pedagógico com a Educação Especial alicerça-se na ideia de que a educação inclusiva se volta para um movimento mundial de reconhecimento da diversidade humana e da necessidade contemporânea de se constituir uma escola sem barreiras, na qual a matrícula, a permanência, a aprendizagem e a garantia do processo de escolarização sejam para todas e todos. Na sala regular, os professores se valem da metodologia da adequação, da flexibilização curricular, do Desenho Universal de Aprendizagem - DUA e dos recursos pedagógicos acessíveis, após a avaliação e o estudo de casos individuais.



Conforme a legislação vigente sobre os Direitos das Pessoas com Deficiências (PCDs), realizamos o Atendimento Educacional Especializado - AEE com os estudantes matriculados nas duas Salas de Recursos Multifuncionais - SRMs, disponibilizando recursos e serviços e orientando quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem. Em 2011, iniciamos o atendimento do AEE com apenas uma SRM e boa parte dos atendidos eram do entorno.

Em 2020, nossos estudantes com deficiência são atendidos na SRM 1, do período da manhã ou na SRM 2, do período da tarde. Logo, desde seu início houve um aumento de atendimentos a estes estudantes na sala regular e, desta forma, o AEE, atualmente, volta-se ao atendimento, em prioridade, aos da própria unidade.

Em face ao apresentado, consideramos que o principal desafio da comunidade escolar é oportunizar situações de aprendizagem que se voltem aos princípios da educação inclusiva, da equidade e do desenvolvimento integral dos professores, de modo que possam efetivamente dialogar com a multiplicidade de questões que perpassam o cotidiano de pessoas jovens e adultas. Desta maneira, entendemos que nossas ações devem se pautar no exercício da alteridade e da valorização das múltiplas identidades que compõem a comunidade educativa.

É comum testemunharmos depoimentos dos estudantes externando sua satisfação em constatar que a escola propõe ações voltadas às suas necessidades. Para nós, suas experiências são consideradas relevantes. Conseqüentemente, suas autoestimas se elevam e eles se autoafirmam como sujeitos de direitos. Assim, se sentindo inseridos na sociedade, passam a proferir um discurso no qual a força de vontade e o desejo de continuidade nos estudos estão presentes. Também é recorrente ouvir a vontade de permanecer no CIEJA, pois neste espaço educativo vivenciam o respeito à diversidade e à dignidade da pessoa humana.

1.3. Lélia Gonzalez: uma inspiração

*No dia 26 de julho falamos da mulher negra:
Marielle, Lélia Gonzalez e Carolina de Jesus.
Foram inspirações, cada qual com sua cruz,
Deixaram seu legado trazendo muita luz.*

Versos do Cordel construído pelos estudantes do 4J, em 2019.

Nosso CIEJA, ao ser criado, foi nomeado CIEJA Parelheiros. Em 08/06/2017, foi publicado no Diário Oficial do Município o Decreto 57.723 que substituiu o termo Parelheiros para o nome de Lélia Gonzalez. A partir deste momento a Unidade Educacional passou a ser o CIEJA Lélia Gonzalez. Este acontecimento foi um marco histórico. Passamos a ter uma identidade vinculada aos ideais da luta pelos direitos das mulheres afrodescendentes. O CIEJA tem, agora, uma denominação que representa realmente os moradores do território, especialmente, a comunidade escolar como um todo.

Lélia Gonzalez (1935-1994) foi intelectual, política, professora, antropóloga e militante feminista. Como professora, transformou suas aulas em um espaço de crítica político-social, marcando o pensamento e a ação de seus estudantes. Como militante, não se absteve a respeito da opressão da mulher negra. Usou sua trajetória acadêmica para pesquisar a história do povo negro.

O desejo de alteração da denominação de CIEJA surgiu em 2015, ano no qual desenvolvemos o *Projeto Retratos Femininos*. Relembremos que o prédio escolar se localiza em um território de profundas desigualdades sociais. Grande parte de seus moradores são provenientes de outras regiões do país, são afrodescendentes e, muitos deles, retornam à escola para que esta proporcione condições para melhorar sua vida.

Conforme vimos anteriormente, nosso público é composto majoritariamente por mulheres, as quais enfrentam uma série de preconceitos que foram perpetuados por uma sociedade androcêntrica e racista, e cujo resultado é a violação de direitos das mulheres afrodescendentes. As vivências estudantis originadas a partir desta realidade nortearam as ações do PEA 2015 e as ações pedagógicas intentaram contemplar as especificidades deste grupo social.



De fato, a ideia da denominação CIEJA Lélia Gonzalez se consolidou após o trabalho com o *Projeto Retratos Femininos*. Durante o estudo da vida e obra das personalidades femininas que prestaram grandes serviços à sociedade brasileira, houve uma empatia geral em relação à vida e a obra de Lélia Gonzalez. Como a grande parte dos nossos estudantes é composta por pessoas afrodescendentes e, mesmo para aqueles de outras etnias, por 70% de mulheres, e mesmo para nosso público masculino, Lélia Gonzalez, de tão admirável biografia, é uma personalidade que representa a todas e a todos nós, mulheres e homens. Logo, Lélia Gonzalez, como patronesse, nos identifica. E também nos inspira. Sabemos que nossos estudantes enfrentam momentos em que seus direitos são violados e que, apesar das dificuldades, têm se esforçado para alcançar seus objetivos.

Portanto, foi neste contexto que surgiu a ideia de mudança da denominação. A comunidade escolar tentou homenagear uma educadora, cuja história de vida é semelhante à história de vida de cada um dos participantes da comunidade CIEJA. A trajetória vitoriosa de Lélia Gonzalez nos representa e nos dá uma identidade.

1.4. Projetos Especiais de Ação – PEAs: norteadores das ações escolares

O estudo do PEA este ano,

Tem muita coisa boa e novidade.

Em todas as disciplinas vão falar de três verdades:

Da cultura popular, do território e da sustentabilidade.

Versos do Cordel construído pelos estudantes do 4G, em 2019.

Uma das metas da EJA é oferecer uma escola que democratize o acesso e a permanência dos estudantes, proporcionando-lhes condições para a construção coletiva do conhecimento. Os jovens e adultos apresentam um amplo universo de conhecimentos práticos e concepções do senso comum sobre diversos aspectos da realidade social, física e cultural. Diante desta especificidade dos estudantes, é necessária a formação continuada em serviço dos professores que atuam no CIEJA.

Em junho de 2004, como já citado, os gestores e professores do CIEJA Parelheiros, bem como a Coordenadoria de Educação de Parelheiros, reuniram-se e analisaram as possibilidades de encaminhamento para a construção do primeiro Projeto Político Pedagógico - PPP, cujo cerne foi *O Currículo Crítico: por uma educação popular crítica*.

A proposta curricular foi organizada por áreas de conhecimento de forma interdisciplinar, sendo também considerada a inserção de experiências extra-classes, práticas sociais, bem como ações parceiras com a comunidade. Toda essa proposta foi norteadada nos eixos do Mundo do Trabalho e da Cultura, procurando atender às reais necessidades dos estudantes no contexto da sociedade do conhecimento. O primeiro eixo articulou o Ensino Fundamental e a educação profissional inicial, sendo garantida por meio da implementação do Itinerário Formativo de Informática. Já o segundo se concretizou com o resgate das identidades culturais e do reconhecimento de que, coletiva e individualmente, somos sujeitos no processo de produção de cultura.

Nota-se que, desde aquela época, buscamos construir uma práxis alicerçada nos princípios da qualidade social da educação, da educação inclusiva, da equidade e do desenvolvimento integral dos professores, por meio da dialogicidade, da problematização da realidade, da participação democrática, da coletividade e da autonomia. É sob a luz desses princípios, durante a formação continuada em serviço, ou melhor, durante a realização do PEA, que aprimoramos nosso aprender/fazer educacional. Os dezesseis PEAs idealizados – de 2004 a 2020 – formaram a pedra angular de todas as atividades escolares, norteadas as ações das dimensões pedagógica, administrativa e financeira do nosso CIEJA. Sua influência na construção do PPP, de 2004 a 2020, é inquestionável, influenciando os demais projetos pedagógicos desenvolvidos ao longo do ano letivo.

Uma análise acurada dos dezesseis PEAs desenvolvidos nos aponta que eles se classificam em quatro eixos temáticos:

1º Eixo: Estudos sobre a Cidade de São Paulo. Discussão e desenvolvimento da consciência de que temos direito à Cidade, às amplas oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho e aos bens culturais enquanto direitos incontestáveis. O Mundo do Trabalho, o Mundo da Cultura e o direito ao Patrimônio Cultural de São Paulo foram temas priorizados por este eixo. Possibilitaram uma abordagem aprofundada das relações políticas, sociais e



econômicas no âmbito da realidade local e global e na emancipação do direito de ter direitos. Os PEAs atrelados a este eixo foram:

- 2008 - Cidade de São Paulo: viver e pertencer.
- 2012 - Cultura e Cidadania: uma proposta para a apropriação do patrimônio cultural da cidade.
- 2016 - Cidadania e território: uma proposta de transposição dos muros e pontes da Cidade de São Paulo – debates, tensões e reflexões sobre Direitos Humanos.

2º Eixo: estudos sobre o território de Parelheiros. O território de Parelheiros e Marsilac configura-se em um manancial de narrativas, costumes e paisagens de extrema relevância. Os estudos ali empreendidos visaram problematizar as múltiplas questões que perpassam o cotidiano desta região, abordando aspectos ligados à territorialidade, sustentabilidade e mobilidade, bem como aqueles atrelados à História e Cultura locais, entendidas como elementos de ações educativas. Os PEAs construídos sob este eixo foram:

- 2005-2006 - Jovens e adultos: cidadãos tecendo a democracia.
- 2010 - A memória simbólica dos espaços urbanos: a praça e a escola, lugares de aprendizagem.
- 2011 - Da praça aos mananciais: o estudo da teia ambiental na busca da sustentabilidade.
- 2014 - Aspectos socioculturais da região de Parelheiros: história, trabalho, lazer, cultura e territorialidade.
- 2019 - Identidade territorial: a cultura popular entrelaçada com um mundo sustentável na EJA.

3º Eixo: estudo sobre o mundo do trabalho e qualidade de vida. Neste eixo foram abordados, principalmente, os temas qualidade de vida e mercado de trabalho. Entendemos que os jovens e adultos, ao retomarem seus estudos, visam a uma ascensão profissional e uma melhoria da sua qualidade de vida. O grupo de professores aprimorou seus saberes e sua práxis para atingir os estudantes na garantia das suas aprendizagens, na gestão das emoções, na reflexão pessoal e coletiva das características do território e das instituições e políticas públicas da região relacionadas à qualidade de vida e ao mercado de trabalho. Enfatizamos que a formação neste eixo nos

agraciou com a menção honrosa no 8º Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Fundamental, em 19/09/2013, com o projeto Cooperativas: uma experiência das práticas políticas e econômicas sustentáveis na educação de jovens e adultos. Os PEAs idealizados sob este eixo foram:

- 2004-2005 - Da visão de mundo ao mundo do trabalho.
- 2009 - Trabalho e qualidade de vida na Cidade de São Paulo.
- 2013 - Economia Solidária como práxis educativa na formação de Jovens e Adultos.
- 2020 - O direito às oportunidades de trabalho digno e vida saudável, por meio da educação e a relação com o território.

4º Eixo: estudos sobre a diversidade. O público da EJA traz consigo a marca da exclusão e, em virtude dessa característica, o trabalho pedagógico deve estar voltado à superação de estereótipos, à defesa dos direitos humanos e à promoção da igualdade. A problematização das questões sobre as diferenças é de extrema relevância. Neste eixo foram estudados temas que fomentam desigualdades: gênero, etnia, multiplicidade cultural, preconceito linguístico, entre outros. Os PEAs deste eixo foram:

- 2007 - Educando na Diversidade para reconhecer a identidade na multiplicidade cultural.
- 2015 - Construindo a igualdade de gênero na EJA: protagonismo, empoderamento e emancipação.
- 2017 - Literaturas e as tramas da Cidade: a poética das palavras nos diversos territórios.
- 2018 - Diálogos para a Paz: estudos sobre alteridade e não violência na EJA.

Enfim, a formação continuada em serviço é essencial para a obtenção de ferramentas para o enfrentamento dos inúmeros desafios que permeiam a EJA. Os horários de formação coletiva voltados para o PEA nos oportunizam colocar diante de nós mesmos conhecimentos e vivências de práticas pedagógicas que nos subsidiam no fazer pedagógico, com a finalidade de contribuir para que os estudantes atribuam novos significados a sua existência enquanto sujeitos de direitos



Conclusão²⁵

Apresentamos às cidadãs e aos cidadãos do mundo as quatro vertentes que direcionam nossa práxis e que estruturam uma qualidade referenciada da modalidade de Educação de Jovens e Adultos no extremo sul da Cidade de São Paulo: o território, o público, a identidade e o Projeto Especial de Ação. Devido à brevidade deste texto, não explicitamos outras características de nossa comunidade e de nosso trabalho. Todavia, fica aberto a todas e a todos o convite de conhecer o CIEJA Lélia Gonzalez. Visite-nos pessoal e virtualmente! E curta nossa página no Facebook: <https://www.facebook.com/CIEJAleliagonzalez/>.

Encerramos nossa breve exposição com um fragmento da “Carta das Cidades Educadoras”, elaborada no 1º Congresso Internacional das Cidades Educadoras, sediado em Barcelona, em novembro de 1990:

A cidade deverá promover a educação na diversidade para a compreensão, a cooperação solidária internacional e a paz no mundo. Uma educação que deverá combater toda a forma de discriminação. Deverá favorecer a liberdade de expressão, a diversidade cultural e o diálogo em condições de igualdade. Deverá acolher tanto as iniciativas inovadoras como as da cultura popular, independentemente da sua origem. Deverá contribuir para a correção das desigualdades que surjam então da promoção cultural, devido a critérios exclusivamente mercantis.

25 CIEJA LÉLIA GONZALEZ - 2020

Equipe: Anderson Miranda De Souza, Adilson Campos Calasans, Rosemeire Malaquias De Castro, Vicente Lazaro Filho, Jozeline Da Silva Ribeiro, Josuel De Melo Oliveira Silva, Aparecido Gilmar Fernandes, Kellen Paula Roschel, Poliana Abrantes De Sásouza, Elizabete Leonide Fekete, Josemar Aparecida Da Rocha, Agatha Rodrigues Da Silva, Betania Cassia Henrique, Cleber Aparecido Batista Barreira, Paula Rodrigues Vulcani, Andre Luiz De Souza Rastini, Magno De Oliveira Duarte, Quiteria Dos Santos Feitosa Duarte..

CIEJA PROFESSORA MARLÚCIA GONÇALVES DE ABREU

Projeto de conhecimento, autonomia e reflexão: Marlúcia revisita o passado...

Denise Malone Simões Gomes,
Kátia Ap. Ferraz dos Santos,
Rosemeire da Costa Gomes Soares e colaboradores²⁶

Artigo III

*Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.*

Thiago de Melo

Chegou a nossa vez de contar um pouquinho da grande história deste Centro, que teve início ao ser publicado no DOM de 09/12/98, sob o Decreto nº 37.745, de 08/12/98, criando o Centro Municipal de Ensino Supletivo - CEMES, Delegacia Regional de Ensino 13.

Uma existência marcada por utopias, lutas, organizações populares, que surgiram até antes da concretização destes centros e persistem, por meio de um projeto sociocultural dinâmico, visando à legítima apropriação de direitos, tomada de ciência dos deveres e uma educação de qualidade ao longo da vida desses sujeitos sociais que encontram nesse espaço **a oportunidade de diálogo para construção** de uma educação libertadora, cidadã, que lhes proporcione a possibilidade de maior qualidade de vida, trabalhando muito para ampliar as competências leitora, escritora e oral.

²⁶ Equipe 2020 – CIEJA Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu

Equipe: Aline Albuquerque, Aline Patrícia A. Ferraz, Ana Cláudia Fidélis J. Alves, Ana Paula Rodrigues, Andréia Lira, Aparecida F. Rosante, Arthur Cavalcante, Bernadete Fagundes da Rosa, Cleide Z. Pereira, Clélia Leandro Da Silva, Denise Malone S. Gomes, Denivaldo Carneiro da Silva, Edil Ap. Ramos, Eliane da S. Fernandes, Gizele Mauro, Italo Tadeu Bartolo, José Luiz da Cruz, Josilane L. da Silva, Kátia A. Ferraz dos Santos, Luciana Maria da Costa, Lucy Carlota R. Teixeira, Luiz Carlos Borges, Maria Darci C. Venditti, Maria Isabel M. de Camargo, Maria Ivanilde B. de Freitas, Maria Socorro A. S. Kockis, Maria Teresa Barco, Michael de O. Lemos, Monica Ivone dos Santos, Priscila Inácio Bueno, Rosana Balarine G. Cruz, Rosemeire da C. G. Soares, Vandrê Venturini.

Para enfrentar esses desafios e sonhos, em 2003, o CEMES, modalidade semipresencial, passa a ser reconhecido como modalidade presencial de ensino da Prefeitura de São Paulo, assumindo a nomenclatura de CIEJA - Centro de Educação de Jovens e Adultos, que atende à faixa etária correspondente a partir de 15 anos de idade, em três períodos (manhã, tarde e noite). O curso tem duração de 4 anos, estruturados em 4 módulos: I (Alfabetização), II (Básica), III (Complementar) e IV (Final). Cada módulo tem duração de 1 ano (200 dias letivos) e as aulas são desenvolvidas em encontros diários de 2 horas e 15min (3 horas/aula).

Por muitos anos, nosso CIEJA recebeu o nome do próprio bairro (São Mateus) mas, atendendo a pedidos da comunidade escolar, em 14 de outubro de 2013 foi decretada a alteração para **Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu**, em homenagem ao relevante trabalho desenvolvido pela Professora Marlúcia, em prol do Ensino Municipal, destacando-se pela dedicação à formação de jovens e adultos.

Todo amanhã, porém, sobre o que se pensa e para cuja realização se luta, implica necessariamente o sonho e a utopia. Não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem a sua concretização. É nesse sentido que tenho dito em diferentes ocasiões que sou esperançoso por imperativo existencial.

Paulo Freire

Desde o CEMES até os dias de hoje, milhares de pessoas passaram por este espaço, deixando e fazendo História. Entre elas, alguns professores, que deixam aqui transcritos parte de seus relatos:



“A escola sempre foi para mim uma segunda casa, afinal, entrei nela aos 7 anos e só saí com mais de 50. Minha vida profissional foi dividida em 2 partes: trabalho com crianças e com jovens e adultos.

Conheci a EJA desde o CEMES. No dia do meu aniversário, iniciei meu trabalho. Foi um presente, uma grande e valiosa experiência, pois verdadeiramente fui me formando em serviço. Trabalhar na EJA aumenta no professor a responsabilidade do seu trabalho no ensino fundamental e de ter uma

certa bagagem ligada aos Direitos Humanos, de reconhecer e valorizar os diversos grupos religiosos presentes em sala, a luta contra a homofobia, o racismo, quaisquer formas de preconceitos, além de buscar levar parte do conhecimento científico a que têm direito, pois como o adulto já tem conhecimentos cristalizados, o trabalho diário é mais complexo, porque envolve construção, reconstrução e ressignificação de valores democráticos.

A maioria deles, que vem de comunidades vulneráveis, já passou pela escola e, por motivos diversos, não completa seus estudos. Há momentos em que somos o único arrimo emocional dos estudantes. Nunca me esqueço do garoto que amava Artes e que, com o primeiro salário que recebeu, comprou uma jaqueta e uma caixa de lápis de cor e veio me mostrar todo feliz (ele trabalhava num lava-rápido, suas unhas viviam em carne viva pelo uso do sabão) ou das estudantes que, fazendo a lição, furavam as folhas do caderno com as lágrimas que vertiam. Uma delas, em especial, falecida recentemente, cadeirante, que tinha na escola um lugar de aprendizagem e de convívio social; sua irmã me relatou que foi um dos locais onde ela se redescobriu. Sem contar aqueles que se tornaram amigos de coração. O CIEJA é uma escola humanizadora.”

Profª Sueli Miranda



“Sou Maria Socorro, professora de Geografia no CIEJA Professora Marlúcia. Iniciei o meu trabalho nesse centro em fevereiro de 2002, quando ainda era CEMES, depois continuei na transição para CIEJA. Houve apenas quase um ano de hiato em minha carreira neste local, entre 2010 e 2011, por motivo de incompatibilidade de horários.

Quanto à designação do professor para o Centro, naquela época, deveria passar por uma avaliação escrita, entrevista realizada por uma comissão de educadores que trabalhavam no Núcleo de Aprendizagem Educacional - NAE e por uma análise da vida profissional pregressa, com o intuito de selecionar o perfil desse trabalhador, cujos pré-requisitos estavam ligados, principalmente, à questão da presença.

Quando ainda era CEMES, os estudantes passavam por uma avaliação, mesmo tendo apresentado comprovação de escolaridade e, a partir daí, seria encaminhado para um determinado módulo. Assim, conforme o seu



desempenho, ele seria reclassificado independente da época do ano para o fundamental I ou para o fundamental II. Os estudantes retiravam o material referente às disciplinas nas quais se inscreviam para realizar as provas destinadas à eliminação de matérias e poderiam se dirigir ao Plantão de Dúvidas. A frequência era controlada por um documento chamado Passaporte.

Na mudança para o CIEJA, o atendimento passa a ser presencial e ocorre por meio de projetos interdisciplinares, entre as áreas do conhecimento. A flexibilidade de horários, apesar de não ser muito viável, hoje, em relação à legalidade, era um referencial bem favorável aos estudantes trabalhadores que poderiam estudar em revezamento de turno.

Sobre a formação dos professores, ocorriam sempre às sextas-feiras, com dispensas dos estudantes, cujas respectivas aulas eram compensadas com trabalhos extraclases. Nesses dias, recebíamos palestras, visitávamos museus, frequentávamos exposições, peças teatrais, cursos, seminários pertinentes às demandas da EJA.

O público, no início do CIEJA, era formado por trabalhadores que não tiveram oportunidade escolar na idade certa, porém, as matrículas vêm se modificando, dando espaço maior à inclusão de pessoas com deficiências, pessoas em situação de rua, jovens que cumprem medidas socioeducativas, comunidades LGBTQIA+ e outros públicos, sem deixar de incluir os estudantes trabalhadores.

Sou grata por fazer parte dessa equipe, da história do CIEJA, à oportunidade, à interação com estudantes e colegas, pela realização profissional, porque no CIEJA não me sinto só professora, mas também aprendiz...”

Profª Maria do Socorro Almeida Santos Kockis



“(...) Desde a criação do CIEJA até hoje, houve muitas mudanças no espaço físico para melhor, como acabamentos, materiais pedagógicos variados, móveis, eletroeletrônicos, atualizações e modernidades que facilitam as nossas vidas e as dos estudantes, trazendo dignidade ao dia a dia. Porém, há pontos essenciais que só melhoram com o passar dos anos e se fortalecem: a acolhida, o tratamento, o convívio harmonioso, mas também desafiador com os estudantes trabalhadores, a senhora dona de casa que quase não saía do lar, os estudantes com com deficiência.

Somam-se a essas características, algumas práticas que estimulam o protagonismo dos professores. O Show de Talentos, A Mostra Cultural (anuais), o Leituraço (semestral), “Sessão Cinema” (semestral) e a Feira de Trocas. No primeiro, há apresentações dos estudantes, como contação de histórias, piadas, peças curtas de teatro, dança, canto, sarau etc. Na segunda, ocorrem parte dos resultados dos trabalhos do ano letivo. No Leituraço, histórias são selecionadas pelos professores, de acordo com os temas tratados no momento ou com a riqueza literária, arrumam-se espaços apropriados e aqueles que se inscrevem para ouvir uma das histórias que serão contadas. Na sessão cinema, a seleção é parecida, por temas, 4 ou 5 filmes são eleitos e eles escolhem a qual assistirão. Na Feira de Trocas, a participação tem crescido, cada um (todos da escola se envolvem) leva uma peça, um objeto e no pátio ocorre o “desapego”. A ideia é incentivar o consumo sustentável e equilibrado, além da solidariedade e empatia, que vem por consequência.

Fundamental acrescentar o trabalho da Professora Gizele Mauro, na sala de Recursos Multifuncionais, com o público-alvo da Educação Especial (pessoas com deficiência). São práticas diárias de atendimento aos estudantes, buscando incansavelmente a verdadeira inclusão, além de ofertar apoio pedagógico às aulas de todas as áreas para flexibilização das atividades propostas pelos demais professores da UE.

Muitos dos estudantes que já se formaram mantêm contato e a fala é unânime: sentem falta da acolhida que aqui tinham, sentem gratidão pelo tempo que passaram nesse espaço!”

Prof^a Rosana Gomes



“Eu me chamo Lílian dos Anjos, leciono Língua Portuguesa e tive a sorte de poder trabalhar com profissionais maravilhosos no CIEJA Marlúcia G. Abreu, pelo período de 2004 a 2015. Foram onze anos de muitas histórias guardadas em meu coração. Dentre tantos projetos, recordo-me de um que me emociona até hoje. Era um Projeto Cultural sobre Cordel e a sua importância em nossa língua, que envolveu várias áreas e professores. Os estudantes haviam feito Cordéis, Xilogravuras, várias apresentações artísticas, entre tantas outras atividades propostas pelos professores e, para finalizar, uma das professoras da área de Linguagens e Códigos convidou o escritor Luiz Poeta para fechamento desse projeto!”



Ele declamou muitas poesias, pedia a participação com palmas, gestos e, em um determinado momento, perguntou se alguém sabia uma poesia de cor. Nesse momento, um estudante, chamado Antônio, ergueu o braço, foi para o palco e declamou mais de três poesias que sabia de memória! Eu fiquei sem fala, uma vez que ele, em sala de aula, apresentava muitas dificuldades. Depois desta noite mágica e memorável, começou a se dedicar mais aos estudos, pedia para ler e tudo mais. Ali pude ver como a **valorização e estímulo** são importantes para a formação dos estudantes!

É por esta e por outras que sou muito grata a todos(as) do CIEJA MARLÚCIA GONÇALVES DE ABREU, que me tornaram uma pessoa melhor!”

Profª Lílian dos Anjos Santana Valinhos



“Fui professora de Matemática e trabalhei até 2008 no CIEJA, me aposentei no ano seguinte. Conheci a EJA no antigo projeto CEMES.

O CIEJA foi o segundo momento, onde ocorreu a proximidade com os estudantes, o que me mostrou, de forma muito clara, a diversidade de realidades presentes na Escola.

Por esta razão, tínhamos uma preocupação constante em mantê-los estudando. Duas das ações a esse respeito, que julgo muito importantes, foram: a **valorização da sabedoria** de cada um e o respeito a essa sabedoria que direcionava as atividades pedagógicas e a **interdisciplinaridade**, que enriquecia não só os estudantes, mas também os professores. Desejo muita luz na escrita do livro, com a participação do CIEJA Professora Marlúcia Gonçalves de Abreu (professora super competente e querida que tive o privilégio de ter como amiga).”

Profª Márcia Mesquita de Andrade



“No meu modesto percurso como professor no CIEJA, iniciado em 2014, venho entusiasmando-me permanentemente pelas ações pedagógicas que se materializam de um modo muito significativo a partir das propostas que lanço e das respostas dadas por muitos estudantes nas interações dialógicas travadas nos processos de mediação pela

docência, pautada numa perspectiva de escola enquanto locus privilegiado de transmissão, mas, para além disso, numa perspectiva freiriana, de crítica dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, num esforço permanente em descolonizar o currículo e a concepção clássica do que seja uma aula.

Assim, no CIEJA, tenho a grata oportunidade da convivência com a riqueza da heterogeneidade de faixa etária, com o desafio das plurais condições cognitivas e com múltiplos contextos de realidade social dos estudantes periféricos enquanto sujeitos de direito, que de modo potente e resistente aqui se matricularam, o que muito vem me enriquecendo enquanto ator social, professor e historiador (...)."

Prof. Luiz Carlos Borges

Pensar a história como possibilidade é reconhecer a educação também como possibilidade. É reconhecer que se ela, a educação, não pode tudo, pode alguma coisa.

Paulo Freire

Os relatos completos que nos foram apresentados têm em comum alguns pontos: o acolhimento, as boas memórias, a solidariedade, as relações humanizadas entre os estudantes, professores, gestores e funcionários em geral, que nesse espaço conviveram.

De certa forma, os limites e desafios permaneciam e permanecem nessa Unidade Educacional. A necessidade de se ampliar constantemente aos olhos dos estudantes os conceitos que envolvem a cidadania e a sua assimilação; de se trabalhar a autonomia; a aceitação e o entendimento das diferenças, compreendendo-as não como defeitos, mas como possibilidades de existência humana e de amadurecimento social, o que faz com que a autoestima se equilibre e se renove, como uma das consequências.

A caminhada é longa, de grandes responsabilidades e desafios, mas foi decretado que girassóis já temos, e as janelas permanecerão abertas para o verde continuar crescendo na eterna esperança!



O movimento metodológico do CIEJA Prof^a Marlúcia Gonçalves de Abreu costumeiramente está focado em tentar responder ao público a que esse projeto atende procura: conhecimento, relações sociais, soluções para dilemas da vida cotidiana, conscientização de lugar no mundo, autoafirmação, autonomia e reflexão. A resposta ao objeto a que se refere está feita; resta saber “como” a Unidade Educacional, como um todo, promove tal movimento. Isso está diretamente ligado ao que vamos discursar: projetos, miniprojetos, aulas temáticas, palestras de professores e profissionais convidados para enriquecer as práticas.

Eu acredito que olhar para trás é seguir em frente. É quando a gente lembra tudo que já passou para chegar até aqui, e tem a certeza de que nunca é hora de parar a caminhada.

Bráulio Bessa

Começamos do macro para o micro: o CIEJA Marlúcia, como informalmente nos referimos a essa UE, apresentou durante sua existência muitos projetos, que além de atender às necessidades dos estudantes, ultrapassou os muros da escola; foram premiados e reconhecidos pela Rede Municipal de Ensino, conquistaram alguns dos Prêmios Paulo Freire; Desafio 2030 - Escolas Transformando Nosso Mundo, além de destaque na mídia impressa.

Há uma quantidade significativa de Projetos desenvolvidos pelo CIEJA Marlúcia; no entanto, procuraremos traçar uma breve retrospectiva com os mais recentes e de maior relevância, que atenderam às expectativas pedagógicas estabelecidas pelos professores e pela gestão escolar.

Começamos pela área de Ciências Humanas, que é formada por profissionais que promovem a desconstrução de estereótipos, conceitos pré-estabelecidos pela sociedade, bem como o reconhecimento de lugar no mundo por meio de um ensino engajado e diversificado, abarcando diversas possibilidades de usos de instrumentos culturais que propiciem aos estudantes a reflexão e autonomia para uma mobilidade cidadã.

No ano de 2015, a área de Ciências Humanas desenvolveu e apresentou o projeto intitulado:

“A Cidade de São Paulo com espaço para a construção da cidadania: diferentes tempos e espaços na perspectiva de seus habitantes.” Para tanto, trouxe como justificativa:

[...] evidenciar o patrimônio cultural presente na Cidade de São Paulo, sobretudo a partir das diferentes contribuições de seus habitantes. [...], além de propiciar aos estudantes a “constatação e a reflexão sobre seu protagonismo na construção do patrimônio cultural de São Paulo – palco do encontro de diferentes tempos e espaços. Para este fim, foram selecionados temas pertinentes à área de Ciências Humanas (História/ Geografia) que, por meio de uma abordagem interdisciplinar, buscou atender às especificidades dos estudantes, valorizando suas experiências de vida e os saberes que adquiriram ao longo de sua trajetória pessoal, respeitando (e incentivando o respeito) às diversidades culturais, étnicas, regionais, de gênero, religiosas, entre outras que se fazem presentes na população brasileira.

Foi de suma importância procurar garantir que os estudantes construíssem os saberes necessários para compreender a realidade em que vivem, a partir da análise dos diversos elementos que compõem o espaço regional, brasileiro e mundial, bem como suas transformações e permanências ao longo do tempo. Tornou-se fundamental, portanto, articular a história da Cidade de São Paulo não apenas com a história brasileira e mundial, mas também com a história de seus habitantes, representados nesse projeto pela comunidade escolar”.

O projeto em questão teve como embasamento teórico a obra de Paulo Freire, em específico o livro “Pedagogia da autonomia”. Além disso, houve uma articulação dos professores da área, além de visitas importantes a lugares da Cidade, tais como:

Visitação ao Museu da Imigração, à aldeia Tekoa Pyan (terra indígena do Jaraguá) – visita articulada ao projeto de Linguagens e Códigos, que foi realizada em parceria com o CIEJA Iguatemi, da DRE São Mateus.

Também foram exibidos na UE filmes, documentários correlatos à temática desenvolvida. Outrossim, o projeto estava ligado às africanidades, que são constantes no trabalho dos professores da Unidade, principalmente pelo professor Me. Luiz Carlos Borges, que palestrou sobre as pesquisas arqueológicas do Cais do Valongo, um dos principais portos de desembarque de africanos escravizados no Rio de Janeiro, e as obras de Jean-Baptiste Debret, que retratam de diferentes formas o trabalho escravo e a violência do trabalho compulsório no Rio de Janeiro no século XIX, o que possibilitou reflexão dos estudantes sobre o reconhecimento da temática estar ligada à Cidade de São Paulo.



A sensibilização e o trabalho como um todo trouxeram um grande resultado junto aos estudantes, tanto aos da Alfabetização e etapa básica, quanto das etapas complementar e final.



"Eu nunca pensei que algo tão simples, que fez parte da minha infância, fosse algo de valor.."

Maria Bosca, estudante do módulo III, sobre sua apresentação na Degustação.



"Palestra maravilhosa com o professor Luiz Carlos! A história da escravidão contada através das telas do Debret! Encantada com tanta riqueza!!!"

Gildete Teles, estudante do módulo IV



"Eu achei que esta atividade, a de contar a nossa história, foi muito importante. Teve gente que não gostou, que não queria ficar ouvindo as tristezas do outro. Mas eu gostei, porque mudou o nosso olhar em relação a gente mesmo e ao outro."

Catarina, estudante do módulo III, sobre o trabalho com as fontes históricas.

O profissionalismo mostrou-se eficaz: o esforço da comunidade escolar trouxe aos participantes o **Prêmio Paulo Freire 2016**, na modalidade EJA.

Esse não foi o único projeto agraciado com premiação. Uma equipe tão comprometida, certamente busca excelência em suas práticas; logo, outras áreas do CIEJA Marlúcia também tiveram seus projetos premiados.

A área de Linguagens e Códigos, no ano de 2018, concorreu com o projeto: **Paz, justiça e cidadania – Feira de trocas** ao prêmio Agenda 2030 e obteve o terceiro lugar na categoria EJA.

Como não poderia deixar de ser, houve todo um cuidado na execução do projeto, que procurou trazer os Objetivos de Aprendizagens - ODS para a prática cotidiana: *Educação de qualidade; Trabalho decente e crescimento econômico; Consumo e produção responsáveis e principalmente Paz, justiça e instituições eficazes.*

A justificativa/inspiração para o projeto:

“A paz é um estado inerente ao ser humano. Qualquer situação que propicie a ameaça a esse estado desestabiliza a pessoa, impedindo-a a viver com plenitude. Já a cidadania está intimamente ligada à justiça e é sabido que todos esses aspectos estão há muito tempo deficitários em nosso planeta e, em especial, em nosso país”.

A área de Linguagens e Códigos: Língua Portuguesa, Inglês, Artes, Educação Física, Sala de Recursos Multifuncionais - SEM – destinada a estudantes com deficiências –, e Informática, mediante o tema **“Paz, justiça e cidadania – Feira de trocas”**, elaborou um plano de ação em que fossem trabalhados diversos aspectos para o envolvimento dos estudantes, com relação à cultura de paz numa parceria durante todo o ano, resultando em uma feira de trocas solidária e dança circular. Sempre em consonância com os módulos I e II, cujas profissionais trabalham de maneira a alcançar todos os estudantes, usando da flexibilização de atividades e propostas para avaliar o seu desempenho.

Todo o projeto desenvolveu-se por meio de pesquisas realizadas pelos estudantes, além de leituras e reflexões sobre a temática. A UE tem um projeto permanente: o show de talentos, que esteve em consonância com o projeto desenvolvido pela área de Linguagens e Códigos – “algumas turmas apresentaram uma performance da Música ‘A paz que eu não quero’, do grupo O Rappa. Também, leram poemas relacionados à cidadania. No decorrer do ano estiveram sempre em contato com frases de reflexão e criaram painéis ilustrados com esses aforismos”.

O projeto teve como principal produto-final a **feira de trocas**, assim definida no projeto original escrito pela professora Aline Patrícia Ferraz:

“Batizada de Sankofa – termo Adinkra Sankofa –, que é um pássaro africano de duas cabeças e, segundo a filosofia africana, significa, aproximadamente “voltar ao passado para ressignificar o presente”. [...]

A orientação foi para separarem em suas casas coisas que não mais utilizavam, mas que estivessem em bom estado e fosse possível cambiar (trocar de forma solidária).

Também, tanto estudantes como funcionários, trouxeram objetos, livros, discos, roupas, enfeites, utensílios para doar aos estudantes que não tinham nada para trocar; alguns por morarem em abrigos, estarem em liberdade assistida, alguma necessidade especial, falta de tempo, entre outras diversas situações de vida. Essa atitude de solidariedade e empatia permitiu a participação de todos os estudantes em todos os períodos e ninguém ficou de fora.”



O resultado foi melhor que o esperado: a conscientização ultrapassou os muros da escola não só com a merecida premiação, mas com a ação já prevista de doação à entidade (abrigo), próximo à UE, dos objetos que restaram da troca.

Depoimentos de alguns estudantes:



“A feira de trocas nos fez repensar a utilização das coisas”

Cleide 4H.



“Conseguí trocar coisas que eu não usava por algo útil”

Jurandir 4I.



“Saber que o seu objeto ganhará um novo destino é compensador”

Rubia 4K.

Quando se afirma que todas as áreas trazem a eficiência, não poderia ser diferente com Ciências da Natureza e Matemática, que trouxeram mais um prêmio para a o CIEJA Marlúcia, no ano de 2019, com o projeto: “Da escola para o prato – Horta suspensa”, sob autoria das professoras Maria Ivanilde Bezerra de Freitas e Maria Darcy Cielici Venditti –, que recebeu o prêmio “Desafio 2030: Escolas Transformando Nosso Mundo”.²⁷

O projeto foi elaborado a partir do conteúdo recorrente sobre sustentabilidade e alimentação saudável, que buscou influenciar os estudantes na questão do reaproveitamento de alimentos e ao não desperdício, enfatizando a questão econômica e a sustentabilidade do planeta, contando com práticas diárias em sala de aula, visitação a hortas comunitárias próximas à UE, ao Aterro Sanitário (seguido de palestras) e   cria o de horta suspensa.

Além disso, por meio dos saberes dos estudantes, atendendo ao tema do PEA (Múltiplas Inteligências), aconteceram oficinas com o uso total dos alimentos, sem deixar “sobras”.

²⁷ Trabalho disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/CIEJA-recebe-premio-com-projeto-de-horta-suspensa/>
**sobre a premia o: <https://envolverde.cartacapital.com.br/confira-os-vencedores-da-terceira-edicao-do-premio-desafio-2030/>

Simultaneamente ao projeto premiado, e não menos importante, a Unidade contou, no mesmo ano (embora não tenha concorrido a nenhuma premiação) com o projeto específico de Matemática: Jogos Matemáticos, feitos manualmente, que procurou explorar a Inteligência Lógico-Matemática, para que os estudantes pudessem compreender que essa inteligência está relacionada não só aos cálculos matemáticos realizados no papel, mas também a outras circunstâncias como a participação e execução de jogos.

O que toda a equipe escolar pôde observar na execução de tal projeto (realizado em grupos) foi que, além da harmonia, houve um grande interesse e certo orgulho do resultado final por parte de todos os envolvidos, sem exceção, independentemente da idade, gênero ou desenvolvimento intelectual.

Os jogos foram feitos com materiais reciclados o que resultou, como produto-final: boliche, dama, quebra-cabeça, torre de Hanói, batalha naval, jogo de multiplicação, jogo de fração, ludo, dominó, entre outros.

Se fôssemos descrever todos os projetos que o CIEJA Prof^a Marlúcia Gonçalves de Abreu já promoveu durante sua existência, precisaríamos de um livro inteiro. No entanto, essa já é uma pequena mostra da excelência e da sintonia que há com o grupo de profissionais que atuam nessa Escola de Jovens e Adultos.

O reconhecimento principal vem dos que trocam saberes com os mestres envolvidos no processo pedagógico, com muito crescimento pessoal, desenvolvimento intelectual, desconstrução de paradigmas cristalizados, autonomia e reflexão sobre o lugar dos estudantes no mundo.

E assim segue, Marlúcia...



Territórios educativos de lutas e resistências²⁸

O Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos - CIEJA Perus I foi criado em dezembro de 2015, com início das atividades letivas em fevereiro de 2016, buscando atender a uma antiga aspiração da comunidade local e a uma imensa demanda da região noroeste de reparação e oportunização de estudos de Ensino Fundamental para jovens, adultas²⁹ e idosas.

No momento atual, conta com mais de 1500 estudantes matriculadas, distribuídas nos seis períodos de funcionamento. Um dos diferenciais dessa instituição, planejado e desenvolvido conforme a demanda, é o atendimento à comunidade de haitianas que chegaram ao Brasil e se estabeleceram na região. O currículo e a organização escolar foram repensados a partir dessa comunidade migrante³⁰, que já é mais da metade do número total de estudantes da escola e que representa um dos maiores grupos de migrantes no nosso país nas últimas décadas.

Como trabalhamos numa perspectiva freiriana, acreditamos que estamos verdadeiramente construindo um equipamento público e um currículo com as classes populares, valorizando e estabelecendo vínculos reais de partilha e colaboração, pautados no diálogo horizontal entre todas as agentes do território. Sendo assim, buscamos dialogar com a comunidade e atendê-la em suas necessidades de formação, acolhendo todas que nos procuram diariamente em busca de conhecimento, reflexões, diálogo e alimentação. Nesse sentido, visamos promover o *avanço reparador, equalizador e qua-*

28 Equipe CIEJA Perus em 2020

Equipe: Alecsandra Guimarães, Aleriane Siqueira, Alessandra Roldão, Alexandre Andrade, Allan Correa, Altamir Xavier, Ana C. da Silva, Ana P. Batista, Ana P. Reginaldo, Andreia Baboim, Angélica Brant, Bianca Lemos, Bronislava Leal, Carla Gomes, Carolina Franco, Cintia Nogueira, Clícia de Sena, Claudio da Silva, Cristiane Fialho, Daniela Vieira, Dinaildes Tavares, Diogo Marciano, Djeane da Conceição, Domenica Barbosa, Elcy Mose, Elena de Souza, Fabiane Pereira, Fatima Lima, Franciele Busico, Francisco de Souza, Guiniver Ferreira, Juliana Benedito, Lidiany Carvalho, Luziene Santos, Manuela Nogueira, Mara Leme, Mara Rodrigues, Marcela Nogueira, Michelle Leme, Marcos Nunes, Maria M. Scavassa, Miriam Carneiro, Patricia Melo, Roseanne Belomi, Rosemeire Pinto, Rossini Castro, Salete Rodrigues, Samuel Rodrigues, Sergio dos Santos, Sheila Coelho, Silvania de Jesus, Silvania Silva, Sílvia Alcantara, Simone de Jesus, Simone de Sousa, Tais Araujo, Valéria Martins, Vanessa Anjos, Vera Diniz.

29 Acreditamos na pluralidade, na transgeneridade e na não binariedade de gênero. Por isso, este capítulo não prioriza o gênero masculino. Usaremos, aqui, o feminino genérico (em vez do masculino genérico). Essa escolha surge de uma postura feminista de acreditar que homens (assim como as mulheres historicamente fizeram) podem se sentir contemplados com as desinências do gênero oposto. Fazendo essa opção transgressora, esperamos que todas as pessoas se sintam contempladas em suas respectivas identidades de gênero.

30 Todo processo migratório envolve a saída de um lugar e a chegada a outro. Desse modo, embora o termo imigrante seja bastante utilizado para se referir aos migrantes internacionais, optamos pelo uso do termo migrante justamente por ser mais amplo.

lificador de um grupo específico e singular: diferentes juventudes, adultas, idosas e pessoas com deficiência em centros urbanos e suas periferias.

Intencionamos, também, combater todas as formas de preconceito e discriminação entre pessoas com diferenças de cultura, etnia, cor, gênero, identidade de gênero, orientação sexual, nacionalidade (migrantes e refugiadas), origem e posição social, profissão, religião, opinião política, deficiência ou outra diversidade. Visamos à conscientização do nosso território comunitário para o exercício pleno de uma vida em que se garantam os direitos humanos essenciais ao cotidiano, tanto quanto a qualificação para o mundo do trabalho, possibilitando, assim, combater o subemprego, o desemprego e a exploração que permeiam a população de baixa renda.

Dentro dessa perspectiva de horizontalidade, diálogo e colaboração, optamos por construir este capítulo a partir do olhar das estudantes, que são as principais agentes do processo de ensino-aprendizagem. Por isso, a seguir, apresentamos alguns desses olhares com relação a trabalhos desenvolvidos no CIEJA Perus I.

A fim de aproximar a cultura haitiana das estudantes e professoras brasileiras, o CIEJA propôs uma festa cultural, em que foram apresentadas comidas típicas, danças populares e valores haitianos, como a importância da bandeira haitiana, símbolo da resistência e da luta advindas da Revolução Haitiana, por exemplo.

Mesmo com a barreira linguística, as estudantes foram orientadas a formar comissões para a organização da festa e a apresentação formal da comunidade haitiana no espaço escolar e no território: um grupo ficou encarregado de montar o cardápio que seria servido na festa; outro encarregou-se de ensaiar o hino nacional haitiano; e outro fez uma bebida típica muito apreciada naquele país, porque, segundo as estudantes, é uma bebida afetiva, de reunião familiar. A festa aconteceu no dia 25 de julho de 2017 e contou com a participação de toda a comunidade, estudantes brasileiras e haitianas e suas famílias. A partir da festa, percebemos uma maior integração entre professoras, estudantes e funcionárias. Percebemos, também, que a barreira linguística que, até então, era um grande empecilho de aproximação, tornou-se um objeto de aprendizagem para todas as membras da comunidade escolar. Vejamos o olhar das estudantes haitianas quanto a essa festa:





“A gente pode constatar que o CIEJA Perus I é uma escola que ajuda o mundo inteiro, porque recebe todas, independente da nacionalidade, da raça e da cor. As responsáveis pela direção, a secretaria e as professoras se esforçam com as possibilidades que elas têm para nos ensinar, para que nós possamos nos desenvolver não somente no Brasil, mas no mundo; ajudam brasileiras e estrangeiras. Acreditamos que a educação é a base de desenvolvimento do mundo”

Marc Dala Bellevue e Emmanuel Louis, responsáveis pela organização e pelo acompanhamento das comissões de trabalho da festa

Ainda quanto às estudantes migrantes, podemos dizer que nossa escola é uma instituição multilíngue, porque, nesse espaço, convivem o português, o crioulo haitiano, o espanhol (temos uma estudante boliviana), a LIBRAS (língua brasileira de sinais – temos algumas estudantes surdas), entre outras línguas.

Visto que, atualmente, mais de 50% das estudantes são haitianas, propusemos oficinas de crioulo haitiano para que a língua e a cultura delas pudessem ser mais visibilizadas e tão valorizadas quanto o português. Isso contribui para que o trabalho realizado no CIEJA seja, de fato, intercultural. Essas oficinas, assim como todas as outras³¹, acontecem às sextas-feiras, são gratuitas e abertas não só às estudantes, mas também à comunidade externa, consistindo em espaços públicos e coletivos de construção colaborativa de conhecimentos. As oficinas de crioulo são ministradas por dois estudantes haitianos: Olson Oscar e Donald Maignan. Abaixo, transcrevemos o que eles pensam sobre essas atividades:



“As oficinas de crioulo são de grande importância para mim, porque é um prazer enorme ensinar ao grande povo brasileiro minha língua nativa, que é o crioulo. Nessas oficinas, brasileiras e haitianas confraternizam melhor. Eu gostaria que as brasileiras aprendessem o crioulo para que conhecessem a minha cultura e a história do Haiti, país que deveria ser mais conhecido por sua luta de humanidade, luta contra a escravidão, o colonialismo e o imperialismo”

Olson Oscar

31 Além das oficinas de crioulo haitiano, o CIEJA Perus I oferece estas oficinas: clube de leitura e “tecituras”; informática básica; coral cênico; explorando São Paulo e resgatando memórias; projeto banda naipes de paus; “kricultura”; cerâmica; memórias, histórias e registros; coral; saúde e bem-estar; ondas da vida; italiano para todos; cine clube; capoeira. Essas atividades extracurriculares foram oferecidas em nossa Unidade Educacional em 2019 e em 2020. Em anos anteriores, também foram ministradas outras oficinas, como a de LIBRAS, por exemplo.



“O curso de crioulo é muito importante na escola, porque permite que as brasileiras se comuniquem com as haitianas e permite que as brasileiras entendam um pouco da cultura haitiana. Gostaria que as brasileiras falassem crioulo apenas para que pudessem se comunicar com as haitianas, pois existe uma comunidade haitiana que está crescendo neste país. Essa comunicação ajudaria minhas filhas e as filhas de outras haitianas nascidas aqui a manterem a nossa língua e a não se desconectarem do Haiti”

Donald Maignan

Além de ter estudantes brasileiras e migrantes adultas e idosas, o CIEJA Perus I também tem adolescentes e jovens que já frequentaram a escola regular por alguns anos, mas tiveram insucessos nas instituições educacionais por onde passaram. Esses insucessos, possivelmente, devem-se, entre outros motivos, ao fato de essas adolescentes e jovens não terem conseguido se adaptar a processos de ensino-aprendizagem que não levavam em conta seus saberes, suas necessidades e seus interesses. Diferentemente de tais escolas, o CIEJA busca desenvolver diversas ações para tentar garantir que essas estudantes construam seus próprios conhecimentos e vejam, em nossa Unidade Educacional, um espaço onde os saberes, as necessidades e os interesses de todas elas são valorizados. Vamos ver o que um estudante jovem diz a esse respeito:



“Agora, eu estou gostando, estou aprendendo bastante no CIEJA. Antes, nas outras escolas em que eu ia, eu nem ficava na sala de aula. Ficava andando na escola. Parecia turista. Não fazia mais nada. Ficava na porta, chamando os outros para ficar fora da sala. Agora, eu faço lição. Agora, eu estou focado, né? Não é igual nas outras escolas. Esta escola é diferente das outras, porque as professoras dão atenção, conversam mais comigo, perguntam se tenho dificuldade. No primeiro dia, deixa eu ver... Nossa, a Fran é um amor de pessoa. A Fran, eu não tenho mal de falar da Fran. É da hora esta escola. Eu gostei!”

Igor Reinaldo dos Santos



Outro público atendido no CIEJA Perus I são as estudantes jovens e adultas, público da Educação Especial. Esse atendimento começou antes mesmo da abertura da primeira Sala de Recursos Multifuncionais. De agosto de 2016 a abril de 2018, o CEU Perus, em parceria com o Instituto Olga Kos, ofertou aulas de karatê inclusivo, que, além de serem atividade física regular, proporcionaram muitos momentos de socialização como a participação em corridas e caminhadas de rua.

Entendemos, a partir daí, a importância de não só oferecer um atendimento individualizado ou em pequenos grupos, previsto no atendimento educacional especializado, mas também proporcionar momentos que envolvessem a experiência em nosso território e em outros espaços de lazer e cultura da cidade (música, arte e atividades corporais), sempre dialogando com os temas discutidos em sala de aula.

Oficina de LIBRAS para toda a comunidade e aulas semanais na sala das estudantes surdas também representaram um importante movimento no processo de inclusão de todas elas.

Em nossa Unidade Educacional, sempre procuramos promover e valorizar a participação ativa das estudantes em atividades dentro e fora da escola. Um exemplo disso é o projeto “Resgatando o tempo perdido”, que foi criado e desenvolvido por estudantes do CIEJA Perus I em parceria com a equipe pedagógica em 2018. Seus objetivos eram divulgar o trabalho desse CIEJA e realizar cadastros para novas matrículas aos finais de semana, pelas ruas do bairro.

A seguir, transcrevemos os depoimentos de três estudantes acerca desse projeto:



“Conheci o CIEJA em abril de 2016 e pude retornar, depois de 29 anos, para a sala de aula, o que me possibilitou concluir, em 2017, o Ensino Fundamental e, em 2018, o Ensino Médio após realizar a prova do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos. Nem sempre priorizamos o conhecimento, mas essa é a única coisa que realmente não nos podem tirar... Tive a oportunidade de criar, em 2018, com o também agora ex-estudante do CIEJA, Marcílio Magalhães, o projeto “Resgatando o tempo perdido”, que teve o intuito de mostrar que não há limites quando queremos algo. Saímos às ruas para conscientizar nossa comunidade de que poderia voltar a estudar em um local que realmente acolheria todas as pessoas, como fez conosco. Essa foi uma

expedição extraordinária que nos ajudou a expor tudo o que vivemos como estudantes do CIEJA, colocando em prática tudo o que recebemos de nossas professoras!”

Andrea Alves Teixeira



“Na qualidade de ex-estudante e, atualmente, cursando a faculdade de gestão de turismo, gostaria de falar sobre como o CIEJA Perus I fez diferença na minha vida em um momento muito difícil tanto na questão profissional quanto pessoal. Os anos de 2017 e 2018, que passei estudando nessa escola, foram extremamente importantes para mim como pessoa, pois me fizeram entender que, mesmo aos quarenta e cinco anos de idade, é possível produzir muito para um país melhor. As docentes dessa escola me fizeram refletir sobre o quanto eu sou importante e o quanto eu posso contribuir com a sociedade. Dessa forma, junto com colegas e com o apoio pedagógico de professoras, criamos e levamos, para nossa comunidade da periferia, o projeto intitulado ‘Resgatando o tempo perdido’. Com esse projeto, pudemos mostrar para todas que há esperança e que, por meio da educação, todas podem traçar um caminho diferente e encontrar um futuro melhor”

Marcílio Magalhães Cavalcante



“Tenho 17 anos e fui uma das colaboradoras do projeto ‘Resgatando o tempo perdido’ junto com a Andrea e com o Marcílio. Me senti muito feliz em poder ajudar num projeto tão especial, no qual, como o próprio nome já dizia, queríamos ajudar as pessoas a recuperarem seu tempo de formação perdido, voltando a estudar e podendo realizar seus sonhos, como, por exemplo, o de ir para a faculdade. Foi muito importante, para mim, entender as diversas razões pelas quais as pessoas deixam a escola: isso me fez abrir os olhos, pois eu já tinha pensado em largar os estudos por motivos muito menores do que os de tantas pessoas! Com o projeto, também me senti capaz de ajudar uma pessoa a realizar seu sonho, a mudar sua história!”

Isabele Moreira





Arquivo de Imagens do CIEJA Perus

Produção coletiva dos círculos de cultura

Por ser uma instituição de inspiração freiriana, o CIEJA Perus I promove, entre outras atividades, os círculos de cultura. Desde 2018, as estudantes dos módulos I e II têm vivenciado experiências bem interessantes nos círculos de cultura semanalmente. As professoras, motivadas com a proposta de Paulo Freire de alfabetizar por meio dessa experiência dialógica, passaram a fazer vivências que mostraram às estudantes um novo jeito de ter acesso à leitura, à escrita, às letras, ao mundo delas mesmas e das outras. Nos encontros do círculo de cultura, elas tinham contato com diferentes linguagens artísticas, com jogos de alfabetização, jogo da palavra semente, cantigas populares, histórias de vida, entre outros.

O círculo de cultura tem como objetivo uma visita aos conhecimentos prévios das estudantes em diferentes assuntos ligados às diversas áreas do saber e à sua realidade cultural, com o intuito de construir o conhecimento coletivo. Participando dos círculos de cultura temáticos, elas são motivadas a vivenciar um processo cultural ligado ao tema em estudo. A seguir, transcrevemos algumas opiniões sobre essas atividades:



“Trabalhei a mente através da leitura, desenvolvi bastante, é muito bom”

Lucélia Florentino Alves



"No círculo de cultura, dava para aprender muito, e eu gostava. Ficava observando que as meninas que não sabiam ler estavam se desenvolvendo, e nós aprendíamos nos divertindo. Foi ótimo!"

Angela de Moraes

Outra atividade muito significativa e interdisciplinar foi o trabalho realizado por uma professora de história e por uma professora alfabetizadora junto com mulheres de Perus. Esse trabalho baseou-se na *Arpillera*, uma técnica de costura que se originou no Chile na década de 1960. Por meio dela, as participantes registraram suas experiências de vida, marcadas por amores, dissabores e cicatrizes, e suas propostas para o combate às violências cometidas contra a dignidade dos seres humanos. Uma das propostas dessa oficina foi possibilitar um espaço de confiança para que as mulheres expressassem suas memórias reveladoras de situações de contradições da sociedade, resultantes das desigualdades de classe, de raça e de gênero.

Ademais, o caminho foi construído a fim de perceber a memória como algo a ser contado, anunciado, libertando as mulheres dos medos que as condicionaram ao silêncio e ao esquecimento, mas, ao mesmo tempo, trazendo a tranquilidade e o respeito para as situações em que a participante optou pelo silêncio. Ao nos encontrarmos num ambiente respeitoso, percebemos que a denúncia de violações de uma mulher encorajava outras a falarem, e elas começaram a perceber que não eram as únicas a terem vivido situações de desrespeito. Assim, passaram a se questionar: por que somos e fomos vítimas de casos de opressão?

Feito todo esse processo dialógico de discussão, reflexão e desconstrução, partimos para a confecção da *arpillera*. Desse modo, foi feita a escolha de denunciar, em uma carta, a violação do direito à educação das mulheres durante sua vida e anunciar o CIEJA como espaço de inclusão, integração e acolhimento de todas. A carta, escrita coletivamente por elas, nos mostra a sua força e a determinação nos estudos e a solidariedade entre o grupo. A seguir, transcrevemos um trecho dessa carta:

"Nossa arpillera mostra nossa força, a união e a colaboração de todas para representar nossa origem. (...) Através dos nossos estudos, do conhecimento, podemos transformar nossas vidas".



Sabemos que as desigualdades de gênero contribuem para a evasão das mulheres da escola, principalmente, devido às responsabilidades ligadas à maternidade. A escolarização tem um papel fundamental para emancipar e dar mais autonomia a essas mulheres.

Abaixo, transcrevemos os depoimentos de duas estudantes a esse respeito:



"As atividades do 'leituraço', as rodas de conversa com mulheres na biblioteca José de Anchieta (futura biblioteca José Soró) e a oficina de escrita e bordado são muito importantes para a minha aprendizagem e para a minha vida"

Maria Socorro do N. e Silva, 63 anos



"O CIEJA acolhe a população, não importando se a pessoa é brasileira ou imigrante. No CIEJA não tem racismo, as professoras e funcionárias são muito atenciosas com todas, não importando sua origem"

Francisca Anastácio de S. Nascimento, 73 anos

Para Maria e Francisca, os projetos que o CIEJA proporciona são importantes para mulheres como elas, que não tiveram a oportunidade de estudar quando crianças e jovens. Francisca destaca as visitas a museus, teatros e espaços culturais, bem como as festas. Segundo ela, a partir dessas visitas possibilitadas pelo CIEJA, passou a admirar muitas coisas que ela desconhecia.

Além de propiciar atividades culturais para as estudantes, a nossa UE procura oferecer condições para que possam se apropriar de diferentes linguagens e, até mesmo, produzir sua própria arte. Esse é o caso do senhor Cícero Delfiro, estudante idoso cuja participação nas aulas e nas atividades extras oferecidas pelo CIEJA possibilitou que ele se descobrisse como cordelista.

Quando chegou à nossa escola, ele tinha muitos receios e angústias, nunca havia manipulado as teclas de um computador. Com sua persistência e muita sede de saber, iniciou as aulas de informática e digitou seus primeiros versos, que contam muito sobre sua existência e seu cotidiano. Para finalizar este capítulo, escrito a muitas mãos, pedimos que o senhor Cícero escrevesse sobre o CIEJA:

“Cordelzinho Meu CIEJA”

*Meu CIEJA tão querido,
Te amo de coração,
Com toda essa equipe boa,
Sérgio na coordenação.
Ele e todas as professoras
Me ajudam pra valer.
Até meus primeiros versinhos,
No computador, fui fazer.
Hoje, sou muito feliz
Vou continuar a rimar
Fazendo os meus cordéis
Não consigo mais parar.
Eu, falando esses versos,
Falo com o coração
Professora Guiniver me incentivou
E o Sérgio da coordenação.*



CIEJA PROFESSORA ROSA KAZUE INAKAKE DE SOUZA

Uma comunidade de aprendizagem, construindo sentidos e significados.³²

Luis Carlos Mazzarolo Coordenador Geral); Joana da Penha Avelar de Jesus Oliveira (Assistente Pedagógico Educacional); Juliana da Silva Bezerra (Professora Sala de Recursos (Profª de Educação Infantil e Ensino Fundamental I); Nilda Aparecida Conrado de Paula (Profª de Linguagens e Códigos, Ensino Fundamental II e Médio); Elizabete Nunes Oliveira Di Napoli (Profª de Ciências da Natureza e Matemática, Ensino Fundamental II e Médio).

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” “Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.” “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”

Paulo Freire

Introdução

A sociedade brasileira encontra-se imersa em um contexto sócio-político-econômico-cultural globalizado em que a crise política e econômica assumiu dimensões estruturais. Neste cenário, a escola cumpre uma responsabilidade importante, porque, enquanto equipamento construtor de conhecimento, nela serão realizados estudos e aprendizagens promotoras do debate sobre a qualidade da educação, instrumentalização e empoderamento de conceitos e raciocínios para a compreensão deste processo histórico.

32 CIEJA ROSA KAZUE INAKAKE - 2020

Equipe gestora: Luis Carlos Mazzarolo, Cleide Almeida Bezerra, Edson Aparecido Gonçalves, Joana da Penha Avelar de Jesus Oliveira
Equipe de professores(as): Ana Claudia Rodrigues, Ana Cristina Martins, André Rogério de Siqueira, Ana Cristina Romano Batista, Carlos Damásio da Silva, Cláudia Pires Santana Freitas, Cristiane Andreia Lopes da Silva, Eliane Nadejda Pincov, Elizabete Nunes Oliveira Di Napoli, Flávio Eduardo Ferreira, Janaina Santos de Almeida Petroni, Juliana da Silva Bezerra, Laura Lopes da Conceição, Luciana Mendes do Rêgo, Luciana Regina Vecchio, Laurice Bezerra de Aquino Moraes, Marlete Pereira Santana, Nilda Aparecida Conrado de Paula, Rosângela Maria Carvalho do Nascimento, Rossana Taira Suzuki, Simone Roberto de Moura Nunes
Equipe de Apoio: Aparecida Donisete Simões Santos, Aurea de Souza Amário, Claudia Regina Vicente, Damiana Cavalcante Duarte, Doraci Ramos Nogueira, Eufrásia Rodrigues Vieira de Souza, José do Carmo Gonçalves, Magali Paula Tonon Moreira, Marcelo Bezerra da Silva, Maria Teotônia Oliveira, Noêmia Andrade Barros, Reinaldo Pedro Ferreira

O tecido social se apresenta com tensões cotidianas, discriminações, contrastes e injustiças. Nesta circunstância, a escola precisa recuperar a urgência da sua função social com uma ação consciente de oferecer condições pedagógicas para que o ser humano assuma o papel de sujeito transformador desta história.

O CIEJA Professora Rosa Kazue Inakake de Souza teve o início de sua história em 1996, com o antigo projeto CEMES - Centro Municipal de Ensino Supletivo, com o objetivo de estabelecer uma política de atendimento à Educação de Jovens e Adultos, que ampliasse a possibilidade de acesso ao ensino fundamental àqueles que não tiveram oportunidades de fazê-lo e concluí-lo na idade própria.

A proposta pedagógica de ensino-aprendizagem desenvolvida pelo CEMES tinha uma organização, estruturação e funcionalidade objetivadas na flexibilidade como garantia de percurso de estudo, considerando a importância das aprendizagens respectivas ao mundo do trabalho e os contextos da vida adulta.

Em 2003, com base em uma proposta de integração curricular entre áreas de conhecimento e a qualificação profissional, o projeto CEMES passou por uma reformulação curricular, sendo que neste momento foram criados os CIEJAs - Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos, com uma concepção voltada para a formação da cidadania, a construção de competências essenciais, a inserção no mundo do trabalho, da cultura e a qualificação profissional básica. Este novo percurso do processo educativo fortaleceu o principal objetivo em alcançar a educação inclusiva, uma aprendizagem autônoma em uma vivência de desafios de resolução de problemas em situações diversas, ou seja, um aprender baseado no pensar e no agir, em que o estudante é agente construtor ativo de seu processo de conhecimento.

Com uma trajetória de buscas, encontros e desencontros, os caminhos trilhados e os esforços vividos por todos os envolvidos se aliaram às reflexões sobre a importância de cada etapa da história da Educação de Jovens e Adultos, em que revisões e ajustes ocorreram tendo em vista a formação integral e a inserção consciente e crítica de estudantes na sociedade.



A patronesse Professora Rosa Kazue Inakake de Souza

Em 2010, o CIEJA recebe o nome da Professora Rosa Kazue Inakake de Souza, gestora do projeto CEMES e, respectivamente, CIEJA, como homenagem por sua dedicação em prol da organização social, pedagógica e administrativa na educação e especialmente no CIEJA.

A patronesse Rosa Kazue Inakake de Souza nasceu em 17/04/1941, na Cidade de São Paulo, era filha de imigrantes japoneses numa família de sete irmãos. Devido ao histórico familiar relacionado às circunstâncias do fruto da imigração no Brasil, teve dificuldades para realizar seus estudos, motivo que reforça a sua compreensão e dedicação à Educação Pública e, em específico, à Educação de Jovens e Adultos.

A sua vida acadêmica e profissional iniciou-se na área de contabilidade, mas sempre manteve o forte desejo de ingressar na carreira de professora. Em 1968, concluiu o curso colegial de Formação de Professores Primários e, em 1974, a Licenciatura em Pedagogia. Ingressou no Magistério Estadual por concurso público na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Professora Aparecida Rahal e, em 1986, por concurso público no Magistério Municipal como Professora Titular de Ensino Fundamental I. Desempenhou o trabalho docente em várias Unidades Educacionais, onde também exerceu outras funções. Trabalhou em várias escolas, porém, foi no projeto CEMES/CIEJA que se realizou plenamente como Professora e Coordenadora Geral, dedicando-se totalmente ao projeto, pois este contemplava os seus ideais e crenças de garantias de acesso e qualidade da educação para todos(as).

Projeto Político-Pedagógico – Descobertas dos intervenientes

A história do CIEJA Professora Rosa Kazue Inakake de Souza segue o seu curso e em um processo de análises, reflexões e debates foram gerados dados reveladores sobre a necessidade de mudanças, considerando que os dados de maior relevância eram os altos índices de evasão e retenção. Para alcançar impactos e posteriormente mudanças nas situações respectivas dos dados, foi necessário pensar sobre o projeto.

Ana Maria Saul e Alexandre Saul (2013, p. 112), nos dizem: “todo projeto traz de modo explícito ou implícito, uma concepção de educação e que é

justamente a compreensão sobre esta concepção que caracteriza a dimensão política do projeto”. Mudar a perspectiva de um projeto corresponde ao desafio de solicitar de gestores escolares e dos professores uma disposição política de desejar transformar a escola em construtora da sua história, do seu projeto e do seu percurso. A escola que assume esse compromisso pensa e desenvolve conhecimentos significativos a partir das necessidades, conhecimentos e cultura dos estudantes.

O CIEJA Professora Rosa Kazue Inakake de Souza percorreu caminhos em busca de alternativas para a construção do projeto curricular que traria norte para o planejamento dos professores e o funcionamento da escola como um todo. A descoberta inicial foi de reconhecer que “a escola gera as informações que representam a sua prática, tornando-a em matriz crítica que gera criticidade” (JASPERS, apud SAUL, 2013).

Sobre essa matriz crítica, o diálogo é o canal que fomenta a reflexão e a discussão que fará a derrubada das “muralhas, sutilmente construídas pelos intervenientes” (PACHECO, 2000, p.08). Com base no diálogo freiriano, este é o momento em que ocorre a partilha de saberes que possibilitam à comunidade escolar do CIEJA transformar as informações sobre a sua prática em objeto de conhecimento que propõe a reflexão e discussão sobre concepção de educação, de escola e de aprendizagem para jovens e adultos.

Esse diálogo estabelecido no interior da escola e sobre a própria escola demonstrou como o trabalho pedagógico estava se desenvolvendo ao longo dos anos da existência do CIEJA. Revelaram-se as belezas e desencantos guardados em pastas, arquivos, avaliações, prontuários, atas e fotos, o que suscitou necessárias reflexões que se tornaram promotoras de divergências e tensões, sendo a sala de aula o centro deste cenário.

Contudo, as informações reveladoras do trabalho de ensino e aprendizagem desenvolvidos no respectivo projeto tornam-se a matriz crítica que propõe discutir a realidade para examiná-la não com base em ideias cristalizadas, mas como indicadores de hipóteses problematizadoras das informações, do objeto que precisa ser conhecido, da perspectiva da busca pelo consenso de descobertas e de outras maneiras significativas de ensinar jovens e adultos.

Durante o processo de reflexão e discussão e devido aos impactos que os índices provocaram, surge a manifestação de negar a legitimidade das informações e de desconstruir a ação como reorganizadora de concepções e práticas. Os professores, envoltos numa relação de quem defende o que faz, envolvem-se, inicialmente, neste processo, responsabilizando a dificuldade



de aprendizagem dos estudantes como a única razão pelo baixo índice de promoção e fator de justificativa do fracasso escolar. Porém, as análises dos indicadores de qualidade de ensino e aprendizagem desenvolvidas pelo coletivo de trabalho do CIEJA, revelam notadamente que:

- Mesmo o CIEJA sendo um projeto que solicita uma proposta curricular de aprendizagem desenvolvida por meio das áreas do conhecimento, as abordagens encaminhadas nas aulas ainda eram fragmentadas em disciplinas;
- O processo de alfabetização era distante da relação com o letramento, tendo em vista que o rigor estava no ensino da palavra e não do contexto;
- A perspectiva de trabalho na EJA, considerando as especificidades e singularidades, ainda era numa relação de adequação dos programas e conteúdos de outras modalidades de ensino.

Para os professores e equipe técnica, os indicadores representaram a importância e possibilidade de serem agentes públicos construtores dos programas e projetos do próprio trabalho. Diante destas reflexões e análises, um novo cenário educativo é reorganizado objetivando um planejamento participativo e significativo, em que a situação-problema de estudo passa a compor o centro do processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, os conteúdos escolares e a práxis dos professores são redimensionados.

A busca de significados para os saberes escolares: o ensino voltado para o desenvolvimento de competências

“Competência tem que ser entendida como uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles”

Perrenoud, 1999

A construção do projeto pedagógico que norteia o planejamento de educadores traz no seu bojo a evidência de que a escola, com os seus profissionais, é capaz de elaborar sua história, identificar os seus avanços e fragilidades, gerando conhecimento sobre ela mesma e, sobretudo, possibilitando colocá-la no lugar de construtora das ações do trabalho e

não mais de mera executora de políticas públicas de educação. E sobre os professores, como assinala Giroux (1997, p. 270), “seriam os intelectuais transformadores do seu próprio trabalho”.

As informações apresentadas por meio de documentos/referências do trabalho político pedagógico constituintes da história do CIEJA tornaram-se indicadores da necessidade da constituição dos planejamentos escolares, a gestão das aulas e atividades didáticas avaliativas ocorrerem em uma perspectiva diferenciada.

A comunidade educativa, em constantes processos de debates, conclui que a produção de igualdade e diferenciação nas maneiras de conduzir a aprendizagem seria a exigência e a busca pelo significado de como ensinar jovens e adultos, como diz Palácios (1995, p. 312, apud OLIVEIRA, 1995, p.3), *“o adulto possui competência cognitiva até uma idade avançada e que os fatores que se destacam no desenvolvimento desta competência são o nível de saúde, o nível educativo e cultural, a experiência profissional e o tônus vital da pessoa”* (sua motivação, seu bem estar psicológico...); esta consciência motivou o processo de tomada de decisões da comunidade educativa do CIEJA, possibilitando:

- Em 2017, organizar por meio de imagens e roteiro de perguntas, as temáticas que proporcionariam a elaboração de situação-problema de estudo;
- Em 2018, os planejamentos de curso foram elaborados com base nos objetivos sustentáveis e conduzidos na escolha dos estudantes para definição das temáticas de estudo;
- Em 2019, objetivando o planejamento significativo e emancipatório de acordo com as metas dos objetivos sustentáveis, foram organizadas, no bairro de Guaianases, na CPTM e no Metrô, visitas e observações para coleta de informações que demonstrariam qual o foco da aprendizagem nas respectivas áreas e módulos.

A presente organização dos planejamentos trazia, para o centro das reflexões, a necessária consciência de que os estudantes da Educação de Jovens e Adultos são inseridos no mundo do trabalho e das relações interpessoais de um modo diferente daqueles da criança e do adolescente. Estes trazem consigo uma longa e, provavelmente, a mais complexa história de vida que suscita outros posicionamentos didáticos e pedagógicos para sua aprendizagem.

O percurso percorrido para alcançar um planejamento que atendesse a estes contextos trouxe também para o processo de reflexões a necessidade



de constituir outras propostas de aulas, orientações e abordagens que culminassem em reconhecer os estudantes da EJA como sujeitos de aprendizagem e, portanto, protagonistas na relação de produção de conhecimento.

Assim, os projetos, os estudos, os registros e os planejamentos foram redimensionados à luz dos dados sobre a história do CIEJA e na perspectiva de oferecer qualidade na educação, com vistas a propositivas que suscitem mudanças nas concepções e intervenções de jovens e adultos na sociedade. O planejamento de curso pautava o desenvolvimento dos estudos que seriam realizados pelos estudantes objetivando um ensino globalizado organizado em situação-problema, cuja realidade é o objeto de estudo porque também é nela que ocorrerão as intervenções.

Desta maneira, os conteúdos das disciplinas terão a responsabilidade de enriquecer e reconstruir o conhecimento já existente, para possibilitar aos estudantes um maior grau de fundamentação e reflexão sobre as causas e consequências de diferentes fenômenos.

A relevância de pensar criticamente sobre a prática desencadeou uma formação permanente e continuada de todos os autores e atores, mas, especialmente, dos professores, por considerar a relação direta que a respectiva prática deste trabalho desempenha.

O currículo é definido como “porção de cultura, em termos de conteúdo e práticas (de ensino, avaliação etc.) que, por ser considerada relevante num dado momento histórico, é trazida para a escola” (Veiga-Neto, 1995).

O desenvolvimento do processo curricular do CIEJA recebe os reflexos das demandas externas de acordo com o que consta da reflexão trazida no respectivo excerto, porém a elaboração do trabalho de ensino e aprendizagem ocorre de acordo com a “força” da história, referência da cultura existente do próprio CIEJA.

Neste sentido, a representação deste trabalho pedagógico desenvolvido pelo CIEJA ocupa-se em formar mais para a democracia do que para economia, tendo como objetivo uma formulação que esteja além da dimensão técnica e instrumental representada nas ações didáticas, que se converte nos saberes escolares dos estudantes.

Lembrando Eduardo Galeano,

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”.

Por isso, a história do percurso, caminhada, em busca do currículo emancipatório, planejamentos significativos, desenvolvimento de competências e trabalho pautado em resolução de problemas é a referência do trabalho do CIEJA Professora Rosa Kazue Inakake de Souza, porque além de representar a superação do conflito vivido pela escola, que é de como se constrói conhecimento, também significa a busca pela utopia que é oferecer educação de qualidade para todos os estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Nesse sentido, a seguir, trazemos um recorte de alguns dos projetos realizados em nosso CIEJA.

A construção do trabalho escolar: lugar de vivências, histórias e aproximação da utopia

Mão na massa, vamos fazer o pedido da pizza: construção de conhecimentos com ingredientes de ciências e matemática, aprendizagem que se relaciona com o cotidiano.

O estudo sobre saúde com o desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis constituiu-se na razão principal da elaboração e encaminhamento do presente projeto, fruto da decisão dos estudantes pela situação-problema, dada a pertinência e relevância que envolvem o estudo.

O CIEJA Professora Rosa Kazue Inakake de Souza possui uma parcela significativa de estudantes, alguns com obesidade, diabetes e pressão arterial alta, o que justifica as razões para o desenvolvimento do estudo sobre a temática da alimentação.

O estudo sobre a perspectiva da resolução de problema, *“pressupõe promover nos estudantes o domínio de procedimentos, assim como a utilização dos conhecimentos disponíveis, para dar resposta a situações variáveis e diferentes”* (POZO, 1998). Diante da afirmação e das necessidades vindas da demanda da turma, a decisão foi de realizar um estudo por meio do seguinte desafio: **“Realizar um pedido de uma pizza em que a preferência de sabores de recheio, dos envolvidos em uma comemoração, fosse atendido, tendo em vista que esta preferência é variada e a pizza tinha que ser nutritiva e menos calórica”**.

O desafio era apresentar uma receita de uma pizza nutritiva e pouco calórica. Após o término da pesquisa, os grupos fizeram a apresentação da pizza



explicando todo o processo realizado e porque o resultado consistia na base da pesquisa solicitada. A partir dela, foram construídas tabelas nutricionais das pizzas e adquiridas muitas aprendizagens relacionadas à área de Ciências da Natureza e Matemática.

AEL Patativa do Assaré: como tudo começou...

No início de 2017, iniciaram-se as primeiras manifestações a respeito da constituição da AEL (Academia Estudantil de Letras) no CIEJA, com as seguintes perguntas: Será que daria certo, já que o projeto havia se consolidado somente em EMEFs e com estudantes adolescentes? Como seria trabalhar com adultos? Quais os desafios que surgiriam para enfrentar? Conseguir-se-ia montar uma AEL com um “público tão maduro”? Eram tantas perguntas e nenhuma resposta... a decisão foi de “arriscar”.

Começou-se a divulgar o projeto. O processo inicial contou com a colaboração de acadêmicos vitalícios de outra Academia Estudantil de Letras. Foram muitos os interessados...

Assim, o projeto iniciou-se com todo o entusiasmo e a paixão a que o projeto remete... No decorrer das aulas de teatro e estudos literários, era notório o brilho no olhar de cada acadêmico, a autoestima aflorando e o protagonismo chegando de forma sutil... Foram flexibilizados horários, dias da semana... Tudo em prol dos acadêmicos que estavam anestesiados com a vastidão da literatura. Paixão que os estudantes desconheciam... ou estava adormecida? Dificuldades? Todas. Mas nada que impedisse de mostrar o caminho da literatura aos acadêmicos do CIEJA.

E por fim veio a resposta: AEL no CIEJA, deu certo sim. Público maduro, crianças e adolescentes, não há idade nem dificuldades quando a literatura é o foco que aguça a explosão inexplicável de sentimentos e a alavanca, direcionando-a para a leitura, não só ficcional, mas também a real que marcará eternamente a vida de cada um.

“Saúde e qualidade de vida dos estudantes surdos: possibilidade construída pelas mãos de todos”

[...] quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceitei a pessoa [...]. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa, porque a língua é parte de nós mesmos [...]. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. (Apud, FERREIRA, 1993, p. 75)

Em uma pesquisa realizada com todos os estudantes da escola, elencou-se como problema de pesquisa a necessidade de estudo sobre “Saúde e Qualidade de Vida”.

Contudo, percebeu-se que, em relação aos Surdos, o desenvolvimento deste estudo ainda encontrava mais barreiras e inquietudes. Nesse sentido, foi realizado, com este grupo de pessoas, a aplicação do questionário simplificado sobre Saúde e Qualidade de Vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL-BREF), constituído por 26 perguntas, em que as respostas seguem uma escala de Likert (de 1 a 5, sendo que, quanto maior a pontuação, melhor a qualidade de vida).

Perante as descobertas vindas das informações, compreendeu-se a necessidade de sistematizar um trabalho focado nas necessidades linguísticas, culturais e sociais dos Surdos, com vistas à resolução do problema de pesquisa, que foi estruturado como: “Saúde e qualidade de vida dos estudantes surdos: possibilidade construída pelas mãos de todos”.

Desse modo, o projeto buscou instrumentalizar esses estudantes, para acessibilidade linguística em relação às informações na área da saúde, para que estas informações pudessem ser transformadas em conhecimento, a fim de lhes oportunizar saúde e qualidade de vida, de forma a mudar suas vidas de maneira integral.

No final do ano de 2019, esse projeto foi premiado em primeiro lugar na categoria de jovens e adultos no Prêmio Paulo Freire de Qualidade do Ensino Municipal.



Poesia: "Identidade Surda"

*Inclusão entre iguais
Exclusão entre línguas desiguais
Inclusão é comunicação
Minha vida sua vida
Meu mundo oral seu mundo visual
E a ponte é o elo da comunicação
Como a metamorfose de lagarta para borboleta
Do isolamento do meu ser
Quando me vi no outro
Os sinais nasceram do mais profundo de meu coração.
Os sinais no ar são como uma dança de amor,
mas se a música da comunicação se acaba
a ponte se quebra.
Sozinho não posso bailar
Metamorfose novamente?
Voltar para o casulo?
Não posso
Os sinais me levar a voar*

Autores: estudantes Surdos do CIEJA Prof. Rosa Kazue Inakake de Souza

CIEJA PROFESSORA ROSE MARY FRASSON

Território da diversidade³³

Jovens a partir dos 15 anos, jovens adultos, adultos, terceira idade, homens, mulheres, pessoas com deficiência, trabalhadores, trabalhadoras, donas de casa, aposentados, aposentadas, pais, mães, filhos, filhas, mães e filhos, avós e netos, irmãos e irmãs, LGBTQI+, casais, amigos, amigas, vizinhas, pessoas de todas as partes do Brasil e de algumas partes do mundo, pessoas de muitas e diversas religiões, credos e crenças, artistas, arteiros, comunicativos, tímidos, barulhentos, silenciosos, alegres, tristes, sonhadoras, objetivas...

Pessoas. Gente, nossa gente.

Esse é o público de nosso CIEJA!

Se cabe no mundo, cabe aqui.

Nascemos!!!

Em 4 de Abril de 2003, foi publicado o Decreto 43.062 que cria os Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos - CIEJAs na Cidade de São Paulo; e em 10 de outubro de 2011, através do Decreto 52.712, esta unidade recebeu o nome de CIEJA PROFESSORA ROSE MARY FRASSON, em homenagem à professora da casa, que muito contribuiu para a implementação e desenvolvimento de nossa proposta pedagógica e faleceu ainda em atividade.

Nosso CIEJA encontra-se instalado em um prédio alugado pela Prefeitura Municipal de São Paulo, situado à Rua Jitaúna nº 30, Jardim Maracanã, pertencente à Diretoria Regional de Educação Freguesia/Brasilândia, Zona Norte de São Paulo.

33 CIEJA Rose Mary Frasson - 2020:

Equipe: Adriana das Graças De Paula, Alexandre Almeida Silva, Amauri Arrighi, Ana Ribeiro Lima Batista, Antonio Carlos Ribeiro, Benedito Barnabé, Camila Santos da Silva, Cintia Alves Procópio, Edson Hiroshi Muraguti, Flávia Patrícia de Almeida, Flávia Teodoro Alves, José Mário Silva, José, Paulo Ferreira dos Santos, Liliana Francisca Inacio, Margarete Lopes, Maria Aparecida de A. R. Oliveira, Maria Francisca da Luz Silva, Maridalva Pereira de Oliveira, Marinalva M^a. da Silva Pereira Costa, Priscilla Del Fiori, Regis Silverio dos Santos, Rosângela dos Santos Pereira, Rozeneide Santos de Almeida, Sandra das Neves Braga Archilha, Sílvia Pimenta, Solange Aparecida Adão Silva, Solange dos Santos Farias, Sueli Kellen Fujimoto Giroto, Thais Cassapian, Urubatan Miranda da Silva, Vanessa Liliã de Oliveira Nunes, Vera Lucia Marques, Viviane de Barros Pastorelli.

Do começo

Os estudantes foram chegando, e aos poucos, delinearão o perfil de nossa comunidade escolar. Pessoas que representavam mundos diversos: o adulto trabalhador que precisava da escola para se manter no emprego, o jovem vindo de longe que buscava na cidade grande sua chance de desenvolvimento, o idoso com o sonho de ser letrado, os adolescentes com histórico de fracasso escolar e/ou convidados a se retirar das escolas do entorno, e um grande público de pessoas com deficiências que durante muito tempo foi afastado do convívio social e de seus direitos.

A partir da diversidade acima descrita, que tipo de escola desenhar com o objetivo de realmente prestar um serviço que fizesse a diferença positiva na vida destas pessoas? Como lidar com toda esta especificidade de estudantes sem transformar isso em adversidade diária? Qual a didática e a metodologia capazes de dar conta de 200 dias letivos, com um currículo próprio, juntando em uma mesma sala de aula tantas expectativas diferentes?

Como somos, o que pensamos

Um dos pilares de sustentação do CIEJA Prof^a Rose Mary Frasson é o da Gestão Participativa. A partir desta filosofia de gestão compartilhada, nas reuniões coletivas e durante vários anos de envolvimento da Coordenação Geral, dos Assistentes Pedagógicos Educacionais, dos Professores e de toda Comunidade Escolar, compreendemos que a organização curricular por disciplinas não seria possível frente às necessidades apresentadas por nosso público.

Assim, concebemos a organização por Áreas de Conhecimento, propondo a integração de disciplinas correlatas e a construção permanente de projetos.

DIVERSIDADE não é ADVERSIDADE

Muitos são os desafios de se trabalhar e atender um público tão diverso e cheio de possibilidades e, no mesmo passo, muitos são os sabores e saberes dessa convivência tão rica e diversa, cujos estudantes têm expectativas próprias, se

colocam, criticam, observam, trazem elementos de suas trajetórias e querem ver estes conhecimentos agregados no percurso escolar, querem se ver na construção.

A cada passo, cada atividade, cada progresso, a percepção de cada avanço é comemorada. Há a valorização do construir junto, tanto por parte dos professores, quanto por parte dos estudantes.

Nessa relação dialógica, encontramos pontos que embasam nosso trabalho: propostas a partir do perfil e expectativa de cada turma, o diálogo, as devolutivas e as avaliações, garantindo assim novas propostas e a continuidade das ações, formando uma trilha do conhecimento, do fazer participativo baseado na perspectiva freiriana da ação-reflexão-ação.

Este movimento traz uma vivacidade contínua e inusitada, pois dentro da proposta curricular e da participação dos estudantes desde o início, nessa dialógica do fazer juntos, cada turma desenha seu próprio caminho, traz seus saberes e contribui para que os professores mediem os conhecimentos formais com essa bagagem tão rica de vidas permitindo enveredar por vários caminhos e possibilidades.

A diversidade então traz a tônica das múltiplas possibilidades, e na relação sempre permeada pelo respeito e participação, tantas novas e potentes histórias são construídas! Não é fácil, toda relação é feita de disputa, e as salas de aula não fogem a esta realidade, mas este é outro elemento sempre presente em todos os espaços do nosso CIEJA: diálogo e respeito.

Entender que o outro é diferente em algum aspecto e aprender a conviver com essa diferença é um desafio de todos nós em qualquer lugar do mundo. Faz-se necessário compreender que nos espaços da escola isso também é pré-requisito para uma convivência saudável, para assim construirmos uma comunidade de aprendizagem.

Pensando em todas essas questões, buscamos coletivamente uma estratégia que envolvesse a todos e todas num momento diferenciado e que abrangesse outros saberes que, muitas vezes, não são considerados prioridades dentro do currículo, tais como talentos e habilidades artísticas, manuais e profissionais, saberes regionais, culturas diversas e histórias de vida.

Este desafio vem se concretizando ano a ano, num projeto complexo, intitulado APOEMA.



PROJETO APOEMA

Eis o nascimento de uma proposta pedagógica diferenciada, construída coletivamente pela gestão, professores e estudantes, a fim de que cada um possa se desenvolver ao máximo na perspectiva da Educação Integral.

APOEMA é uma palavra da língua tupi que significa: “aquele que enxerga longe”.

Difícil explicar, fácil de viver e sentir, mas vamos lá.

Em 2010, a partir de diálogos e questionamentos aos estudantes, a equipe do CIEJA Prof^a Rose Mary Frasson percebeu que esse público nutria os interesses e anseios acerca dos conhecimentos formais e a sua articulação com os conhecimentos informais – os “da vida”.

A resposta veio de um grupo de jovens encaminhados de outras escolas em que estavam para o CIEJA, por estarem fora da idade de estudar no ensino regular e que não se adequaram aos parâmetros de “bons estudantes”. Em uma roda de conversa com a então Coordenadora Geral Neide Zamboni, eles então disseram que estavam à procura de uma escola ativa, preocupada não apenas com um conteúdo formal.

Anualmente, após conhecerem as turmas, os professores dos quatro módulos se organizam em duplas ou trios, conforme afinidades, e pensam (a partir do que já conhecem das turmas) em temáticas que estejam alinhadas com o Projeto Político-Pedagógico - PPP e que conversem com as expectativas e/ou necessidades dos estudantes.

Cada “grupo” de professores desenvolve uma proposta, e em um dia marcado, todos os projetos são apresentados aos estudantes. A apresentação se dá por períodos, e cada um deles, depois de assistir a todas as propostas, se inscreve no projeto de que vai participar, segundo seu interesse. Neste processo, valoriza-se a autonomia dos estudantes e as relações com os outros, para além do grupo de sua classe regular.

Esses projetos têm como prioridade o trabalho com as múltiplas linguagens; as turmas que se formam por projeto mesclam estudantes de todos os módulos, alfabetizados ou não, pois neste espaço, habilidades, vivências, conhecimentos de mundo serão explorados e valorizados.

O ler e escrever é de suma importância em todo o processo educativo, porém, durante o APOEMA, valorizam-se as múltiplas linguagens que contribuem nos aspectos cognitivos, psicomotores, afetivos e sociais. Afinal, assim

como Loris Malaguzzi é assertivo ao dizer que as crianças possuem cem linguagens, acreditamos que nossos estudantes, mesmo que já crescidos, possuam estas mesmas linguagens que lhes foram roubadas.

A partir dessa organização, eles têm dois momentos paralelos dentro do período: o movimento das rodadas pedagógicas, aulas dos componentes curriculares, distribuídas em áreas do conhecimento e outro momento em que todo o CIEJA desenvolve o Projeto Apoema.

As Rodadas Pedagógicas são períodos de 15 dias em que um único professor acompanha uma turma e desenvolve sequências didáticas, dentro de uma ou mais temáticas que impulsionam as discussões. As áreas do conhecimento são divididas em: Códigos e Linguagens (Língua Portuguesa, Inglês, Artes); Ciências da Natureza (Ciências Naturais e Matemática); Ciências Humanas (História e Geografia).

No Apoema todos trabalham tudo o que faz parte da vida dos estudantes, como oralidade, artes manuais, conhecimentos profissionais, danças, costuras, ritmos, risos, memórias, trajetórias, geografias humanas, culturais e políticas; histórias próprias, de seus lugares, dos seus familiares; leituras de mundo, de cantos, de encantos; matemáticas das construções, das medidas culinárias, dos bolsos; olhares musicais, dançarinos, culturais; mãos que bordam, corações que transbordam em cores, texturas, letras, canções e poesias...

Ambos os caminhos levam cada um ao encontro de muitos.

E assim seguimos pelos anos letivos para, ao final, haver uma grande Mostra do CIEJA, que por um bom tempo foi chamado de Sarau, e que por questionamentos e sugestões dos estudantes acabou mudando de nome para Mostra Cultural.

Portanto, da diversidade estamos fazendo a alavanca que nos impulsiona para uma escola viva e que busca eficiência, sem medo de nos reinventarmos a cada novo desafio.

Inclusão

Desde o início, percebemos que lidamos com estudantes de total inclusão, uma vez que, se muitos apresentavam deficiências, os demais representavam uma parcial e/ou total exclusão social. Ansiavam por possibilidades de acesso



à cultura, ao lazer, ao trabalho, ao direito a uma vida digna e a todas as possibilidades que um percurso formativo pode construir.

Mas neste espaço, falaremos mais sobre a questão da inclusão das pessoas com deficiência.

Nossa proposta é simples: “Cabe no mundo, cabe no CIEJA”.

Pessoas com deficiência devem estar nos espaços de garantia dos direitos sociais e convivência, essa premissa deve ser cumprida, uma vez que a Constituição Federal em seu artigo 5 prevê que a Educação é um direito de todos(as).

O trabalho pedagógico das Professoras de Atendimento Educacional Especializado - PAEEs agrega e integra os estudantes em dois momentos: um deles é atendimento no contraturno, com um grupo reduzido a fim de desenvolver ao máximo suas habilidades.

O Atendimento Educacional Especializado - AEE ocorre também no momento de trabalho colaborativo, nos quais as PAEEs podem articular a ação em conjunto com o professor titular da sala regular, em busca da melhor forma para atender aos estudantes, sugerindo estratégias de acesso à aprendizagem, visando sempre uma atuação protagonista e autônoma desses sujeitos.

A autonomia é nosso grande objetivo, não só em relação às pessoas com deficiência, mas um compromisso com toda comunidade escolar; a cada passo conquistado, cada ir além, cada dia que aqui vivem e vivem é uma alegria imensa e a confirmação de que estamos caminhando na direção certa.

Acreditamos que a articulação com uma rede de apoio, envolvendo a área da saúde, assistência social, entre outros, ocorre de forma integrada com a Gestão Escolar sempre que necessário, contribuindo imensamente ao progresso de cada estudante.

O que fomos, o que somos e nossas construções para a EJA

Viviane L. de J. Moreiras (Assistente Pedagógico e Educacional),
Patrícia C.Hipolity (Coordenadora Geral) e Colaboradores³⁴

Iniciamos nossa história com uma homenagem a todos os funcionários públicos que passaram pelo CIEJA Santana/Tucuruvi, alguns dos quais levaram um pouco de nós, outros deixaram suas contribuições e nossa história vai se fazendo com cada um nesse universo chamado Educação de Jovens e Adultos. Então, vamos de Cordel para esse grande coletivo CIEJA:

*Damas e cavalheiros,
Trago hoje aqui esses versos*

*Para retratarmos a história de um modo verdadeiro
De pessoas que aqui trabalham pelos diversos.*

*Muito se fala do funcionalismo público
E retratam o trabalho que aqui fazemos como perverso.*

*Mas uma coisa tenho que lhes dizer
Muitas horas são dedicadas com eficiência*

*Unindo esforços para uma educação pública de qualidade
Com muita dedicação, esmero e competência*

*Lutar pela educação é o que fazemos todos os dias
Com estudo e resistência*

³⁴ CIEJA SANTANA/ TUCURUVI

Equipe Gestora: Patrícia Christiane Hypoliti; Adriana A. Araújo.

Assistentes Pedagógicos e Educacionais: Cirley Pinheiro de Mendonça Santana; Viviane Lemos de J. Moreiras.

Professor de Atendimento Educacional Especializado: Patrícia Palma Parlangeli.

Equipe de professores(as): Adriana Zenezi; Claudineia Teixeira Santana; Douglas Dubinskas Kakenaka; Eduardo Parladore Aliótti; Isabel Pecim de Souza; João Batista Vitor Neto; Larissa Patrício Campos Oliveira; Maria Batista Morais Xavier; Marta dos Santos; Natália Aparecida Santos Reis; Ricardo José Pellegrini; Sílvia da Silva Gaia; Valeria Pereira Velosa; Vanderlei de Lima Franca

*Educadores, funcionários e equipe gestora
Aqui, cada um é importante*

*Estudar no CIEJA é sempre algo muito especial
Pois a diversidade e a riqueza que nos une é abundante*

*Fazer com que cada um se sinta excepcional
E acolher histórias de vida é sempre muito excitante*

*Há quem pense ser tarefa impossível
Que lutar por uma educação melhor a cada dia é mera utopia*

*Educar e compartilhar saberes não é tarefa fácil
Muitos designam ao campo da fantasia*

*Unindo prática e teoria
E as dificuldades do dia a dia, o ato de educar por vezes parece miopia*

*Da importância de cada um e de tudo que aqui fazemos
Agora todos são conhecedores*

*Nos unindo e nos fortalecendo
Na tarefa da educação somos todos colaboradores*

*Dedicando o nosso melhor em prol do outro, somos todos trabalhadores
E por isso peço uma salva de palmas a todos nós servidores!!!*

De uma cordelista principiante: Viviane Moreiras (Coordenadora Pedagógica)

Vamos contar para vocês desde o nosso nascimento, adolescência e agora um pouco da nossa juventude enquanto Unidade Educacional. Nascemos em 16 de dezembro de 1999, recebemos o nome de CEMES, nosso território: Zona Norte de São Paulo, bairro do Mandaqui. Éramos pré-maturos, tão pequenos que ocupávamos o colo da EMEF “Comandante Gastão Moutinho”, com atendimento apenas no período noturno.

Após 1 ano, ganhamos força e começamos a engatinhar e em um prédio anexo à EMEF, como toda criança quando começa a explorar o mundo, precisávamos ter contato com mais gente e juntos aprendermos mais.

Desse modo, iniciaram-se as atividades presenciais aos estudantes dos Módulos I e II do Ensino Fundamental, enquanto os dos Módulos III e IV do

Ensino Fundamental II permaneciam com o estudo de apostilas à distância, comparecendo à Unidade de Ensino para sanar alguma dúvida, onde encontravam professores no sistema de plantão para atendê-los, e para a realização de provas com a finalidade de fazerem eliminação de matérias.

Com a inauguração do prédio anexo, ampliou-se a oferta nos horários de atendimento presenciais, além do noturno passou a ser oferecido também nos períodos matutino e vespertino.

Aos 8 anos de idade, vivendo intensas transformações históricas, fomos crescendo e mudamos de nome, passamos a nos chamar CIEJA. Assim, com a mudança de nome, vieram também mudanças da forma de trabalho, de concepções impulsionadas por lutas políticas.

O CIEJA representa para muitos de nossos estudantes a possibilidade de novas aprendizagens, um desafio calcado pelo retorno aos estudos, é o convívio com a diversidade, o encontro geracional garantido pela presença de jovens, adultos e idosos. O universo CIEJA traz inúmeras histórias delineadas por identidades distintas e nesse contexto, a escola ganha ainda mais importância e espaço de referência para todos que dela fazem parte.

O CIEJA Santana/ Tucuruvi tem a sua identidade – Ciampa (1987) nos traz que o processo de constituição de nossa identidade é movimento, identidade pressupõe metamorfose, ter a compreensão sobre esse prisma é concebê-la que somos a cada dia, vamos nos construindo, numa infundável transformação de nós mesmos. Nestes termos, o indivíduo é autor e construtor de suas trajetórias. Nossa identidade foi então se constituindo a partir do trabalho com o diverso, com a multiplicidade desses jovens, adultos, idosos e pessoas com deficiência que nos desafiavam a cada dia a pensar em uma educação NÃO PARA ELES, mas COM ELES.

Nosso fazer foi se constituindo com o nosso crescimento, durante nossa adolescência ocorreram mudanças nos perfis do público da EJA... Trazemos aqui o aumento significativo de matrículas de adolescentes e jovens, de estudantes que estão em liberdade assistida e de Favor reescrever: Pessoas com Deficiência - PCD.

Partindo do princípio de uma educação inclusiva, como atender a todos em suas especificidades? Quais caminhos percorremos e ainda deveremos trilhar para que todos e cada um possa ser visto e entendido em sua integralidade de maneira que seu direito a uma educação de qualidade seja garantido, possibilitando o desenvolvimento de suas aprendizagens?



Considerando que estamos com quase 21 anos de existência, todos esses anos foram agregando formas de pensar e agir em nosso fazer pedagógico. Apostando em uma educação que possibilite trabalhar a favor da emancipação dos sujeitos, foi possibilitando em nosso crescimento e em uma proposta de um trabalho inclusivo; aqui apresentaremos a vocês, principalmente o trabalho desenvolvido com as PCD, e nesse ponto é essencial falarmos sobre os processos formativos de toda a equipe.

Um trabalho inclusivo pressupõe o envolvimento de todos: professores, gestores, funcionários e família. E como isso se dá? A partir da troca de saberes entre professores, do compartilhamento de ideias entre eles e, numa busca constante para aprimorarmos o nosso trabalho, em que um auxilia o outro, dialogando constantemente sobre as potencialidades e dificuldades dos estudantes, assim como um debate qualitativo sobre os planejamentos e as possíveis adequações necessárias, buscando outras possibilidades de atividades para que todos acessem o currículo. O contato permanente com as famílias também fortalece o nosso trabalho, estreitando os laços e em muitos casos dando continuidade ao trabalho que iniciamos na escola.

Ao falar de processos formativos gostaríamos de destacar algumas de nossas Reuniões Pedagógicas e Avaliações dos PEAs, pois sempre buscamos trazer algo que fosse dinâmico, interativo e que levasse todos a refletirem conjuntamente sobre nossos fazeres, em nossas ações.

Avaliar é preciso... Mas há inúmeras formas de se fazer isso. E por que não o fazemos de forma lúdica?

Rememoramos aqui a Avaliação do 1º Semestre dos PEAs de 2017, quando os professores adentraram a sala de JEIF e se depararam com um grande jogo de tabuleiro no chão. Mas não era um jogo qualquer e sim um especialíssimo, pois contemplava todo um semestre de trabalho envolvendo ambos os PEAs:

- “Currículo: práticas inovadoras para aprendizagem no CIEJA” e
- “EJA: Diversidade e Projetos em Continuidade.”

Retomarmos o trabalho de todo um semestre por meio de imagens, fragmentos de textos, nutrições estéticas, tudo o que foi debatido nos PEAs aparecia ali de alguma forma. Dessa forma, a dupla que caía nas “casas” do jogo tinha que falar um pouco como foi a discussão ou quais foram os encaminhamentos quando o assunto fora tratado.

O interessante é que, para além das duplas, todos participaram, todo o grupo queria falar e contribuir de alguma forma, lembrando o que vivemos ou dando um *feedback* de como aquilo reverberou em sua prática em sala de aula.

Para nós, avaliar os PEAs de forma lúdica é qualificar o que vivemos, aprendemos, compartilhando por meio de nossas memórias, nossos saberes, nossas especificidades de forma que ressignifiquemos experiências e que estas reverberem em nossas práticas pedagógicas.

A Avaliação dos PEAs (2º Semestre de 2018) fez um convite a todos a mergulharem no universo dos jogos, sob a consigna "Jogos e Avaliação: uma relação possível!"

Ao entrarem na sala de multimídia, todo aquele espaço havia se transformado em uma grande sala de jogos de carteados; sobre cada mesa havia dois baralhos, emojis que expressavam sentimentos diversos e um outro monte de cartas confeccionadas com números aleatórios do 01 ao 30 que correspondiam a envelopes vermelhos e pretos posicionados em outra mesa. Neles, havia um recorte do nosso processo de formação de ambos os PEAs durante o 2º semestre de 2018.

Com dois grupos de 4 e dois de 3, o objetivo era o de que jogassem pife, buscando fazer trincas; o último de cada grupo a baixar a sua trinca era convidado a selecionar uma carta confeccionada, dirigir-se à mesa que estava na frente da sala e pegar o envelope com o número correspondente a sua carta. Quando todos os grupos já estavam com pelo menos 1 envelope, fazíamos uma pausa para dizerem o que continha cada envelope e assim avaliarmos como foi a atividade para a formação individual e coletiva. Alguns dos envelopes continham uma carta coringa, sendo revelado na hora o que essa carta possibilitava.

A abordagem lúdica da Avaliação dos PEAs contou com o recurso visual, objetivando acessarmos a dimensão estética. Buscamos contemplar o uso do raciocínio lógico/matemático, a interação por meio do trabalho em grupo, o uso da oralidade privilegiando a participação de todos; abordamos também a questão motivacional por sugerirmos uma competição saudável e contemplamos, nos conjuntos das regras, o elemento surpresa com o surgimento dos coringas nos envelopes.

Assim como as Avaliações dos PEAs, tão importantes são as Reuniões Pedagógicas como elementos constitutivos para nossas formações. Acreditamos que os sentidos são o que nos conecta com o mundo à nossa volta. Temos o olfato, paladar, tato, audição e visão como ferramentas que nos



fazem conhecer, apreciar, detestar, aproximar, repelir, degustar, ou seja, viver com intensidade.

A educação não pode negligenciar as diversas possibilidades de acessar o processo de cognição por meio dos sentidos. E, para tanto, planejamos uma reunião que abordasse questões pertinentes ao nosso fazer pedagógico com ludicidade e interatividade.

A data da Reunião Pedagógica – Dia 12 de Junho – é emblemática, por isso resolvemos brincar com o tema: “O amor está no ar...” A pergunta disparadora foi: “O que envolve o seu processo de sedução?” E na sequência emendamos: “O que te seduzia na adolescência?”

Perguntamos isso porque, a partir de uma demanda da Unidade Educacional, nas últimas semanas nas JEIFs trabalhamos com textos acadêmicos que retratavam juventudes, adolescências, como viviam os jovens e as situações atuais, uma vez que o processo de juvenilização no CIEJA tem sido gigantesco. Nesse momento, fizemos um convite para refletirmos o que vivemos na adolescência e então todos se direcionaram a um painel que montamos com fotos deles de quando eram adolescentes, solicitadas previamente.

Enquanto socializavam suas fotos e conversavam, ouvíamos ao fundo a trilha sonora do período da adolescência de cada um, com músicas também selecionadas previamente, pois havíamos perguntado em JEIFs anteriores quais músicas haviam marcado suas adolescências... Na sequência, pedimos que se direcionassem a outro painel que montamos em que constava:

- Quais eram seus sonhos nessa fase da vida?
- Quais eram seus medos?

Acreditamos que assim tenhamos criado uma sensação nostálgica em nossa reunião, e com a nostalgia presente, tenhamos promovido uma visita agradável aos tempos nos quais embora possa ter havido momentos de conflitos em variadas dimensões, certamente foram também tempos de muitas histórias e aventuras.

Após promover essa possível identificação com os adolescentes, passamos para a segunda parte da Reunião Pedagógica, a vivência de aguçar sentidos por meio da confecção de pratos mexicanos com apresentação gourmet.

E por que escolhemos a Culinária Mexicana? Conhecida por suas texturas e sabores exóticos, os temperos dessa culinária são capazes de aguçar muitos de nossos sentidos envolvendo o visual, o olfato e, é claro, o paladar...

A ideia era de que montassem pratos com os ingredientes disponibilizados com vistas a exercerem sobre os outros professores um movimento de admiração e atração, usando principalmente os sentidos.

O período de elaboração dos pratos e até a finalização foi intensamente vivenciado por todos, alguns personificaram o *Master Cheff* que habita todos nós e, de maneira lúdica, participaram da atividade proposta. Trazer a importância de acessarmos os sentidos na educação, considerando a história de vida de cada um, valorando quais elementos ajudaram a formar a sua identidade, possibilita a criação de vínculos tão necessários para o processo de aprendizado.

No início desse capítulo mencionamos que nosso foco seria o trabalho desenvolvido com as PCD e as ações formativas se fazem importantes para ampliarmos nossos olhares, assim também como outro aspecto fundante é o trabalho da Professora de Atendimento Educacional Especializado - PAEE dentro da Unidade Educacional. Realiza sondagens de aprendizagem com o intuito de mapear as habilidades e dificuldades de cada estudante que caracteriza o público para o Atendimento Educacional Especializado - AEE.

De forma colaborativa, todas essas sondagens são compartilhadas com a equipe de professores e gestores para que juntos pensemos em formas de atendimento a esses estudantes, bem como às suas necessidades pedagógicas, e de que maneira podemos favorecer um processo de equidade diante da aprendizagem.

É importante também mencionarmos o Trabalho Colaborativo da PAEE nas turmas do período da manhã, para observar as necessidades pedagógicas e evidenciar as potencialidades de cada estudante. Com esse trabalho, é possível nos Horários de Articulação, traçar estratégias e pensar com os professores da sala regular, em parceria com a Coordenação Pedagógica, atividades que possibilitem um melhor desenvolvimento aos estudantes dentro do conteúdo abordado.

Esse momento possibilita reflexão e construção de forma colaborativa das adequações das atividades, pois se constituem em possibilidades educacionais de atuar frente às dificuldades de aprendizagem. Pressupõe que se realize a adequação do currículo regular, quando necessário, para torná-lo apropriado às peculiaridades dos estudantes com deficiência, prevalecendo um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos e todas.

Como estamos quase atingindo a maioridade, pois em dezembro deste ano faremos 21 anos, podemos dizer que nos encontramos em um momento



em que estamos com um grupo de profissionais engajados, que luta pela inclusão de cada um que do CIEJA faz parte! O trabalho com educação inclusiva não beneficia apenas aos estudantes com deficiência, mas a todos!

Por essa razão, quando nos deparamos com o novo cenário mundial, com a necessidade do distanciamento social por conta da Pandemia da Covid-19 e que não mais estaríamos de corpo presente dentro do espaço físico da Unidade Educacional por um determinado período, percebemos o quanto nossos estudantes enfrentariam dificuldades com o ensino remoto.

Então, nos defrontamos com a responsabilidade de darmos continuidade ao trabalho que vínhamos desempenhando de forma inclusiva, mas os desafios eram ainda maiores: como compartilhar conhecimento sem estarmos juntos?

Foram várias fases de um trabalho realizado a muitas mãos, compartilhando ideias e saberes, estreitando os laços com familiares e/ou responsáveis pelos estudantes com deficiências. Ao realizar o levantamento junto às famílias, percebemos que muitos não tinham acesso à internet, o que dificultava nosso contato direto pelas redes sociais.

Outro aspecto era o de que a maioria deles necessitava de adequações nas atividades, portanto, nossa PAEE sugeriu a Adequação do Caderno Trilhas de Aprendizagem pensando nessas especificidades.

Sabemos que, com as crises, novas ideias também surgem e o nosso processo de construção se deu em um ambiente colaborativo, virtual, no qual cada um contribuía com os seus conhecimentos e o que fomos produzindo foi fruto de reflexões pedagógicas das necessidades de nossos estudantes. Olhamos para cada um deles e realizamos o mapeamento dos níveis de intensidade de apoio para o planejamento do material adequado.

Algumas dúvidas surgiram nesse processo...

Será que só com as comandas das atividades os familiares conseguiriam apoiar os estudantes, uma vez que alguns familiares, também por sua pouca escolaridade, apresentam dificuldades em auxiliar seus filhos nas atividades? E se tivessem vídeos de apoio? Como fazer esses vídeos? Postaríamos no canal do YouTube? E aqueles que não tivessem acesso à internet? E se fizéssemos os vídeos em DVDs? Foi então que fizemos um levantamento junto às famílias e notamos que muitos ainda possuíam o aparelho de DVD. Desse modo, para quem tem acesso à internet, o link seria enviado e, para os demais, entregaríamos o DVD com vídeos de atividades. Além disso, todos receberiam o Caderno Trilhas, adequado de acordo com o seu nível cognitivo.

O nosso desafio é diário, por isso, a pesquisa, o debate, a criação de materiais e atividades têm sido uma constante em nossa rotina. O que buscamos são ferramentas diversas para que as atividades tornem-se cada vez mais inclusivas, não somente para os estudantes com deficiência, mas para TODOS, respeitando seus ritmos e estilos de aprendizagens individuais.

As novas experiências estão contribuindo para transformações pedagógicas do grupo da escola – estudantes e familiares –, estamos construindo talvez um novo legado para a Educação que nunca mais será a mesma. O que fomos, o que somos e nossas construções para a EJA é estarmos na **“Trilha de um trabalho inclusivo: Nenhum a menos!”**

Agradecimento especial para Alice Orru, Edgar Alves da Silva e Kasim Mourad, educadores que fizeram parte na nossa Unidade Educacional e que gentilmente nos auxiliaram na constituição das memórias históricas do CIEJA Santana/Tucuruvi.



História e memória: anos de luta na construção de uma educação popular³⁵

Francisco Alvanter Beltrão- Assistente Pedagógico Educacional
Sílvio Aparecido De Souza- Assistente Pedagógico Educacional
Selmo Henrique de Araujo- Coordenador Geral do CIEJA

Introdução

A Educação de jovens e adultos é uma das modalidades de ensino da Educação Básica estabelecidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e tem por objetivo assegurar o direito à educação de todas as pessoas que não concluíram seus estudos ou nunca foram à escola quando crianças ou adolescentes.

Esta modalidade engloba pessoas com diversas trajetórias, faixas etárias, cores, religiões, gêneros, expectativas em relação aos estudos, trabalhadores de baixa remuneração e setores de extrema vulnerabilidade social.

Durante décadas, o Brasil tem desenvolvido diversas políticas públicas com o intuito de atender às necessidades escolares desta camada da sociedade, obtendo, porém, pouco sucesso com tais políticas.

A Secretaria Municipal de Educação da Cidade de São Paulo, por sua vez, também vem ao longo do tempo desenvolvendo políticas públicas para atender a este público tão heterogêneo, chegando ao ponto de, atualmente, contarmos com cinco formas diferentes de atendimento ao público jovem e adulto, na cidade, sendo elas: Movimento de Alfabetização - MOVA, EJA Modular, EJA Regular, Centro Municipal de Capacitação e Treinamento - CMCT e Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos - CIEJA.

35 AGRADECIMENTOS - Agradecemos e parabenizamos todos os profissionais da educação que contribuíram com o desenvolvimento do CIEJA Sapopemba, em especial à professora Themis Florentino do Santos, que dedicou parte de sua trajetória na educação neste sonho de uma escola popular de fato, e que também nos concedeu uma entrevista, sem a qual não seria possível a realização deste artigo.

CIEJA SAPOEMBA - 2020

Equipe: Raimundo Ramiro da Silva Filho; Aureluce de Melo Gastão; Edgar Alves da Silva; Rosângela Maria da Silva Rodopiano; Andrea Fortunato da Silva; Silvana Dantas da Silva; Creuza da Silva Francisco; Davidson Gonçalves da Silva; Uilson Ferreira Cunha; Ivanise Rodrigues de Barros; Maria da Glória Santos Nascimento; Francisco Alvanter Beltrão; Shirlei Colano Ursulino; Vanessa Munhoz; Sílvio Aparecido de Souza; Selmo Henrique de Araujo.

Este artigo busca refletir um pouco sobre o atendimento do CIEJA na Cidade de São Paulo, mais especificamente o proposto ao longo de sua história pelo CIEJA Sapopemba, que está submetido à DRE São Mateus, onde ainda podemos contar com mais dois CIEJAs; Prof^a Marlúcia e Iguatemi.

Histórico

O CIEJA Sapopemba está localizado mais precisamente na latitude vinte e três graus, trinta e sete minutos e um segundo Sul e longitude quarenta e seis graus, vinte e nove minutos e quarenta e seis segundos Oeste.

Partindo desta leitura, não se difere de nenhuma outra escola regular ou de Educação de Jovens e Adultos. Porém, o CIEJA Sapopemba é bem mais do que um ponto geográfico; ao longo de sua história, tornou-se polo cultural, local de produção de conhecimentos e experiências únicas na vida de seus estudantes, pois sempre buscou planejar e desenvolver suas atividades, partindo de um conceito teórico freiriano, valorizando as suas experiências de vida.

Trabalhar e desenvolver a educação popular, entendida como trabalho que é realizado perante a população das camadas menos favorecidas, pressupõe um entendimento do porquê e para que realizar tal trabalho.

Paulo Freire tem sido ao longo do processo histórico da Educação de Jovens e Adultos a primeira referência quando se trata desta discussão. Ele sempre afirmou que no trabalho com as classes populares e mais vulneráveis era necessário fazer emergir seus saberes, respeitá-los e tê-los enquanto pessoas que têm e detêm conhecimentos da vida e das coisas, e que a relação entre professores e estudantes deve-se dar sempre sobre uma base dialógica – isto quer dizer que devem sempre se ver como iguais, trocando saberes diferentes, pertencentes a uma mesma classe social, buscando sempre a superação de injustiças impostas por esta sociedade capitalista e, conseqüentemente, desigual.

Quando nos dispomos a falar sobre a EJA, temos que fazer um resgate histórico desta modalidade na Cidade de São Paulo pós-ditadura e elaboração da Constituição de 1988, pois foi ela que possibilitou uma maior participação da sociedade civil no desenvolvimento de políticas públicas educacionais. Neste contexto é que houve a eleição da prefeita Luiza Erundina que, diante das demandas daquele momento, nomeia para a Secretaria Municipal de Educação - SME o professor Paulo Freire que, para atender às necessidades de



ampliar o processo de alfabetização dos munícipes, cria o MOVA, modalidade tão importante e com características peculiares, existente na Rede Municipal de São Paulo até os dias de hoje, atendendo com qualidade e com compromisso seus estudantes.

Posteriormente, ainda na gestão de Erundina, a Secretaria da Educação criou o CEMES, que será o embrião do projeto CIEJA, porém com algumas características próprias. As duas formas de atendimento, CEMES e CIEJA, têm em comum o público-alvo, mas divergem de forma profunda, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento e práticas curriculares que consideramos o cerne da questão na oferta de uma educação de qualidade para estes sujeitos sociais com realidades tão distintas e ao mesmo tempo tão parecidas no seu âmago.

No CEMES, o ensino e a aprendizagem eram semipresenciais, ou seja, o estudante não tinha compromisso em frequentar a escola em períodos determinados diários, bem como também era livre o tempo para começar e terminar seu curso.

Os conteúdos eram trabalhados através de apostilas fornecidas pela Prefeitura, que era levada para casa e estudada. Os professores não podiam alterar, seja acrescentando, seja retirando, qualquer coisa no conteúdo programático para cada área de conhecimento e suas disciplinas.

Tendo estudado os conteúdos, os estudantes marcariam uma data para fazer a avaliação e eliminar assim as disciplinas da série que estavam cursando até concluí-las totalmente.

Desta forma, por não haver um controle de presença e participação, os estudantes poderiam estender por anos a conclusão do Ensino Fundamental, enquanto outros poderiam concluir em meses, dependendo de seus objetivos e de suas necessidades.

A taxa de evasão neste modelo era elevada, pois eles tinham muitas limitações na leitura e interpretação de texto, o que dificultava sua autonomia e entendimento das atividades escolares. E por não pertencer a um grupo/sala, não criavam vínculos com a escola, pois sempre que a vida pessoal mudava e se chocava com os tempos escolares era assim preterida, mesmo sabendo que posteriormente a questão da educação impactava diretamente em suas chances no mundo do trabalho.

A discrepância entre o número de estudantes matriculados e o de concluintes na modalidade CEMES fez com que o governo criasse um novo modelo de Educação de Jovens e Adultos, dando início no ano de 2002 ao projeto CIEJA.

CIEJA Sapopemba

O Projeto CIEJA, pensado pela Secretaria Municipal de Educação, traçou diretrizes gerais para que todos os CIEJAs se alinhassem, deixando espaço para adequação de cada um às suas respectivas realidades e diferentes contextos.

Este novo Projeto tornava claras as orientações referentes à carga horária, dias letivos, desenvolvimento de conteúdos a partir de áreas de conhecimento, forma de seleção de professores e a mais importante que foi a autonomia no desenvolvimento de temáticas e práticas curriculares mais próximas da realidade destes estudantes, o que demonstra a veia extremamente freiriana que nos possibilita criar uma escola singular em suas regras, mas extremamente plural no seu atendimento. Desta forma, cada CIEJA da cidade pôde ir moldando suas necessidades específicas sem contrariar a essência do projeto.

Considerando o perfil dos estudantes do CIEJA Sapopemba, que apresentam diferenças de ritmos diversos também nas vivências, controle dos seus tempos de vida, trabalho, estrutura familiar, projeto de vida e condições de sobrevivência, reestruturamos totalmente o projeto, exatamente para equacionar estas tensões.

Buscamos uma nova organização escolar e diferente ordenamento temporal, espacial e curricular, para oferecer outras possibilidades aos estudantes escolherem seu percurso de aprendizagem, avançando para concluir mais rápido ou seguindo um ritmo próprio, que considerasse mais adequado ao conhecimento que já traziam. Mesmo que tenhamos buscado equacionar a questão do tempo escolar e do tempo de sobrevivência ao longo do desenvolvimento do projeto CIEJA Sapopemba, além de ressignificar processos de ensino e aprendizagem mais adequados para garantir a permanência do educando e seu direito de aprender – considerando os tempos de vida a que estão submetidos, tão precários e em condição de vulnerabilidade social – os resultados obtidos não atingiam, ao nosso ver, os patamares que desejávamos e a que estes sujeitos têm direito.

Consideramos que readequando o projeto poderíamos melhorar ainda mais questões cruciais como qualidade nas aprendizagens, desenvolvimento



do raciocínio lógico-crítico, diminuição da evasão, correção das distorções geradas pelo sistema educacional aos adolescentes que, mesmo em anos finais do Ensino Fundamental, não tivessem construído competências leitora e escritora e até mesmo raciocínio lógico matemático mesmo que precário, maior flexibilidade do tempo e maior flexibilidade nos espaços escolares.

A mudança no perfil dos estudantes do CIEJA (e na EJA, de maneira geral) foi drástica nestes últimos anos. Atualmente, atendemos boa parcela de jovens e adolescentes em situação de grande vulnerabilidade social ou menores infratores; estudantes com longo histórico de evasão da escola regular; adultos economicamente ativos que precisam terminar o Ensino Fundamental para permanecer trabalhando ou até para conseguir se inserir no mercado de trabalho; estudantes com deficiência e, ainda, muitos que já estão na terceira idade ou próximos dela, muitos dos quais continuam trabalhando.

Sempre estivemos conscientes da obrigação de oferecermos um ensino de qualidade considerando as peculiaridades e necessidades diferenciadas destes sujeitos que agora estão em nossas salas e precisam avançar nas suas aprendizagens por várias questões, principalmente para sobreviver em uma sociedade tecnológica que muda rapidamente. Uma das questões que sempre nos incomodou era o eterno recomeçar destas pessoas no modelo do CEMES. Estes estudantes, que por diferentes motivos precisavam largar a escola, cada vez que retornavam tinham que reiniciar do mesmo ponto, mesmo quando tinham condições de avançar. Baseamos nossas principais alterações também no fato de que este público-alvo se afastava quando o tempo da escola continuava conflitivo, porque é um tempo instituído em calendários, séries, etapas, semestres, rituais de transmissão, repetência e contínuo recomeço.

Percebemos ainda que a compreensão das nuances e dos dilemas da construção do tempo e do espaço escolares neste novo modelo poderiam ajudar a minimizar problemas como evasão, melhorar a qualidade social do ensino para a EJA, tentar reduzir a marginalização dos jovens e adolescentes da periferia, que são a parcela da população mais vulnerável a estas questões, e ainda tentar garantir que os adultos tivessem alguma chance de conseguir vagas no mercado de trabalho.

A partir destas questões resolvemos repensar e ressignificar totalmente a organização dos espaços, tempos escolares e um currículo crítico, no sentido de garantir o desenvolvimento de um senso de liberdade, responsabilidade, autonomia e criatividade, além das vivências e experimentações que ajudassem os estudantes na construção de um projeto de vida significativo, que os

estimulassem a permanecer na escola e que o tempo de aprendizagem de qualidade ajudasse a romper com o círculo: trabalho x desemprego x baixa escolaridade x evasão x comportamento de risco. Queríamos criar uma possibilidade real de alternativa para educação dos trabalhadores, dos jovens em condição de vulnerabilidade social, dos estudantes com deficiência e dos adultos na terceira idade.

Tornou-se, portanto, imprescindível romper com a simetria da forma de ensinar que está posta na rede em diferentes aspectos e dimensões para que a educação se tornasse de fato um ato político, fornecendo os instrumentos necessários para uma leitura crítica da realidade, da consciência do seu lugar social e possibilidade de vivenciar realidades mais vastas. Desejávamos que os estudantes, ao ingressar ou retornar a seus estudos com suas vivências e saberes, encontrassem um currículo escolar que dialogasse com estas experiências e lhes permitisse ter seu percurso curricular individualizado ao levar em conta suas histórias de vida.

Buscamos construir uma escola que de fato se organizava para atender à demanda dos diferentes sujeitos sociais, oferecendo um currículo significativo que contemplasse a diversidade, as práticas sociais, tempos e espaços diferenciados na perspectiva de valorizar e evidenciar os diferentes perfis dos estudantes.

O Projeto CIEJA Sapopemba sempre teve como objetivos principais: adequar o tempo rígido do trabalho e de condições de vida dos estudantes a um tempo mais flexível da educação para garantir que a escola estivesse sempre acessível aos diferentes perfis e suas demandas, e satisfação de suas necessidades educativas; reorganizar o tempo e o espaço escolares de maneiras mais diversas, como foi feito, em fluxos mais flexíveis, podendo ser mais curtos ou mais longos, dependendo da necessidade e do tempo dos estudantes em frequentar a escola em diferentes momentos, garantindo desta forma de que tivesse seu percurso curricular individualizado por conta de suas experiências, conhecimentos prévios e logicamente pelo resultado das suas aprendizagens.

Oferecíamos também experiências educativas que promoviam a cultura no interior da escola e processos formativos que pudessem ressignificar o ensino-aprendizagem e agregassem características como: valorização e consideração pelos interesses, expectativas e conhecimento dos jovens e adultos, flexibilidade de tempos, metodologia, salas ambientadas, formas de avaliar, compensar ausências, critérios de convivência, levando em conta a diversidade da condição adolescente (de gênero, cultura, social, étnica religiosa e



territorial) e as diferentes demandas do adulto trabalhador, dos jovens, dos idosos e dos nossos estudantes com deficiência.

Assim, esta reorganização até o momento em que vigorou no CIEJA Sapopemba, foi apresentada e aprovada pela gestão, que pôde perceber as mudanças significativas no desenvolvimento de nossos estudantes.

Aspecto Cultural

Um processo educacional comprometido com a emancipação da sociedade só pode se concretizar quando se constrói numa relação de profundo respeito com todas as diferenças existentes entre os sujeitos e as relações que estes estabelecem com os outros sujeitos e com suas culturas.

O CIEJA Sapopemba, ao longo de sua história, se pautou por um diálogo transcultural, num processo educacional aberto, respeitoso, ético, dialógico, ousado e complexo. Dentro desta perspectiva, durante os anos de gestão da Coordenadora Geral, a Sr^a Themis Florentino, sempre buscamos construir um currículo e práticas educativas que contassem também com debates, palestras, apresentações culturais que valorizassem as experiências e compromisso e da formação de sujeitos críticos e transformadores de suas realidades.

Desta forma, os planejamentos deveriam contemplar, além de aulas coletivas das quais participavam os professores de diferentes áreas e de diferentes módulos, além de membros da sociedade civil para agregar conhecimentos de acordo com as temáticas escolhidas pelo coletivo escolar.

Assim, sempre acreditamos que estávamos possibilitando aos estudantes contatos com culturas diferentes as quais contribuíam em muito à sua formação.

Por isso, quando nos dispusemos a falar sobre a ditadura militar no Brasil, trouxemos o escritor Frei Betto; quando discutimos a Comissão da Verdade, resolvemos trazer o presidente desta comissão, o deputado Adriano Diogo; quando nosso foco estava relacionado às questões vinculadas à influência da mídia na nossa sociedade, trouxemos o jornalista Paulo Henrique Amorim; quando o nosso foco foi a questão da mulher negra na sociedade brasileira, trouxemos a deputada Leci Brandão; quando o assunto principal foram as notícias falsas (Fake News), trouxemos o jornalista e cientista político Leonardo Sakamoto; quando a temática foi a literatura marginal, trouxemos o escritor Ferréz; quando nos dispusemos a desenvolver um sarau, trouxemos o poeta Sergio Vaz; quando nosso foco foi a destruição do sistema único de saúde,

contamos com a presença do ex-Ministro da Saúde, Alexandre Padilha; quando queríamos que todos os estudantes tivessem contato com determinada produção teatral, trabalhávamos para trazê-la até a Unidade Educacional; nossas festas juninas contaram sempre com a presença de grupos de forró ao vivo, para transportarmos nossos estudantes a uma manifestação cultural mais próxima da realidade. Enfim, sempre buscamos contar com a participação e a influência de artistas, especialistas e palestrantes para contribuir com a formação e desenvolvimento crítico dos estudantes.

Além desta maneira própria de desenvolver nossa prática pedagógica, o CIEJA Sapopemba sempre buscou conectar os estudantes à educação in loco, pois nossos projetos sempre contavam com expedições que lhes proporcionavam uma experiência muitas vezes única, como visitas a regiões que contribuíram para a formação do Brasil, possibilitando-lhes conhecerem cidades históricas como Bananal, quilombos (como o Quilombo do Campinho, no litoral Norte), aldeias indígenas e outros, produzindo o contato, a experiência, estimulando a curiosidade e conseqüentemente desenvolvendo o conhecimento...

Atualidade

Esse acúmulo de experiências e vivências proporcionadas pelo nosso posicionamento frente à educação popular fez do CIEJA Sapopemba um polo cultural na nossa região.

Nesta atual gestão do Coordenador Geral Selmo Henrique de Araujo, o CIEJA Sapopemba vem novamente buscando inovar com a intenção de ampliar a qualidade no atendimento de nossa comunidade, resolvendo também nos aproximar dos Centros Municipais de Capacitação e Treinamento - CMCTs presentes na zona Leste, com o objetivo de atrelarmos ao nosso projeto uma formação mais ampla, que possa também contribuir no desenvolvimento profissional dos estudantes.

Pensando no seu perfil e necessidades, nos baseamos numa pesquisa realizada com nossa comunidade escolar e percebemos que 40% se encontram desempregados e, dos 60% empregados, 40% em média se encontram no mercado informal.

A partir desta realidade traçamos não apenas um plano de gestão mas, acima de tudo, um Projeto Político-Pedagógico que leve em conta a função



reparadora da EJA, cujo objetivo é assegurar a todos o patamar mínimo comum de estudos que a Constituição garante, que pense também na qualificação profissional para que, desta forma, possamos cumprir com a função social da escola que é a de não apenas reparar o problema histórico da exclusão à escolaridade no tempo certo, mas também de qualificá-los ao mercado de trabalho.

E é pensando nisso que propomos aos estudantes e professores a inserção de cursos técnicos em nosso CIEJA, pois além de qualificá-los ao mercado de trabalho também e inovar o processo educativo, passam a dar novo significado aos estudos, associando a parte teórica à prática.

Outra ação que tivemos para qualificar os estudos e também pensando no processo equitativo, foi implantar a alimentação “molhada”, pois percebemos que muitos estudantes não tinham uma alimentação balanceada em suas residências e/ou vinham do trabalho sem alimentação, dificultando a concentração em seus estudos.

A socialização e o desenvolvimento pessoal não devem ser causas antagônicas. Buscamos a construção coletiva de uma proposta que procure combinar as vantagens da integração e o respeito pelos direitos individuais e coletivos.

Desta forma, buscamos alcançar uma ação educadora mais solidária, emancipatória, empática, equitativa e qualitativa, cujo caráter político-pedagógico se fundamente em práticas sociais e intencionalidades renovadas, por meio de alternativas que objetivem o desenvolvimento de uma visão emancipadora e crítica da sociedade.

Acreditamos que ainda é cedo para dizermos se tais mudanças já foram absorvidas pelos estudantes, pois passaram a ser implantadas a partir de 2020, e justamente neste ano, nos deparamos com um momento ímpar na história da sociedade mundial, pois estamos em meio à uma pandemia que nos impôs a necessidade de isolamento social. Neste momento, todas as redes de ensino tiveram que se adaptar a uma nova maneira de desenvolver suas ações pedagógicas.

Porém, para o CIEJA Sapopemba, este momento crítico e de tantas dificuldades para todos se tornou também um momento de repensar nosso papel como professores e nosso compromisso com a sociedade. Buscamos ampliar nossa proximidade com os estudantes, desenvolvendo projetos que estimulassem a sua participação, principalmente os que tenham a Arte como eixo central, pois ela nos proporciona um estado de equilíbrio, nos possibilita uma relação mais profunda com o mundo e com o outro, nos ajuda a refletir sobre os dramas humanos (Projeto Releituras e Sarau Virtual, por exemplo).

Estes projetos nos impulsionaram para um futuro melhor, mesmo diante de tantos retrocessos, da negação da ciência e da negação dos saberes acumulados pela humanidade. Nestes tempos duros e de incertezas, percebemos que é também momento da resistência, de lutarmos por uma sociedade melhor, mais comprometida com seus membros, mais humana e justa.

É tempo de termos mais esperanças, de acreditarmos mais nos outros, de formarmos e de nos formar como cidadãos críticos, de construirmos a convicção de que é possível mudarmos nossa realidade e que cada um de nós tem sua parcela de responsabilidade na construção de um mundo melhor.

É para isso que acreditamos que o CIEJA Sapopemba exista.



Diversidade e Resistência

- Ah! Esta escola é um cata-vento a girar!

CAMBUCI... TERRITÓRIO DE MUITAS TRAJETÓRIAS

Às margens do córrego do Lavapés, parada de viajantes para lavar os pés, descansar e dar de beber aos animais depois de longa viagem, surgiram comércios, fazendas, plantações... Com o progresso, vieram fábricas e trabalhadores. Nessa região, coberta por árvores de *Cambuci*, naturais da Mata Atlântica, surgiu um bairro – **Cambuci** – e, junto, a construção de muitas trajetórias. É neste bairro, criado, oficialmente, em 19 de dezembro de 1906, que está localizado o CIEJA Paulo Emílio Vanzolini.

Cambuci

Fruto que dá nome ao bairro, tem sua origem no tupi-guarani "kãmu-si" ou "pote d'água", em virtude de sua forma ser muito parecida com um vaso de cerâmica. Acredita-se que possa ter uma origem mais poética, do tupi "camb - cy" ou "seio da mãe". A árvore do Cambuci, que beirou a extinção, era abundante na Cidade de São Paulo.

Nas décadas seguintes, acompanhando a industrialização do país, a instalação de diversas fábricas na região atraiu trabalhadores imigrantes, especialmente sírio-libaneses, que começaram como mascates e se tornaram comerciantes, e italianos que, nos anos de 1920, transformaram o bairro em um reduto da colônia italiana no Brasil.

Gente de muitas histórias

Na década de 1920, muitos moradores do bairro, contrários às políticas públicas vigentes, atuaram em um dos momentos políticos mais importantes da história de São Paulo, conhecido como Movimento Tenentista. Em 1924, a Igreja de Nossa Senhora da Glória, referência arquitetônica local, construída em 1884, entrou para a História ao servir de abrigo aos soldados rebeldes e ser praticamente destruída pelas tropas legalistas.

Ao longo dos anos, o bairro Cambuci marcou o início de muitas trajetórias.

Alfredo Volpi, nascido na Itália, viveu no bairro por quase 90 anos. Filho de operários imigrantes, autodidata em artes, conhecido pela pintura marcante e característica de nossa cultura. Homem simples e de riso largo, parava o carro, desembarcava e dava esmolas aos mendigos do Cambuci.

Na Vila de Operários do bairro, viveu também Paulo Emílio Vanzolini, o “Vanzo”, como era conhecido. Zoólogo, compositor de canções como “Ronda” e “Volta por Cima”, ativo colaborador do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP) e um dos idealizadores da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Esta trajetória inspirou professores e estudantes, comunidade escolar a mudar o nome, do então conhecido CIEJA Sé/Cambuci, para CIEJA Paulo Emílio Vanzolini.

Festivo, o bairro Cambuci tem em sua história dois ícones do carnaval: a Escola de Samba Lavapés, uma das mais antigas de São Paulo, fundada em 1937, e o Bloco da Ressaca, fundado em 1984, por um grupo de amigos, frequentadores do tradicional Restaurante Javali. Desde então, o Bloco anima as ruas do bairro, nos sábados que antecedem o Carnaval, levando alegria a toda a comunidade.

O Cambuci atual traz histórias políticas, poéticas e, também de profunda desigualdade social. Localizado próximo à Baixada do Glicério, uma das regiões mais degradadas da Cidade de São Paulo, cortiços, pensões, casas e prédios populares contrastam com os novos empreendimentos, construídos com áreas de lazer e outras comodidades, revelando a acirrada transformação imobiliária que está se instalando no território.

O bairro Cambuci é uma amostra das desigualdades socioeconômicas e da diversidade humana, um retrato grande de São Paulo. Nele, a vida pulsa, ferve, transborda. É um “cata-vento a girar”, como o CIEJA Paulo Emílio Vanzolini.



Educação: empatia e empoderamento

O Cambuci, conhecido como um bairro acolhedor de pessoas vindas de várias partes do Brasil e do mundo, com suas identidades sociais e culturais, ainda necessitava de um núcleo educacional para dar continuidade à sua história de resistência e acolhimento. Surge, então, na segunda metade do ano de 1996, o Centro Municipal de Ensino Supletivo - CEMES.

A transição de CEMES para CIEJA - Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos, reafirma o passado de lutas por direitos e comprometimento com as políticas educacionais. Um dos primeiros desafios ocorreu em 1996, com a conquista do espaço físico, que antes pertencia à antiga Gráfica Municipal de São Paulo. Para iniciar as adequações do prédio escolar, foram necessários muitos diálogos e negociações entre Secretaria Municipal de Educação (SME/SP) e funcionários da gráfica, que chegaram a colocar máquinas enormes na porta do prédio para barrar a entrada.

Com o espaço garantido, um grande número de pessoas já procurava por matrículas. As inscrições eram realizadas pelos professores numa guarita, localizada no estacionamento, inclusive à noite, com velas e faróis dos carros iluminando os estudantes e seus novos caminhos.

A grande procura para os Módulos I e II, que eram presenciais, instituiu ali um espaço de acolhimento para as pessoas do bairro e de outras regiões da Cidade de São Paulo. Considerada, inicialmente, uma escola de “passagem”, atendendo pessoas trabalhadoras, moradoras de bairros distantes, que desenvolviam suas atividades na região central da cidade, transformou-se em escola “acolhedora”, uma segunda casa para muitos.

A valorização da história de vida de cada estudante, o respeito às suas particularidades e diversidades, aliados ao comprometimento da equipe escolar e da comunidade garantiram a qualidade de ensino, o acesso e, principalmente, a sua permanência na escola. No entanto, ainda faltava algo...

Mudanças significativas aconteceram com o passar do tempo: o ensino à distância transformou-se em presencial, tornando assim o espaço democrático ainda mais acolhedor, estreitando as relações humanas e desenvolvendo metodologias inovadoras. Neste contexto, em 2002, é instituído o CIEJA Sé, conhecido por todos como CIEJA Cambuci.

Em 2018, organizou-se um grande projeto para encontrar um nome que representasse a identidade da escola. Após amplo debate com estudantes e

comunidade, o CIEJA Sé/Cambuci passou a denominar-se CIEJA “Paulo Emílio Vanzolini”, patrono que representa a cultura, as tradições do território e a valorização da educação como transformadora da sociedade. A concretização do projeto foi oficializada em evento com a presença de familiares e amigos de Vanzolini, apresentação de atividades artísticas e culturais preparadas por estudantes e finalizando com o lançamento do Hino do CIEJA, “Um cata-vento a girar”, de autoria do Professor Emerson da Silva Gonçalves.

HINO DO CIEJA PAULO EMÍLIO VANZOLINI

*CIEJA Vanzolini
És fonte de inspiração
Cientista e poeta com muita beleza
Contribui pra educação (3x)
Ai CIEJA...*

*Esta escola ... (se joga!)
Ah, esta escola
É um cata-vento a girar
Acolhe com muita diversidade,
Empatia e empodera (3x)*

*Gente de muitas histórias
Com força e dedicação
Apesar das trajetórias
Não vê objeção
Mostrando a desigualdade
Em nosso brasilzaão
Buscando a superação (2x)*

*Obrigado mestre Freire
Por sua incitação
A este hino compor
Em forma de oração
Despertando pensamentos
E emancipação (2x)*

*É o patrono da educação
É ação na reflexão
É o patrono da educação
Boniteza de montão*

Despertando Pensamentos e Emancipação

Uma das características mais marcantes do CIEJA Paulo Emílio Vanzolini são os projetos inter e transdisciplinares, com temas escolhidos a partir de debates com toda a comunidade escolar, valorizando o protagonismo e as especificidades dos estudantes. O diálogo com o Currículo da Cidade, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e a Matriz de Saberes se faz presente em todos os projetos buscando fortalecer os territórios educativos.

FRUTO DE VÁRIAS MÃOS, INTENÇÕES E CORAÇÕES... alguns projetos são desenvolvidos de forma permanente.



Caminhadas e Bairrando: apesar das trajetórias, não vê objeção

A Caminhada Ecológica (2002 e 2003) traz como proposta formar pessoas mais preocupadas com o meio ambiente e a sustentabilidade. O projeto funcionava não só como instrumento de ensino e de pesquisa, mas também como vivência prática associada à atividade física, sensação de bem-estar, prazer e lazer. A primeira caminhada ocorreu no Parque Estadual da Serra do Mar, para descida da Serra até a Cidade de Cubatão. Uma aula inter e transdisciplinar motivadora, envolvendo várias áreas do conhecimento. A segunda caminhada foi ao Horto Florestal, no Núcleo Pedra Grande, onde foi possível avistar parte da Cidade de São Paulo e identificar alguns problemas ambientais. Em 2006, a Caminhada Ecológica transforma-se em “Caminhadas Noturnas” ao centro da cidade, com convite aberto à comunidade e estudantes de todos os períodos. O objetivo deste novo modelo de caminhada é incentivar passeios a pé, à noite, a fim de explorar o território e desmistificar os “perigos” da região central de São Paulo.

O projeto “Bairrando em São Paulo”, visa ao desenvolvimento de atividades práticas para que cada estudante possa pesquisar, investigar, questionar, enfim, resgatar seu direito à cidadania atuando na comunidade e transformando o território. Desta maneira, buscou-se compreender as transformações ocorridas ao longo do tempo, nos bairros da cidade, em especial no Cambuci, a partir da escolha de lugares de grande relevância para a comunidade, como: escolas, hospitais, espaços culturais e de lazer, estabelecimentos comerciais e industriais.

A primeira saída pedagógica, “Bairrando”, aconteceu no entorno da escola, em 2019. O trajeto envolveu o percurso por algumas ruas do “Caminho Histórico Glória-Lavapés”. Os estudantes puderam conhecer um pouco da história e da geografia das ruas, além de realizarem o resgate da memória negra do Bairro da Liberdade, com visita ao Cemitério dos Aflitos, à Capela Nossa Senhora dos Aflitos e à Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados.

Lejá: obrigado Mestre Freire

O projeto LEJÁ – Leitura na Educação de Jovens e Adultos – é semestral e busca estimular a leitura e a escrita nos módulos I e II, por meio da apresentação de diferentes maneiras de reconhecer os gêneros literários, a fim de incentivar o hábito da escuta reflexiva, estimulando, assim, a prática da leitura e do registro escrito.

A cada semestre, a obra escolhida é lida em rodas de conversa, exercitando a escuta e promovendo o debate. Semanalmente, cada estudante escolhe um dos livros organizados em uma “mala de viagem”, levando-o para casa, para apreciação e estímulo à escrita e leitura. Entre as obras já trabalhadas no projeto, estão: “Açúcar Amargo”; “Quarto de despejo - Diário de uma favelada”, “Sobrevivi, posso contar”. Esta última serviu de inspiração para apresentação no “Sarau Cultural” e, também, para participação de estudantes, professores e gestores, em 2019, na “Mesa Redonda - Mulheres e desafios atuais”, da Escola de Contas, Tribunal de Contas do Município de São Paulo (TCMSP).

Sarau Cultural: és fonte de inspiração

O “Sarau Cultural” do CIEJA tornou-se um evento permanente e muito esperado pela comunidade escolar. Realizado desde 2008, agrega manifestações artísticas de diferentes linguagens – poesia, teatro, música, dança – com a participação de estudantes de todas as turmas e períodos.

No “Sarau”, as apresentações sintetizam os diferentes projetos desenvolvidos ao longo do ano, geralmente ligados aos temas semestrais, possuindo um caráter inter e transdisciplinar, além de festivo. As aprendizagens e superações das dificuldades dos estudantes são evidentes quando se manifestam as múltiplas habilidades, durante o processo de preparação e performance no evento: trabalho em grupo, exposição em público, mediação de conflitos, elaboração poética a partir de um tema, clareza na comunicação, expressividade artística.

Esta atividade pedagógica revela-se uma experiência riquíssima, valorizando manifestações artísticas e culturais de estudantes e professores, além de revelar muitos talentos...³⁶

36 Talento Revelado: Professor Alex Cassemiro do CIEJA Paulo Emílio Vanzolini, compositor da música “Queimada”. Disponível em: <https://>

QUEIMADA - Professor Alex

**Queimada que mata a vida
Quem manda é quem não tem dó
Tem bicho virando cinza
Tem verde virando pó**

*Notícia do meio diade ontem e
de amanhã
O calor da fotografia...queimando
minha mente sã
Daqui posso quase nada... Quem
pode não faz também
Morre quem protege a mata...
Quem mata se diz do bem*

**Queimada que mata a vida
Quem manda é quem não tem dó
Tem bicho virando cinza
Tem verde virando pó**

*A terra que agora arde... Padece
em nossas mãos
É o pasto que vem mais tarde...o
que flagro é destruição
Os males ceifando a flora...
Tramando para o boi passar
Enquanto o gigante dorme... A
fauna chora sem ar*

**Queimada que mata a vida
Quem manda é quem não tem dó
Tem bicho virando cinza
Tem verde virando pó**

*Meu canto é um passarinho...
Clamando por solução
Voando fora do ninho
chamando sua atenção
Se aqui é o pulmão do mundo...
Nós somos vírus letal
Atacando bem no fundo... Na
alma do pantanal
Nas dores da pandemia... A gente
nada aprendeu?
Cuidemos da moradia ... Que
abriga você e eu*

**Queimada que mata a vida
Quem manda é quem não tem dó
Tem bicho virando cinza
Tem verde virando pó**

Fórum Pedagógico: é ação na reflexão

Refletir e dar voz à EJA vai além dos muros da escola. Significa transformação, autonomia e conquista de direitos.

O “Fórum Pedagógico” surgiu com o objetivo de proporcionar atividades que possibilitem o conhecimento do território em que a escola está inserida para que os estudantes possam analisá-lo de forma crítica, intervindo com ações para promover o exercício da cidadania. A motivação para as atividades do Fórum Pedagógico deu-se a partir da realização dos fóruns nas Unidades Educacionais para apresentar sugestões à construção do Plano Municipal de

Educação de São Paulo. Estudantes e equipe escolar mobilizaram-se realizando pesquisas de campo no entorno da escola, rodas de conversa, exposição de ideias nos murais do CIEJA, entrevistas com moradores, comerciantes e empresários do território. A reflexão sobre os registros das atividades resultou no encaminhamento, para o Fórum Regional, DRE-IP, de sugestões de propostas para o Fórum Municipal de Educação de São Paulo.

Políticas Públicas: com força e dedicação

O CIEJA Paulo Emílio Vanzolini recebe pessoas participantes em três Políticas Públicas, coordenadas pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, tendo, também, como parceira a SME/SP. São Políticas Públicas que dão muito certo.

O que há de comum entre elas?

Intersetorialidade, formação de rede protetiva às pessoas em situação de vulnerabilidades e, essencialmente, a premissa de continuidade “respeitando a memória, os encaminhamentos e as discussões realizadas em gestões anteriores”.³⁷

Programa Transcidadania: buscando a superação

Vinte e nove de janeiro de 2015, dia “Nacional da Visibilidade Trans”. Nesse ano, os espaços do CIEJA Paulo Emílio Vanzolini foram ocupados por participantes do Programa Transcidadania: política pública intersetorial, inovadora na Cidade de São Paulo, formou uma rede protetiva no atendimento às pessoas travestis, mulheres transexuais e homens trans, oferecendo-lhes condições para novas oportunidades de vida, unindo educação de jovens e adultos, qualificação e capacitação profissional, autonomia financeira, cuidados com a saúde, assistência jurídica...

Uma nova realidade emergia no CIEJA Paulo Emílio Vanzolini, um dos principais parceiros do Programa Transcidadania, recebendo, no primeiro ano do Programa, oitenta e quatro das cem pessoas contempladas.

37 SME/SP. 2019. Currículo da Cidade: Educação de Jovens e Adultos



Equipe escolar e estudantes estavam diante de um grande desafio: pessoas com olhares de desconfiança, medo, insegurança... Marcas das muitas violências sofridas, principalmente, por motivos de transfobia. A escola, parte do processo de exclusão, era vista como um espaço que não lhes pertencia. Esta nova realidade trouxe a necessidade de encontrar caminhos para ultrapassar os obstáculos que surgissem e responder a questionamentos, tais quais: Como acolher estas pessoas? Qual nome usar para identificá-las, civil ou social? O que fazer para que permaneçam no processo educativo? ...muitas reflexões!

Repensar a escola como espaço pedagógico, reformular o Projeto Político-Pedagógico, definir estratégias para acolher estas pessoas foram as primeiras ações. As ideias e ideais do mestre Paulo Freire embasaram o processo para a ressignificação dos espaços escolares, desconstruir e reconstruir conceitos para que estudantes do Programa Transcidadania tivessem o acolhimento e a educação de qualidade social, inclusiva e emancipatória, à qual têm direito.

Importante destacar todo o cuidado, dedicação e comprometimento da equipe escolar durante a implementação do Programa. O ambiente escolar cuidadosamente preparado, *kit* de material escolar organizado para a avaliação diagnóstica, mensagens de empoderamento, afetividade e cuidado presentes na construção dos primeiros vínculos.

Com o Programa Transcidadania, as mudanças no CIEJA são nítidas: as relações interpessoais, equipe escolar e estudantes, são fortalecidas nas lutas pelos direitos de *todes*. Novos significados de acolhimento social e pedagógico foram construídos. O CIEJA Paulo Emílio Vanzolini tornou-se um espaço de resistência e empoderamento.

Projeto Portas Abertas - Português para Imigrantes: acolhe a diversidade

O Projeto “Portas Abertas: Português para Imigrantes” promove os valores e saberes das culturas dos estudantes e foi integrado ao Projeto Político-Pedagógico do CIEJA, com ações voltadas à garantia de acesso, permanência e aprendizagem da população imigrante valorizando, dessa forma, a importância de acolher todas as pessoas, o combate à xenofobia, o respeito aos estudantes em situação de refúgio, aos portadores de visto humanitário, estudantes apátridas, bem como suas famílias, independentemente de sua situação migratória.

Para promover a interação e o aprendizado de diferentes culturas, os estudantes do Projeto são convidados a participar do “Sarau Cultural”, com apresentações artísticas como danças, músicas, recitação de poesias, proporcionando a socialização das diversas manifestações artísticas e culturais. Esta proposta favorece o exercício da cidadania na valorização e respeito às diversidades.

Programa Operação Trabalho – POT: mostrando a desigualdade

Em fevereiro de 2019, foi implantado no CIEJA Paulo Emílio Vanzolini o “Programa Operação Trabalho” - O POT, como é conhecido o Programa, atende pessoas que se encontram em situação de rua. Estas pessoas vivenciam a exclusão social em seu sentido mais “desumano”: expulsão e privação de direitos.

Encaminhadas a Centros de Acolhida, recebem uma bolsa-auxílio vinculada à frequência na Educação de Jovens e Adultos, dando continuidade ou iniciando sua Educação Formal, e à participação em oficinas profissionalizantes, oferecidas pelo Programa, como, por exemplo, cursos de tapeçaria com resíduos têxteis e customização de roupas. Estas ações visam à ampliação do conhecimento e de oportunidades de trabalho.

A presença do POT no CIEJA nos colocou diante do real significado de desigualdade social. Assim, este Programa, enquanto Política Pública, é essencial para o resgate da pessoa humana ao convívio social e à retomada de seus direitos de Cidadania.

CIEJA Paulo Emílio Vanzolini: boniteza de montão!³⁸

Ah! Esta escola é um cata-vento a girar... Derrubando muros sociais e reduzindo as desigualdades que separam pessoas. Trazendo a boniteza da diversidade. Mostrando caminhos de arco-íris em direção a novas trajetórias.

“O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo.” (Paulo Freire)³⁹

38 CIEJA VANZOLINI - 2020:

Equipe: Alessandra Henriques Gomes Stefano, Alex Levi Cassemiro, Ana Clara Silva Hashimoto, Ana Lucia Santos Azevedo Nakano, Antônio Donizete Dos Santos, Camila Aparecida, Souza Santos, Cimara Apostolico, Dalva Gonsalves Da Silva Nascimento, Daniela Cavalcanti Gonini Miyazato, Denise Aparecida Felipe De Abreu, Eliani Maria Andrade, Emerson Da Silva Gonçalves, Fabio Ferreira Da Silva, Felipe Otávio Nunes, Gabriel Pietrafesa De Godoi Alves, Jailton De Carvalho Pereira, João Luiz Zuini, Lafayette Cesar Codinhoto, Lucia Polesi Mayer Oliveira, Luzia Sanches Dias, Marcia Regina Da Silva, Preto, Marcos Vinicius De Andrade Steidle, Maria Adélia Gonçalves Ruotolo, Maria Claudete De Moraes, Marília Gabriela Amorim Donoso, Mario Sergio Guiguer Rozo, Michel Anderson Rodrigues De Paula, Regina Celi Da Rocha, Roideres Jesus Cunha, Sergio Poveda Abicair Junior, Silvia Regina Ferraz Aribi, Simone Futema Da Silva, Sueli Biasetti, Tatiana Anholetto, Thais Aline Laurentino Quintas De Barros, Yolanda Oliveira Salgueiro.

39 Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Editora: Paz e Terra, 1996



Ciejópolis: A metrópole do saber

Práticas AFE(educa)TIVAS do CIEJA Vila Maria Vila Guilherme

O mundo pode ser cruel, mas quando chego aqui me dá uma paz.

Amanda, estudante transexual do módulo 2

Se o CIEJA Vila Maria fosse um alimento, seria bolinhos de chuva acompanhados de chocolate quente. Isso porque, aliado ao aspecto educativo, a **AFETIVIDADE** é um dos ingredientes principais do nosso dia a dia.

Começaremos a contar esta história destacando um dos itens que é o coração do CIEJA Vila Maria: nosso **Projeto Político-Pedagógico**. Tal qual um maestro, este documento rege nosso trabalho com a participação de todos da escola. Temos o cuidado em torná-lo um instrumento vivo e não apenas protocolar. Para isso, sempre que é necessário revisitamos, readequamos, reescrevemos este documento para que ele seja acessível, especialmente aos estudantes, familiares e comunidade. Assim, além de disponibilizá-lo em nosso blog para que tenham acesso, deixamos algumas cópias em lugares estratégicos do CIEJA estimulando sua leitura. Optamos por uma escrita em forma de diálogo, facilitando a compreensão dos pontos obrigatórios.

Ao entrar no CIEJA Vila Maria, você encontra um **primeiro mural interativo** (esse mural fica na parte externa, aonde todos têm acesso) alegrando tanto a vida dos estudantes quanto da comunidade que chega à secretaria.

Neste espaço, várias ações educativas e de boas-vindas são desenvolvidas. Uma delas, em agosto de 2019, quando a Comissão de Mediação de Conflitos percebeu o aumento nos casos de depressão e automutilação na escola, criou um mural no qual estava escrito:

SETEMBRO AMARELO – uma palavra pode mudar seu dia! Pegue sua mensagem.

Juntamente ao mural havia uma caixa com mensagens positivas selecionadas pela Comissão para alegrar o dia de todos. Essas mensagens eram gotas de carinho para o cotidiano árduo de muitos estudantes. A proposta era amenizar a tensão do dia a dia e tornar o ambiente escolar mais agradável estimulando também a leitura dos estudantes, acreditando no potencial deles e dando-lhes fôlego.

Em geral, a cada dois anos, realizamos pesquisas – usando o Google Drive – entre os estudantes para traçarmos o perfil da comunidade que atendemos e termos dados concretos para nosso trabalho educativo. Detectamos que no CIEJA Vila Maria **AS MULHERES** representam **mais de 60% dos estudantes e funcionários**. Um dado como esse deve ser levado em conta em nossas práticas, no PPP e no PEA. Por isso, iniciamos o ano letivo de 2020 **homenageando** todas essas mulheres por meio de um mural interativo no qual estava escrito:

Para todas as mulheres: você quer conhecer a história de uma grande mulher?

Havia uma seta apontando para uma folha vermelha que, ao ser levantada, tinha um **ESPELHO** por baixo, ou seja, as mulheres ficavam admiradas e felizes ao se verem, se reconhecerem, serem valorizadas e homenageadas. É a importância de olharmos e prestigiarmos as estudantes.

O uso do mural interativo foi uma das ações que apresentou respostas positivas no CIEJA Vila Maria, ao oferecer um acolhimento carinhoso desde o primeiro contato com a escola. Esperamos que nosso trabalho inspire outras unidades levando em conta a realidade de cada uma.

Os funcionários da secretaria também costumam ajudar os estudantes em processo de alfabetização de todos os módulos a compreenderem e lerem o que está escrito neste mural, além de demonstrarem apreço e respeito por cada estudante e pessoa que têm na secretaria seu primeiro contato com o CIEJA.



Esse é um trabalho em rede em que gestão se conecta aos professores e todos se conectam aos funcionários do CIEJA, auxiliando os estudantes a tecerem uma rede de aprendizagens. Uma boa palavra para definir nosso trabalho é **ALFABETIZ-AÇÃO**, pois todos os detalhes são pensados para estimular a leitura e compreensão do mundo. Dessa forma, cada pequena conquista é valorizada, como podemos ler no relato abaixo da professora Marina Nunes do módulo I:

“... felicidade é quando uma aluna chega super feliz, dizendo que conseguiu ler pela primeira vez o nome da farmácia que ela costuma ir!”

Uma vez por mês desenvolvemos um projeto chamado CIEJA CINECLUBE em que projetamos apenas filmes brasileiros para trabalharmos com a leitura de obras audiovisuais, repertoriarmos os estudantes em relação à nossa cultura e desconstruirmos o mito de que nosso cinema não é relevante. Essas sessões acontecem nas segundas semanas de cada mês.

Pensando em derrubar muros e construir pontes, no ano passado, realizamos uma sessão à tarde para as crianças da EMEI Maria Isabel Pacheco de Almeida Ribeiro que compartilha um muro conosco com a projeção do filme **As Aventuras do Avião Vermelho**, de Frederico Pinto e José Maia.

Após assistirmos à animação, iniciada com pipoca e suco, conversamos um pouco sobre ela com as crianças e nos comprometemos a ir à EMEI para realizarmos uma atividade a partir do filme.

Nada melhor para o resgate do lúdico e das brincadeiras populares do que a construção de aviões com dobradura de papel. Para esta ação, contamos com o secretário do CIEJA, o Paulo, que nos ensinou a fazer o aviãozinho para que pudéssemos compartilhar e interagir com as crianças da EMEI, tornando a aprendizagem de todos mais leve e prazerosa. Essa ação reforça a importância dos laços, da escuta, do afeto e do trabalho em rede que se dá entre nós.⁴⁰

Além dos murais que contribuem como registro da nossa documentação pedagógica ao trazerem trabalhos, textos, desenhos, imagens dos estudantes, as escadas que levam do térreo ao primeiro andar também são exploradas tornando o ambiente alfabetizador. No ano passado, colocamos em cada um dos degraus frases motivacionais dialogando com ações ocorridas no mural interativo, como também desafios matemáticos, poemas de estudantes e avisos que despertassem e incentivassem a leitura.

40 <http://CIEJAvilasabrina.blogspot.com/2019/03/CIEJA-cineclubinho-as-aventuras-do.html> e <http://CIEJAvilasabrina.blogspot.com/2019/04/e-fomos-voar-na-emei-maria-isabel.html>

Outra prática diária que representa a forma de trabalho no CIEJA Vila Maria é a recepção aos estudantes sempre com a presença de um ou mais gestores da UE. Essa forma de acolhimento revela, mais uma vez, a importância com a qual enxergamos cada um deles. Faz toda a diferença para eles, seus responsáveis e a comunidade que atendemos estarmos presentes e disponíveis.

Também procuramos saber, além do nome dos estudantes⁴¹, um pouco da sua história para tentar ajudá-los no processo educativo-emocional-social. Essa afirmação se justifica porque a sua história o constitui enquanto sujeito e o influencia em todo seu processo escolar. Por isso, para nós, educar é uma grande colcha de retalhos: são rostos, corpos, histórias, memórias, marcas, cicatrizes... Um emaranhado em que tecemos/destecemos, fazemos trocas e negociamos.

No pátio de entrada do CIEJA Vila Maria, a primavera que dividimos com a EMEF Enéas Carvalho de Aguiar, escola vizinha, NOS SORRI. É como se nos dissesse:

“Entrem, fiquem à vontade! Também já tive minhas fases difíceis, mas eis-me aqui florindo novamente!”

Sim, a natureza também é educadora e faz parte do nosso cotidiano, seja através das árvores, da visita da família de saguis que adotou o CIEJA como moradia ou através do Verdejando⁴², um espaço na lateral que foi transformado em um cantinho verde da escola, onde podemos plantar, colher, interagir, ler, escrever, fazer piqueniques, dinâmicas, experiências, brincadeiras e aproveitar o contato com a natureza para a aprendizagem e o fortalecimento dos laços entre estudantes, professores e funcionários. Este local nos faz lembrar da importância de que todos os espaços da escola são educativos e não apenas a sala de aula.

E precisamos falar da família de saguis que compartilha o muro da EMEF Enéas e do CIEJA. Os estudantes, na entrada ou na saída das aulas, ao verem os macacos fazem uma festa e os educadores abordam a importância de cuidarmos e protegermos a natureza. Às vezes, os saguis⁴³ “invadem” as salas de aula e os armários dos professores. E toda essa interação produz

41 O carômetro individual é importante para nos lembrarmos dos nomes e a melhor forma de fazê-lo é tirar uma foto uma vez por mês da sala registrando os nomes dos estudantes ao lado.

42 <http://CIEJAvilasabrina.blogspot.com/2020/03/atividades-ludicas-marcam-dia-d-de.html>

43 O Centro de Zoonoses de São Paulo atestou que os saguis são saudáveis, não havendo problemas ao entrarmos em contato com eles.



ensinamentos extrapolando livros, cadernos e lousa. Para nós, essa é uma forma de educar mais próxima deles.

Quando falamos em **AFETIVIDADE**, os **momentos de formação são primordiais**. Durante o ano, temos de dois a quatro convidados especiais para participarem de nossas JEIFs – um por bimestre – para nos permitirem pensar a partir de outros lugares prático-teóricos. No ano passado, tivemos a oportunidade de refletir sobre documentação pedagógica; tivemos uma oficina de Stop Motion (técnica de animação de objetos); uma conversa com uma especialista em práticas de meditação e outra conversa com o tio de uma estudante do CIEJA que, por ser indígena, trouxe informações sobre sua aldeia e a situação atual dos índios no Brasil em um lugar legítimo de fala de conhecimento.

Todos esses momentos nos fortalecem enquanto professores e nos fazem, pouco a pouco, rever e qualificar nossas práticas, escolhas e a forma de abordar temáticas. Assim, potencializamos o bem mais importante que podemos lhes oferecer: **uma escola pública de qualidade**, que prioriza o conhecimento e a formação cidadã.

E como esse carinho reverbera de forma direta nos estudantes?

Primeiro pelo acolhimento, fundamental para que jovens e adultos que, corajosamente, retornam aos estudos sejam respeitados dentro de suas histórias e trajetórias. Esse primeiro passo nos permite a criação de vínculos para avançarmos na estratégia de ouvi-los e articularmos nosso trabalho de forma contextualizada. Assim, as aulas seguem sempre a temática de um projeto bimestral cujo tema foi escolhido em votação pelos estudantes. Ter **voz** torna o processo legítimo e significativo.

Uma vez com os projetos em mãos, construímos mapas mentais para elencar o enfoque que daremos no desenvolvimento do tema. Este momento é de suma importância para que professores e gestores voltem o olhar para o que é fundamental e transformador neste processo. Afinal, para nós, não há maior reparação possível do que oferecer aulas de qualidade permitindo que estudantes rompam com grilhões que os aprisionam diante da falta de conhecimento.

É importante destacar ainda que, dentro deste processo, os conhecimentos prévios dos estudantes são incorporados e suas histórias são válvulas propulsoras para alcançar o objetivo principal do CIEJA: formar cidadãos críticos, reflexivos e protagonistas de sua própria vida.

Para potencializar este trabalho, todas as quintas-feiras, professores e coordenadores planejam as aulas e ações da semana seguinte. Este é um bom momento para reforçar outra característica do trabalho do CIEJA Vila Maria: a importância de um planejamento que contemple especificidades de nossos estudantes.

Assim, além das aulas, refletimos sobre possibilidades de flexibilização para que estudantes em processo de alfabetização e os com deficiência sempre sejam contemplados. Aqui no CIEJA, todos os sonhos, objetivos e desejos importam.

O carinho pelo trabalho é perceptível em seus detalhes, pois o capricho estético está em tudo o que preparamos, contando com a revisão-parceria da coordenação pedagógica. Assim, se vamos criar uma atividade, ao invés de procurarmos uma imagem na internet, preferimos utilizar uma nossa que consiga dialogar com o exercício proposto e que esteja no nosso blog ou facebook. Esses gestos fazem os estudantes se identificarem com o CIEJA e notarem o quanto acreditamos no potencial de cada um deles.

Em um movimento de valorização da educação pública de qualidade, mantemos em nossas redes sociais (Facebook e Blog) um registro constante das vivências, atividades e percursos exitosos.

Uma postagem bastante especial é a da apresentação dos trabalhos extraclasse que em geral acontecem nos segundos e quartos bimestres de cada ano. Nesta atividade, os estudantes, a partir da orientação de um professor, realizam um trabalho artístico, cultural e/ou prático.

No ano passado tivemos a apresentação do **EMPREEN-SEJA**⁴⁴ em que realizamos a criação de produtos, a divulgação deles, a venda e o lucro. Os estudantes se envolveram bastante nos processos e, no dia da apresentação, a escola estava como gostamos: todos interagindo, transitando de um lado para outro, conhecimento acontecendo, protagonismo por parte dos estudantes, ou seja, uma escola viva, pulsante que ultrapassa as paredes da sala de aula.

Por falar em interação e movimento, temos os **saraus culturais**⁴⁵ organizados pelas professoras de Linguagens e Códigos e com a participação de todas as áreas do conhecimento, sendo protagonizados pelos estudantes com comes e bebes compartilhados por todos. Nesses momentos, eles leem textos de sua autoria ou de escritores diversos, podem cantar, dançar,

44 <http://CIEJAvilasabrina.blogspot.com/2019/10/empreen-seja-2019-refletir-sobre-o.html>

45 <http://CIEJAvilasabrina.blogspot.com/2020/08/sarau-em-dezembro-de-2019.html>

expressar-se culturalmente... é um dia exclusivo de palco e aplausos para eles. No ano passado, no último sarau realizado, lançamos livros de biografias dos estudantes dos módulos III. E essas histórias compartilhadas nos emocionam até hoje.

No CIEJA Vila Maria, a aquisição de repertório cultural, o protagonismo e as atividades fora do ambiente escolar são estimuladas e valorizadas. Assim, visitar espaços como Pinacoteca, Teatro Municipal, SESCs, Museus e diferentes territórios é sempre uma oportunidade de trocas e aprendizagem. Fazemos estas atividades sempre de modo gratuito, pois acreditamos que pagar por tais momentos destitui o caráter democrático da escola pública. Alguns equipamentos culturais oferecem ônibus para que possamos ir até eles, interagir com o espaço-exposição e retornarmos. Outras vezes, também utilizamos ônibus e metrô para chegar ao espaço cultural mostrando que é possível ir por conta própria e levar seus familiares.

Em uma parceria com o Teatro Municipal de São Paulo, estudantes e professores puderam apreciar diversos concertos de música clássica e ópera em 2019-2020. Adentrar esse templo da erudição é muito significativo para os estudantes, pois quebra os muros invisíveis que permeiam esses locais mostrando que todos(as) têm o direito de estarem ali e de apreciar aquela peça estético-musical. O mais intenso é se mostrarem sensíveis e, pouco a pouco, perceberem que aprender não é apenas dentro da sala de aula por meio de uma lousa. São experiências como essas que causam fissuras e deixam marcas positivas em seu processo educativo-identitário.

Quanto ao protagonismo, no ano passado alguns estudantes jovens participaram da construção de duas mesas para a sala de Educação Digital por meio de uma parceria com a Fab Lab⁴⁶. Os estudantes iam uma vez por semana a esse espaço para participarem da criação de um projeto, seu desenho, o corte das madeiras e a montagem dos móveis. Os jovens que participaram dessa iniciativa se mostraram respeitosos, responsáveis, criativos e éticos em todas as etapas, o que nos permite dizer que adolescentes e jovens realizam atividades desde que vejam sentido no que estão fazendo. Na realidade, a atividade-fim era a construção de uma mesa, mas os saberes realmente construídos durante todo esse processo farão parte de suas vidas para sempre.

O CIEJA Vila Maria, através da verba "Rolê Cultural", instituída pela Prefeitura de São Paulo no ano de 2019 para contratação de ônibus a fim de realizarmos

46 Fab Lab são oficinas que proporcionam a fabricação de móveis de forma digital, os estudantes realizaram o projeto no que se encontra na Galeria Olido, centro de São Paulo.

atividades escolares, promoveu o projeto: **FAROFÃO DO CIEJA**⁴⁷ – invadindo a praia de Santos –, no dia 05 de dezembro de 2019.

A ideia era ofertar aos estudantes concluintes do módulo IV do CIEJA uma “viagem de formatura”. Assim, planejamos uma atividade cultural fora da Cidade de São Paulo, aliando conhecimento-lazer e que pudéssemos ir e voltar no mesmo dia. Fizemos uma primeira parada no Aquário Municipal de Santos, onde nossos estudantes puderam apreciar e aprender um pouco da vida marinha do nosso país para, em seguida, irmos à tão esperada visita à praia do Gonzaga. Foi delicioso para todos os que puderam estar presentes.

Lá, jovens, adultos e idosos tiveram trocas profundas! Rolou pelada, em que uma de nossas estudantes disse que estava jogando bola pela primeira vez. Teve mergulho no mar, brincadeiras com bola, apreciamos a paisagem, enfim, curtimos o dia. E uma das estudantes com deficiência, que nunca tinha ido à praia, voltou contando que não sabia que a água do mar era salgada. Experimentar o gosto do mar compõe uma poesia para o momento educativo que livro nenhum é capaz de traduzir.

A respeito da alimentação, pedimos que levassem algo para comer e que pudesse ser compartilhado com todos porque fizemos um piquenique incentivando as trocas e a solidariedade. Enfim, houve muita diversão porque educar também é aprender e ensinar com prazer, lazer e de forma lúdica.

Lembramos que essa atividade foi possível porque utilizamos a verba pública citada e dividimos essa conquista com nossos estudantes. Informá-los sobre a importância desta verba e do seu bom uso também faz parte do processo educativo, pois se aplicarmos de forma planejada as verbas recebidas, conseguiremos beneficiar e muito nossos estudantes.

47 <http://CIEJAvilasabrina.blogspot.com/2019/12/primeiro-farofao-do-CIEJA.html>

E vamos falar um pouco da nossa história?⁴⁸

Lá no início de 1996 nossa história começou, quando éramos conhecidos por CEMES Vila Sabrina, uma vez que estamos localizados no centro comercial desse bairro da Zona Norte (ZN). Mas, oficialmente, nosso nome era CEMES DREM 02. Nessa época, o ensino ocorria à distância (de segunda a quinta-feira),⁴⁹ das 7h às 22h30, com atendimento pelas manhãs, tardes e noites. Os estudantes compareciam ao CEMES, retiravam apostilas, estudavam por conta própria, vinham no horário de aula para tirarem dúvidas e faziam provas presencialmente. Quase todos eram adultos trabalhadores, idosos e/ou donas de casa que não haviam tido a oportunidade de estudar na infância e haviam encontrado uma escola onde estudar se dava de forma flexibilizada. Nessa época, apesar de não haver os encontros diários entre todos, os professores já acolhiam os estudantes e tentavam ajudá-los em tudo o que fosse possível. O que marca esse período são as singelas formaturas, importantes como rito de passagem para eles.

Desde nossa fundação, ocupamos um anexo do prédio da EMEF Éneas, nossa vizinha, como dito, porque se encontrava ocioso. Estamos nesse prédio até os dias atuais, compartilhando o muro, as plantas e nossas mascotes; às vezes, rompemos o muro porque vizinho bom é aquele que toma café junto.

A respeito da nossa localização, estamos no centro comercial da Vila Sabrina, o que nos permite explorar questões desse território onde há ônibus para vários locais, nos permitindo atender estudantes de diversos bairros da ZN.

Ao fazermos uma breve linha do tempo do CIEJA Vila Maria, as seguintes datas são importantes:

- 2001 - início da transição do ensino à distância para o presencial.
- 2002 - Ensino Fundamental articulado ao mundo do trabalho; aulas de segunda a sexta-feira com duração de 2h15min; trabalho por áreas do conhecimento. Algo próximo à configuração atual. A partir dessa época, as festas juninas se tornaram cada vez mais intensas.

48 CIEJA VILA MARIA - 2020:

Equipe: Alexandre Lucílio Da Cruz, Ana Paula Da Silva Sousa, Andrea Furtado Tunes, Andreia Cruz Silva, Angelica Brenda Diogo De Oliveira, Aparecida De Carvalho Sanches, Elisabeth Amaro De Souza Squio, Eva Nice Aparecida Sirino Dos Santos, Fabiane Maria Said, Fatima Grochenisk De Lima, Geni De Moraes Plaques, Gislene Calo Guaranha, Karin Alexandre Carafigi, Lourdes Jose Da Silva, Luis Carlos Fernandes, Mara Celina Degilio, Marcia Gusmão Lamiel, Marcos Peter Pinheiro Eça, Maria Da Conceição Gomes, Marilene Miranda Da Silva, Marina Dos Santos Nunes, Mauro Oliveira Freire, Morgana Lopes Do Nascimento, Neide Soares Alves, Paulo Medeiros Filho, Quiteria Santana Ribeiro, Regiane Aparecida Cruz Dos Santos, Sandra Aparecida Natali, Suely Leite Hatada, Vinicius Aguiar E Silva Ribeiro, Wilson Antonio Silva..

49 Às sextas eram dedicadas à formação de todos os educadores.

Ao começarmos a atender presencialmente, estudantes com deficiência passaram a estudar no CIEJA. Mais do que nunca a UE se tornava uma escola inclusiva e afetiva.

- 2010 - aumento da demanda de estudantes a partir de quinze anos, excluídos da educação regular por se sentirem mais acolhidos no CIEJA.

O CIEJA Vila Maria é uma Unidade Educacional marcada por AFETIVIDADE, ACOLHIMENTO, DEDICAÇÃO, RESPEITO, TRABALHO e ÉTICA em relação aos estudantes, professores e funcionários. Somos uma escola inclusiva e sempre procuramos inovar para que a educação seja cada vez mais significativa para todos. Em 2021 faremos 25 anos e nosso desejo, ao apagarmos as velinhas do bolo, é podermos continuar nosso trabalho atendendo e auxiliando a comunidade da Vila Sabrina e da ZN de forma cada vez mais afetiva e ética. Que venham os 25 anos porque a EJA fez, faz e fará história na Cidade de São Paulo⁵⁰.

50 Para saber mais sobre o CIEJA Vila Maria Vila Guilherme, nos procure no Facebook: CIEJA Vila Sabrina ou no Blog: www.CIEJAvilasabrina.blogspot.com.



Sonhador é aquele que vira nuvem enquanto a chuva não vem.

Sérgio Vaz, poeta

Aquele que atua na Educação de Jovens e Adultos está sempre grávido de sonhos. Este educador que acredita e luta para que todos, independentemente de idade, tenham acesso à educação de qualidade, é um incansável sonhador. Não porque está lá a esperar em vão por algo irreal, mas porque sempre está lá se refazendo, se recompondo, reunindo forças de outros sonhadores para trazer à luz um mundo mais pleno de “boniteza” por meio deste processo humano que é ensinar e aprender. Não é um sonhador a esperar; é, como diz Paulo Freire, um sonhador a esperar, a fim de que, o que é hoje uma frágil, etérea e impalpável “nuvem”, venha a ser amanhã uma insistente “chuva” que vá regando a terra bruta para fazer germinar um mundo mais justo e solidário.

Os Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos - CIEJAs têm sido ao longo de todos esses anos lugares de encontro de pessoas que sonham, que esperam. De pessoas – professores e estudantes – que, não conformados com a brutalidade e a esterilidade de uma sociedade tão desigual, acreditam que qualquer história, de qualquer sujeito, a qualquer momento de sua vida, pode ser reescrita e ganhar novos rumos. Enfim, de sujeitos que, vendo ser impossível, vão lá e fazem, aceitam o desafio!

A questão é que desafios são sempre dinâmicos, estão sempre a se atualizar. São como o horizonte: mal são tocados e fogem aos pés dos sonhadores. E isso é bom! Porque os desafios estão a nos provar que nada é completo, que tudo é inacabado, e que as coisas sempre podem ser melhores.

É nessa inquietude de sonhadores que nós – professores e estudantes que atuam no CIEJA – apontamos neste texto alguns desafios que vêm se desenhando no horizonte de nossa atuação como forma de Educação de Jovens e Adultos na Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo.

CIEJAs: educação para todos

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.

Paulo Freire

Diversidade! Eis o desafio que nos sustenta no encontro com uma aprendizagem enriquecedora e constante, mas que também nos provoca imenso medo e que, muitas vezes, nos coloca em angústia por ver em poucos metros quadrados pessoas de 15 a 80 anos, que falam a língua portuguesa e outras a francesa ou inglesa, transexuais, pessoas com deficiências físicas e intelectuais, formando essa imensa boniteza mediante a qual professores e estudantes precisam desenvolver o aprendizado, o respeito, a cidadania e a autonomia. Para vislumbrar o tamanho desse desafio que os CIEJAs recebem de braços abertos – e do qual se constrói nosso fazer – é preciso olhar para quem são as pessoas que se tornam nossos estudantes.

Por atender àqueles que não tiveram acesso à educação na idade própria (Constituição Federal, Art. 208, I), a modalidade da Educação de Jovens e Adultos tem trazido às escolas segmentos marginalizados da sociedade. O público atendido pela EJA são trabalhadores, negros, mulheres, jovens, homossexuais, transexuais, travestis, pessoas com deficiências físicas e/ou intelectuais, enfim, sujeitos que tiveram seus direitos negados e com os quais a sociedade tem uma enorme dívida a pagar, incluindo o acesso à educação pública de qualidade.

Nas últimas décadas, os CIEJAs têm recebido uma demanda crescente por vagas para pessoas com deficiências, decorrente das conquistas que trouxeram novas políticas públicas e legislações educacionais ao Brasil, a partir da década de 2000 com o PNE nº10.172/2001; Decreto Federal 6.571 de 2008, que foi substituído pelo Decreto Federal 7.611 de 2011; Lei nº 13.146/2015. Essas mudanças garantiram o acesso da pessoa com deficiência à escola regular, bem como sua permanência a partir da regulamentação de políticas públicas voltadas para este público, como o AEE - Atendimento Educacional Especializado.

No caso dos CIEJAs, por apresentarem propostas pedagógicas mais flexíveis e vivenciarem experiências mais democráticas e inclusivas de educação,



essa variedade de estudantes se amplia ainda mais, conotando um espaço hiperdiverso. Dessa intencionalidade de ser uma educação para todos considerando as especificidades de cada um, impõem-se alguns desafios, a saber, a ampliação gradativa, ao longo dos anos, do atendimento a um público jovem, as questões de ordem intergeracional que brotam da acolhida à juventude, e a diversidade de trajetórias, de culturas, de visões de mundo que se concentram num mesmo lugar.

A juvenilização da EJA, como desafio, obriga-nos a pensar numa gama de aspectos que perpassam desde as metodologias empregadas nos processos de aprendizagem à integração com outras etapas e modalidades. Se de um lado, não é permitido aos CIEJAs reproduzirem métodos e formas de atuação que se provaram ineficazes com esses jovens, excluindo-os da escola regular, de outro faz-se urgente o diálogo entre modalidades de modo que, sem jamais deixar de acolher a juventude na EJA, possa a experiência dos CIEJAs ser um sinalizador para que esses estudantes sejam vistos com olhar mais acolhedor durante seu percurso escolar ordinário.

Há que se pensar que a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade que serve bem à correção da distorção idade-série/ano/ciclo, possibilitando a aceleração dos estudos. Contudo, também há que se tomar o cuidado de evitar que a EJA seja um “caminho” para a exclusão automática de estudantes considerados indesejáveis à escola regular por apresentarem comportamentos mais críticos e questionadores do ensino tradicional. Nesse sentido, os CIEJAs podem dar importante contribuição por serem celeiros de experiências inovadoras e de práticas democráticas que apontam outros caminhos para a educação regular.

Estando no ensino regular ou inseridos na EJA, esses jovens demandam processos inclusivos que não se encerram somente no interior da escola, mas que exigem a articulação de uma rede de apoio que os socorra nas diversas vulnerabilidades que sofrem.

A essa inclusão dos jovens na EJA soma-se outro desafio que é o do choque de culturas, visões de mundo, gerações. É mister desenvolver formas de trabalho com esses estudantes, as quais os ajudem a compreender que a diferença, a diversidade de trajetória e de pensamento não são obstáculos para convivência com o outro num mesmo espaço, mas uma oportunidade de aprendizagem que se desenha a partir da vivência do outro. Trata-se de fomentar uma forma solidária de construir conhecimento em que, como aponta Paulo Freire, os sujeitos ensinam e aprendem conjuntamente.

Conduzir no espaço da sala de aula o jovem acostumado a ouvir música em seu fone de ouvido e a senhora que entende que isso é desrespeito e que o professor precisa punir o jovem, são questões geracionais que precisam de um fino trato por parte dos professores. Lidar com o desafio de um estudante transexual que em toda sua vida teve seus direitos roubados e que precisou gritar para ser respeitado é um aprendizado e tanto. Aqui entra a formação constante dos professores e as discussões nos horários coletivos e PEA são fundamentais para lidarmos com as diversas situações do dia a dia.

No bojo dessas mudanças sociais, os jovens e adultos com deficiência chegaram para enriquecer a diversidade da EJA. A presença deles nos CIEJAs transforma a cada dia as relações dentro da escola e todos aprendem com essa nova realidade. Juntamente com o potencial de aprender que esses estudantes trazem, eles também nos impõem novos desafios como; repensar práticas; buscar recursos humanos e tecnológicos; promover adequações no espaço; mudanças de concepções em relação às formas tradicionais de ensinar e aprender; construir uma educação integral, equitativa e inclusiva.

Todos os anos nossos corações sofrem por termos que adiar as esperanças de estudantes retornarem aos estudos devido à falta de espaço físico, principalmente os com deficiência. Os que mais sentem esse problema são dos módulos I e IV, justamente o início e o final da etapa fundamental. Nunca conseguimos zerar a demanda dos módulos I, com relação aos estudantes com deficiência. São poucas as salas e não podemos preenchê-las apenas com eles.

Como a demanda dos CIEJAs é alta, temos sempre estudantes aguardando durante todo o ano. Este fenômeno se dá porque somos as únicas unidades da Rede Municipal que oferecem EJA diurna. Pensamos que abrir outros CIEJAs seria uma solução, pois oportunizaria a melhoria de qualidade de vida de alguns estudantes; que passam muito tempo no transporte escolar até chegarem à Unidade, após percorrerem vários quilômetros, pois residem distante da escola, considerando que há apenas dezesseis CIEJAs para atender a esta demanda grande de estudantes que se enquadram no perfil da proposta organizacional dos CIEJAs.

Portanto, a criação de mais Centros nos possibilitaria uma acolhida constante, visto que o público da EJA tem um comportamento diverso, muito peculiar; suas necessidades são prementes, pois já tiveram seus direitos cerceados quando, por diversos motivos, não concluíram seus estudos na idade própria. Um olhar atento e humanizado, voltado a esses estudantes e suas diversidades, se faz necessário, sempre!



Preparando para o mundo do trabalho: integração a outras etapas e modalidades

Outros desafios que se apresentam aos CIEJAs condizem à integração desta forma de atendimento da EJA a outras etapas e modalidades oferecidas pelas redes de ensino. Uma das mais prementes é a continuidade desses estudantes no Ensino Médio. Todos os anos um número razoável de estudantes que completam o Ensino Fundamental nos CIEJAs encontra dificuldades em acessar a próxima etapa de seu percurso escolar. Estão entre os obstáculos a escassez de vagas de Ensino Médio na modalidade EJA, a falta de projetos que, à semelhança dos CIEJAs, tenham horários flexíveis e as barreiras geradas por uma concepção de educação pouco acolhedora, dada a organização fragmentada do conhecimento no currículo do Ensino Médio.

Em paralelo a essa continuidade no processo educativo desses sujeitos, também se faz urgente pensar em sua inserção no mundo do trabalho ou, uma vez inserido, na sua qualificação profissional. Há dois desafios que se vislumbram nesse aspecto: o primeiro está relacionado à articulação com a modalidade de educação profissionalizante na oferta de cursos técnicos a esses estudantes, uma vez concluído o ensino fundamental; o segundo refere-se à oferta de cursos de qualificação profissional pelos próprios CIEJAs, no sentido de oportunizar aos estudantes a reinserção no mercado de trabalho ou o acesso a postos de trabalho mais qualificados.

O exercício da cidadania

Todos que atuam na Educação de Jovens e Adultos sabem que o direito à educação não é nem de longe o único direito que foi negado aos sujeitos que frequentam esta modalidade. Muitas vezes precede à exclusão da escola a negação do *direito à vida, à saúde, à alimentação, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária*. Quem conversa com um estudante da EJA encontra frequentemente no relato de sua trajetória situações de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (CF, Art. 227). Também se sabe que o acesso à educação de qualidade é somente o primeiro passo para o resgate e o exercício de outros direitos que garantirão a esses sujeitos a plena cidadania.

Conhecedores desses estudantes e de suas vulnerabilidades, os CIEJAs têm insistentemente contemplado em seus projetos político-pedagógicos a articulação com outros agentes sociais e culturais, valorizando assim as potências dos territórios nos quais estão inseridos.

É urgente, contudo, a ampliação de possibilidades que venham a potencializar e consolidar uma abordagem educacional mais integralizada e façam convergir diferentes ações para o mesmo público, ampliando o repertório cultural dos estudantes, contemplando tanto as atividades escolares como as socioeducativas e as de proteção e cuidados, as quais estão no âmbito de outras políticas setoriais como Saúde, Assistência Social, Cultura, Esporte, Desenvolvimento e Trabalho. Um movimento neste sentido viabilizaria que esses sujeitos fossem auxiliados no exercício de seus direitos, a partir da constituição de uma rede de apoio e proteção que, articulada aos CIEJAs, daria solidez às ações de promoção da cidadania tanto nos nossos territórios quanto na cidade.

Pleno Desenvolvimento da Pessoa: o desafio das metodologias para a EJA

Também é conhecido de todos que boa parte dos cursos de formação inicial de professores não oportunizam metodologias para a Educação de Jovens e Adultos, apesar de vivermos em um país que ainda tem pelo menos 11,3 milhões de pessoas com mais de 15 anos analfabetas, ou seja, 6,8% de analfabetismo (IBGE, PNAD 2019).

Em vista disso, cabe às redes de ensino garantir a formação continuada e específica dos professores que atuarão com este público, tendo em vista a garantia da qualidade de educação a ser oferecida para esses sujeitos.

Nesse quesito, os CIEJAs contam com o fato de que todos os seus professores realizam jornada integral de formação, o que garante espaços de debate, planejamento e avaliação mais eficazes que aqueles existentes em outras redes ou formas de atendimento da EJA.

Entretanto, os desafios da educação de jovens e adultos sempre se ampliam mediante a garantia de acesso a novos segmentos na EJA, como o da juventude, das pessoas com deficiência, dos imigrantes e refugiados, das pessoas trans ou das pessoas em situação de rua, ou de novas demandas, como a educação digital para gerações que nasceram e cresceram num mundo analógico.



Considerando esses desafios, impõe-se a necessidade de garantir espaços de debate e formação comuns entre os CIEJAs, como os que têm sido fomentados pela DIEJA, com as iniciativas dos Itinerários Formativos e Nutrições Pedagógicas. Também se faz necessária a manutenção dos encontros, seminários e publicações organizados pelos CIEJAs com o intuito de aprofundar as metodologias ali empregadas, bem como a socialização das experiências bem-sucedidas que nossas unidades têm desenvolvido no atendimento ao público jovem e adulto, e que podem servir de inspiração para outras etapas e modalidades.

O trabalho desenvolvido através de projetos tem se mostrado o melhor caminho para atender aos estudantes da EJA. A metodologia de projetos visa desfragmentar o conhecimento e tornar o sujeito protagonista de seu desenvolvimento. O grande desafio por aqui é formar os professores para garantir que o trabalho com a pedagogia de projetos não se torne somente um fazer sem significado. É necessário garantir aos professores as orientações para que consigam trabalhar temáticas importantes para os estudantes, articulando-as aos objetivos de desenvolvimento e de aprendizagem propostos no Currículo da Cidade.

A formação dos professores é nosso mais complexo desafio, porque, embora eles passem por processos seletivos para o ingresso nos CIEJAs, isso não se constitui em garantia para a excelência do trabalho. Ser educador de jovens e adultos é desconstruir-se, é voltar o olhar para o currículo com uma intenção descolonizadora, despindo-se de preconceitos. Dessa forma, a formação nos PEAs deve priorizar temáticas que auxiliem os professores a ressignificar suas práticas.

Acesso, permanência e direito à aprendizagem

“A porta era o primeiro estágio de uma longa e difícil escalada a caminho do meu objetivo acadêmico de me formar nesta escola.”

Temple Grandin - Escritora autista.

Na história da educação brasileira, pode-se afirmar que as políticas públicas destinadas à Educação de Jovens e Adultos sempre se mostraram frágeis. Os esforços e envolvimento para assegurar o acesso e a continuidade dos estudantes dessa modalidade que tiveram este direito negado vinculam-se à pauta de reivindicações dos movimentos de professores e aos grupos sociais

que defendem a existência e a manutenção de uma educação pública de qualidade para todos. Tendo em vista a garantia do direito à escolarização de jovens, adultos e idosos é urgente a ampliação das vagas com investimento na construção de mais CIEJAs, principalmente nas regiões periféricas da Cidade de São Paulo.

O acesso à educação é um primeiro desafio, mas certamente não garante por si só o aprendizado e conseqüentemente a conclusão dos estudos, fazendo-se necessário ações que garantam a permanência dos estudantes até a conclusão de seus estudos. Os CIEJAs já funcionam com flexibilidade de horários, oferta de refeições, vínculos de aprendizagem com as equipes, oportunidades de compensação de ausências, porém ainda permanecem alguns desafios como o de intervir em situações de aprendizagem nas quais os estudantes necessitam de atendimento psicossocial, por exemplo. Ainda há a necessidade de avançar na disponibilidade de atendimento das parcerias e redes de proteção para atender a estas questões que também interferem nos processos de aprendizagem dos estudantes, a fim de que se evite que desistam. A oferta de atendimento das instituições parceiras ainda é insuficiente frente à demanda que se apresenta.

Outro grande desafio da Educação de Jovens e Adultos é a permanência, porque para estar na escola não basta só o interesse de voltar a estudar, mas também a resolução de uma série de indagações que fazem com que os estudantes saiam da escola, entre elas, a questão da sobrevivência deles e das famílias. Muitas vezes, esses estudantes matriculam-se por causa do trabalho, mas, por vezes, são obrigados a interromper seus estudos pelo mesmo motivo, uma vez que acabam pressionados para estender as horas de trabalho, alterar turnos, entre outros. Esse é um elemento e um movimento que vivenciamos o tempo todo na Educação de Jovens e Adultos.

A outra questão são os trabalhos temporários, sem muita rotina ou regularidade nos horários, que fazem os estudantes saírem da escola e irem trabalhar, voltando um mês depois ou desistindo de seus sonhos. Então, não depende só do seu querer e da sua vontade, mas de uma série de motivos que vão dificultando ao longo do tempo a sua permanência.

Assim, sabemos que, para os estudantes jovens e adultos, a lógica da evasão precisa ser colocada em outros termos. O movimento que faz um estudante da EJA deixar de frequentar a escola durante um determinado ano nem sempre está relacionado a uma dificuldade específica de sua aprendizagem. Muitas vezes, esse apartamento temporário da trajetória escolar se relaciona



a fatores externos à escola. É necessário trabalhar, cuidar dos filhos, vencer uma situação de adoecimento. Não podemos compreender como evasão o movimento daquele sujeito que se aparta num determinado momento para retornar em outro, vencida alguma situação específica de sua vida. É um desafio para nossa rede pensar sob outra lógica que respeite a dinâmica cotidiana desses estudantes.

A avaliação também é um fator de grande relevância para a garantia do direito ao aprendizado e conseqüentemente, o incentivo à permanência do estudante, da EJA o qual reconhece nos CIEJAs um espaço de emancipação e de fato assim ele deve se constituir. Por isso, é preciso pensarmos na avaliação como um dos desafios de permanência.

A lógica da falta foi e ainda é muito presente na educação de uma forma geral. As políticas públicas para a EJA acabam sendo vítimas de uma ansiedade de suprir ausências, de oferecer conteúdos, de tornar os sujeitos o mais depressa possível detentores de saberes e habilidades ideais que julgam lhes faltar. Há um desejo de *regularizar* a vida desses estudantes como se estar fora da régua escolar, de um determinado padrão desejado pela sociedade, fosse algo a ser sanado, com todo o peso higienista que essa palavra carrega. Esqueçemo-nos, muitas vezes, de que esses estudantes viveram 20, 30, 40 anos numa sociedade altamente letrada, lançando mão de estratégias que não a da leitura e a da escrita para resolverem problemas, interagirem com outras pessoas, enfim, construírem suas vidas. Embora se faça fundamental que lhes seja garantido o direito à aprendizagem, a garantia desse direito só se efetiva quando se respeita o tempo de cada estudante, seu ritmo de aprendizagem, as particularidades da trajetória de cada sujeito. Nesse sentido, é imperativo que vigore outra lógica, pautada por uma educação ao longo da vida, que compreenda a complexidade do sujeito jovem e adulto, submetido a tantas contingências.

Embora o Currículo da Cidade para a educação de jovens e adultos apresente avanços nesse sentido, propondo formas de educação e de avaliação que vão ao encontro da realidade desses estudantes, o sistema normativo vigente para a Educação de Jovens e Adultos ainda reverbera para esta modalidade princípios que são estranhos a ela e que dificultam o desenvolvimento de uma proposta educativa de caráter crítico e emancipatório.

Os CIEJAs têm acumulado uma experiência única na compreensão desses sujeitos. Sempre ao final dos anos letivos, estudantes, professores e gestores deparam-se com processos de avaliação final que, a despeito das inovações educativas e ousadas dos CIEJAs, obedecem a uma lógica de avanço dentro

de uma organização de tempo progressivo que equivocadamente busca copiar as promoções e retenções previstas na educação regular. Acaba-se por impor uma avaliação que se volta ao que os estudantes não sabem, em vez de atentar para suas potências e para o que aprenderam ao longo do percurso avaliado e ainda desejam aprender. É essencial que assumamos como rede o desafio de pensar a organização da educação de jovens e adultos a partir de um processo avaliativo que não tivesse como termo a promoção para um ano/série/módulo posterior, privilegiando a autoavaliação protagonizada pelo estudante e o respeito à sua decisão no que concerne à percepção de suas aprendizagens e do tempo que julga necessário para consolidá-las, constituindo-se assim um conjunto de avaliações que levem em consideração a integralidade desse sujeito.

Contribuiria para a efetivação de outra lógica avaliativa a afirmação da autonomia dos CIEJAs na organização dos grupos de aprendizagem, levando-se em conta processos dialógicos, pautados em avaliações diagnósticas e na escuta atenta dos estudantes. Por se tratar de jovens e adultos, há que se considerar com mais cuidado a trajetória e as expectativas desses sujeitos, bem como suas decisões em relação ao percurso escolar.

Frise-se que essa perspectiva não trata de ignorar a possível aceleração de estudos quando o percurso de um estudante assim o exigir e ele assim o quiser. Trata-se antes de, no respeito autêntico à integridade do educando como ser humano, ouvi-lo e ajudá-lo a tomar as decisões referentes a sua vida escolar, sabendo que não há ninguém melhor que ele mesmo para tomá-las.

Diante de todos os desafios aqui apresentados, os CIEJAs permanecem em seu fazer na busca de qualificar a sua prática para que cada vez mais possamos garantir o direito ao estudo àqueles que não o tiveram, fazendo resistência aos retrocessos, ressignificando as aprendizagens com uma educação que supere os preconceitos, o machismo e as desigualdades, que seja antirracista e emancipadora, esperando, como Paulo Freire sempre fez, por uma sociedade que preze pela liberdade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BEISIEGEL, Celso de R. **Política e educação popular (a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil)**. São Paulo: Ática, 1992.

BRASIL. **Lei 13.146 de 06 de julho de 2015**. Institui o Estatuto da Pessoa com Deficiência – Lei Brasileira de Inclusão. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm.

_____. **Constituição Federal (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 13 out. 2020.

_____. **Decreto n. 6571, de 17 de setembro de 2008**. Brasília, DF, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6571.htm. > Acesso em: 19/06/20.

_____. **Decreto n. 7611, de 17 de novembro de 2011**. Brasília, DF, 2011, Disponível em <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=7611&ano=2011&ato=009E-TUU9UMVpW7a6a>. > Acesso em: 19 jun. 2020.

_____. **Lei n. 10.172, de 9/1/2001**. Estabelece o Plano Nacional de Educação. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm Acesso em: 19/06/20.

_____. **Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/l13146.htm. > Acesso em: 19/06/20.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/ SEESP, 2008. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>.

CARDOSO, Eduardo; CUTY, Jeniffer. **Acessibilidade em ambientes culturais**. Porto Alegre: Marca Visual, 2012,

CUNHA, R. **Atendimento Educacional Especializado e Família: Uma Parceria Significativa**. Quando a Educação Especial de Qualidade Acontece. p 109-116, São Paulo, out. 2019.

FERREIRA BRITO, Lucinda. **Integração social & educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

_____. & BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida**: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. São Paulo: Ática, 1985.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez/IPF, 2001.

_____. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. 4.ed. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 1994. p. 310.

GIROUX, Henry A. **Professores como Intelectuais Transformadores**. In: _____. A. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, 157-16

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. In: Educação como exercício de diversidade.[S.l: s.n.], 2007.

PACHECO, José Augusto (org.). **Políticas de Integração Curricular**. Porto Editora, Coleção: Currículo, política e práticas. 2000, p. 08.

PADILHA, Paulo Roberto. **Educar em todos os cantos**: por uma Educação Intertranscultural. São Paulo, Cortez/IPF, 2007/ Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2007;2012.

POZO, J. I. **Aprender a resolver problemas e resolver problemas para aprender**. In: POZO, J. I. (org.). **A solução de problemas**: aprender a resolver, resolver para aprender. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação, Coordenadoria Pedagógica, Divisão de Educação de Jovens e Adultos: **princípios e práticas pedagógicas volume 1**/Secretaria Municipal de educação – São Paulo: SME/COPED 2016

_____. SME. **Decreto nº 43052 de abril de 2003**. Cria os Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos- CIEJAs. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/decreto/2003/4305/43052/decreto-n-43052-2003-cria-os-centros-integrados-de-educacao-de-jovens-e-adultos-CIEJAs>.

_____. SME. **Decreto nº 53.676 de dezembro de 2012**. Regulamenta a Lei nº 15.648, de 14 de novembro de 2012, que estabelece diretrizes para o funcionamento dos Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos - CIEJAs na Rede Municipal de Ensino do Município de São Paulo. Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-53676-de-28-de-dezembro-de-2012>

SAUL, A. M; SAUL, A. **Mudar é difícil, mas é possível e urgente**: Um novo sentido para o Projeto Político-Pedagógico da escola. Revista Teias, UERJ Rio de Janeiro v. 14. n. 33, 2013.

SILVA, C. **Música como Recurso no Atendimento Educacional Especializado para Jovens e Adultos**. Quando a Educação Especial de Qualidade Acontece. p 43-50, São Paulo, out. 2019.

VEIGA-NETO, A. Cultura e currículo. **Revista Contrapontos**. Itajaí. jan/abr - ano 2 – nº 4, 2002.

ZERBATO, A. P. e Mendes, E. G. **Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar**. Educação Unisinos 22 (2), 147-155, 2018.



CONTATOS DOS CIEJAS:

CIEJA Campo Limpo

Nome do Coordenador Geral: Diego Elias
Dre responsável: DRE Campo Limpo
Endereço: Rua Cabo Estácio da Conceição, n. 176
Telefone: 5816-3701
Blog: <http://blogdoCIEJAcampolimpo.blogspot.com/>
instagram: @CIEJAcampolimpo
Facebook: Ações Permanentes - CIEJA Campo Limpo

CIEJA Clóvis Caitano Miquelazzo (DRE-IP)

Rua François Bunel, 250
Parque Bristol - CEP 04193-310
Telefones: 2334-2300 / 2334-2400
E-mail: CIEJAccmiquelazzo@sme.prefeitura.sp.gov.br
Facebook: <https://www.facebook.com/CIEJAclovis>

CIEJA Ermelino Matarazzo

Av. Paranaguá, 1954 - Ermelino Matarazzo, São Paulo - SP, 03806-000
Telefone: (11) 2546-1603
E-mail: ciejaermelinomatarazzo@sme.prefeitura.sp.gov.br
Blog: <http://ciejaematarazzo.blogspot.com/>
Facebook: <https://www.facebook.com/ciejaematarazzo>

CIEJA Francisco Hernani

Coordenadora Geral – Antonia Elenir Nogueira Comin
R. Francisco Ramos, 132 – Jd Consórcio
São Paulo – SP, CEP 04437-060
(11) 5631-5703
(11) 5632-0391
E-mail: CIEJAfranciscohernani@sme.prefeitura.sp.gov.br
Facebook: <https://www.facebook.com/CIEJAfranciscohernani/>

CIEJA Iguatemi

Av. Ragueb Chohfi, 3747 - Jardim Três Marias, São Paulo - SP
Telefone: (11) 2059-8918
Facebook: <https://pt-br.facebook.com/ciejaiguatemi/>

CIEJA Itaquera - DRE (IQ)

Coordenador Geral: Mercí Rodrigues Medeiros
Endereço: Av. Itaquera, 221- Cidade Líder- CEP: 08285-060.
Telefone: 2741-9801/ 2746-4683
Mídias Sociais: <https://www.facebook.com/CIEJA.itaquera;>

CIEJA Jéssica

R. Antônio Mariani, 425 - Jardim Adhemar de Barros, São Paulo - SP, 05580-060
Telefone:(11) 3722-0656
E-mail: ciejabutanta@sme.prefeitura.sp.gov.br
Blog: <https://ciejanarede.wordpress.com/>

CIEJA Lélia Gonzalez

Praca Do Trabalhador S/N - Parque Maria Fernandes, São Paulo - SP, 04858-455

Telefone: (11) 5938-7334

E-mail: ciejaleliagonzalez@sme.prefeitura.sp.gov.br

Facebook: <https://pt-br.facebook.com/ciejaleliagonzalez/>

CIEJA Prof.ª Marlúcia Gonçalves De Abreu

Endereço: Av. Mateo Bei, 1651 - Cidade São Mateus, São Paulo - SP, 03949-011

Telefone: (11) 2017-1272

E-mail: ciejamga@sme.prefeitura.sp.gov.br

Instagram: <https://instagram.com/cieja.marluvia?igshid=12mbbmdm855rv7>

Facebook: <https://www.facebook.com/pages/Cieja-Prof-Marluvia-Goncalves-De-Abreu/751888984870042>

CIEJA Perus I

Endereço: R. Francisco José de Barros, 160 - Vila Inacio, São Paulo - SP, 05211-150

Telefone: (11) 3917-7953

<http://imprensajovemmais.com/>

Facebook: <https://www.facebook.com/ciejaperus/>

Twitter: @ciejaperus1

YouTube: CIEJA PERUS I EDUCOM: <https://www.youtube.com/channel/UCfDexo5XLqFcbSDzUlGzqcw/>

UCfDexo5XLqFcbSDzUlGzqcw)

TV Cieja Perus: (https://www.youtube.com/channel/UC2MzTZON-v_jm3kPmWXG64Q)

CIEJA Prof.ª Rosa Kazue Inakake de Souza

DRE – Guaianases

Rua Doutor Meira Pena, 33, Vila Lourdes, CEP 08410-080

Fones: 2557-1831/2551-9338

Email: CIEJArosakazue@sme.prefeitura.sp.gov.br

Facebook: CIEJA Professora Rosa Kazue

Coordenador Geral: Luis Carlos Mazzarolo

CIEJA Prof.ª Rose Mary Frasson

Endereço: Rua Jitaúna, 30 - Jardim Maracana, São Paulo - SP, 02839-070

Telefone: (11) 3859-0011

Facebook - CIEJA Rose Mary Frasson@ciejafreguesia

<https://pt-br.facebook.com/ciejafreguesia/>

E-mail: ciejafo@sme.prefeitura.sp.gov.br

CIEJA Santana / Tucuruvi

Diretoria Regional de Educação J/T

Rua: Coronel João da Silva Feijó, 34

Parque do Mandaqui – CEP: 02422-200

Tel: 2231.7755/ 22332170

E-mail: CIEJAsantanatucuruvi@sme.prefeitura.sp.gov.br

Blog: <http://CIEJAsantanatucuruvi.blogspot.com/>

Facebook: <https://www.facebook.com/CIEJAsantanatucuruvioficial/>

<https://www.facebook.com/ciejafreguesia/>

Instagram: <https://instagram.com/CIEJAsantanatucuruvi?igshid=pzfg3t1e8nlg>



CIEJA Sapopemba

End. Rua Sargento Luis Rodrigues Filho, 40

(11) 29192069

(11) 20193514

E-mail: CIEJAsapopemba@sme.prefeitura.sp.gov.br

Facebook: <https://bit.ly/CIEJAsapopemba>

CIEJA Paulo Emilio Vanzolini, CIEJA

Endereço: R. Cesário Ramalho, 111 - Cambuci, São Paulo - SP, 01521-000

Telefone: (11) 3208-7820

Facebook: <https://www.facebook.com/cejapauloemilio.vanzolini>

YouTube: <https://youtube.com/channel/UC0gJSqLRaqRPFXABmKZgpqw>

Blog: <https://cejapauloemiliovanzolini.blogspot.com/>

CIEJA Vila Maria / Vila Guilherme

Rua Francisco Franco Machado, 68 -Vila Sabrina SP-SP

Fone: 2201.65.02 /2951.0216 WhatsApp - 2201.65.02

E-mail: CIEJAsabrina@sme.prefeiruta.sp.gov.br

Facebook - CIEJA Vila Sabrina

Blog - CIEJAvilasabrina.blogspot.com

Consulte as obras disponíveis na Biblioteca Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação.
educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/centro-de-multimeios/biblioteca-pedagogica

e-mail: smecopedbiblioteca@sme.prefeitura.sp.gov.br

Telefone: 55 11 3396-0500



CIDADE DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO